

REVISTA **Águas** *do Rio Doce*

Fortalecendo a gestão das águas pelo desenvolvimento sustentável

Ano III - Nº 07 - NOV / DEZ - 2007 / JAN / FEV - 2008 - Circulação Dirigida - R\$ 5,00



BAIXO RIO DOCE

Potencial da região atrai olhares do Brasil e do mundo

LINHARES

Cidade se prepara para o 4º Fórum das Águas do Rio Doce. Ziraldo é o patrono

FRUTICULTURA

Integração da cadeia produtiva se fortalece na relação entre produtor e indústria

ANIVERSÁRIOS

Comemorações dos 10 anos do Consórcio Guandu e 50 anos do SAAE Linhares

RIO MAR

A foz do Doce, grande, bela e rica, está frágil e ameaçada



A MAIOR VAI FICAR... AINDA MAIOR!

A Kifrango é o maior abatedouro de frango do Espírito Santo.

A empresa compreende os setores de produção, processamento e comercialização de aves. São 65 aviários com 110 mil m² de área construída, um abatedouro com capacidade para 25 mil aves/dia, uma fábrica de ração e uma indústria de subprodutos.

E no segundo semestre de 2008, a Kifrango será ainda maior.

Com a conclusão do projeto de expansão realizado no abatedouro, a Kifrango praticamente dobra a capacidade produtiva e muda para melhor o perfil da avicultura do Espírito Santo.





Protenorte Alimentos: agregando valor à avicultura capixaba

O ano de 2008 vai marcar uma importante etapa no desenvolvimento da Protenorte - Alimentos S/A. Está previsto para o segundo semestre do próximo ano o início das operações das novas instalações da indústria de frango congelado da empresa. A obra faz parte do projeto de expansão da Protenorte e vai agregar valor à avicultura capixaba.

Localizada em Linhares, a Protenorte, detentora da marca Kifrango, é o maior abatedouro de frangos do Espírito Santo, sendo responsável por 13,73% da produção capixaba. Atualmente na indústria são abatidas diariamente 25 mil aves. Com a expansão, a Protenorte passa a ter uma capacidade produtiva para abater 45 mil aves/dia.

O investimento de R\$ 21 milhões, sendo R\$ 12,028 milhões do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), R\$ 4,5 milhões de recursos próprios e o restante a contratar, vai gerar 200 novos empregos e contribuir para mudar o perfil da avicultura capixaba. Tradicionalmente o Espírito Santo é exportador de aves vivas. De acordo com a Associação dos Avicultores do Espírito Santo (Aves), das 3,5 milhões de

cabeças produzidas mensalmente no Estado, 43% são consumidas no Espírito Santo. O restante é enviado para Rio de Janeiro (38%), Bahia (9%), Minas Gerais (6%), e outros (4%).

Com o investimento da Protenorte, o setor passa a contar com uma indústria equipada com tecnologia de ponta e capacidade para absorver boa parte da produção de frangos do Estado.

Fundada em 1976, a Protenorte registra avanços contínuos. Ultrapassando barreiras consideradas relevantes para o desenvolvimento da atividade, a empresa mostrou que é possível produzir e abater frangos de elevada qualidade no Norte capixaba.

A Protenorte é composta de um parque industrial e 65 aviários com capacidade individual para 25 mil frangos instalados em 10 propriedades rurais próprias. São 491 funcionários.

Os produtos com a marca Kifrango são comercializados no Norte do Espírito Santo, Sul da Bahia e Leste de Minas Gerais.

A **PROTENORTE** apóia o 4º Fórum das Águas do Rio Doce



AIMORÉS

Em busca de novos rumos

Fundado em 18 de setembro de 1915, o nome do município é uma homenagem aos índios Aimorés, primitivos habitantes de suas terras. Famosa por ser uma das cidades mais quentes do estado de Minas Gerais, com temperaturas médias que beiram os 30 graus centígrados, Aimorés tem orgulho de produzir mangas muito saborosas, esperadas o ano inteiro pela população e visitantes. A cidade ocupa posição geográfica estratégica, sendo cortada pela EFVM - Estrada de Ferro Vitória a Minas - e as rodovias federais BR-259 e BR-474. Sua economia gira em torno da pecuária leiteira e de corte, da agricultura de arroz, feijão, milho, cana-de-açúcar e café, um comércio diversificado e algumas pequenas indústrias.

Entre belos e interessantes agrupamentos rochosos do município como a pedra Bonita, pedra da Fundanga e

a pedra da Onça, destaca-se a pedra Lorena - símbolo do município. O nome é uma referência a uma lenda aimoreense, sobre uma índia chamada Lorena. Um ponto turístico ideal para caminhadas, prática de vôo-livre, escalada, rapel e motocross é a pedra do Souza. São mais de 436 metros de altitude e para se chegar até o cume é necessário percorrer uma trilha de 1.300 metros. No alto da pedra do Souza está a capela Cristo Rei, construída em 1953.

Além das pedras, diversas cachoeiras estão espalhadas pela zona rural do município como a da Babilônia, do Alarico e do Anastácio, no córrego Capoeirinha. Outro destaque é o lugar chamado Canalão do Rio Doce, uma corredeira própria para a prática de bóia-cross, rafting e canoagem, mas temida pelo seu grau de dificuldade.

O município, assim como quase

toda a região do médio rio Doce, enfrenta sérios problemas ambientais tais como falta de cobertura vegetal, assoreamento de cursos d'água e extinção de nascentes. Nos últimos anos ganhou um grande parceiro na busca de soluções para os problemas sócio-ambientais: o Instituto Terra, fundado em 1999 por Sebastião Salgado, filho da terra, e sua mulher Lélia. O instituto desenvolve pesquisas científicas e ações de educação ambiental visando recuperar e preservar os remanescentes de mata atlântica na região.

Aimorés abriga a usina hidrelétrica Eliezer Batista, inaugurada em 2006 pela Cemig - Companhia Energética de Minas Gerais, em parceria com a CVRD - Companhia Vale do Rio Doce. Com capacidade de geração de 330 Megawatts, a usina mudou a paisagem física, econômica e social da cidade.

VISITANTE ESPACIAL



No município, análises geomórficas e fotografias registradas por satélites revelaram a existência de uma cratera com a forma aproximada de um círculo. Esta formação, denominada de Cratera de Aimorés, está localizada às margens do rio Doce, a 5,5 quilômetros ao norte da cidade, já quase na fronteira com o estado do Espírito Santo.

Acredita-se que o buraco tenha sido provocado há milhares de anos pela queda de um meteorito. No local, já se

vê uma pequena cobertura vegetal, embora seja bastante perceptível, nas amostras por satélite, o deslocamento de uma grande massa de terra como consequência de tal impacto. O diâmetro da cratera é de aproximadamente 9,6 quilômetros. Segundo pesquisadores, há um grande indício de que o choque do meteorito tenha provocado, na região, o desvio do curso original do rio Doce.

AGRICULTURA ecológica e solidária

Aimorés, como pólo regional, lidera um projeto de gestão compartilhada do desenvolvimento sustentável de mais quatro municípios do entorno: Resplendor, Itueta, Santa Rita do Itueto e Conselheiro Pena. Tendo como principal parceiro o MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário - o projeto visa sensibilizar, mobilizar e capacitar as entidades representativas da agricultura familiar, técnicos e estagiários dos cinco municípios enfocando a solidariedade e agroecologia.

Este é o primeiro projeto regional,

e os municípios já estão planejando novas ações integradas. O passo seguinte será implementar o CIDSMRD - Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Sustentável do Médio Rio Doce - que já está sendo articulado pela Prefeitura Municipal de Aimorés, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, desde maio de 2005.

A expectativa é que o Projeto de Fortalecimento das Associações de Agricultura Familiar beneficie uma população de 75.516 habitantes, numa área aproximada de 9.518 Km².

PALAVRA DO PREFEITO



Unindo forças

É através do saber e do conhecimento que a humanidade evolui e avança na busca de melhores condições de vida, tanto em nível individual, quanto coletivo. Para ampliar horizontes, alçar novos vãos em busca de metas ousadas e objetivas é preciso sonhar mais alto, pensar mais longe, realizar mais.

Neste sentido, compete ao Poder Público colaborar na orientação do caminho e fornecimento dos meios viabilizadores do saber. O essencial é cuidar de todos, tornando Aimorés uma cidade melhor, com mais qualidade de vida, mais respeito e dignidade. O povo se orgulha por acreditar na atuação da administração pública em diferentes eixos da sociedade. Estamos trabalhando em todas as frentes, unindo forças, somando esforços, multiplicando realizações. E assim buscamos valorizar nossa terra e nosso povo.

Alaerte da Silva
Prefeito de Aimorés

Carta ao Leitor

Fazer um Fórum das Águas com foco na bacia hidrográfica do rio Doce foi algo que sonhamos juntos e vem se tornando realidade a cada ano. Começamos em Governador Valadares (2005), fomos para Colatina (2006), depois veio a cidade de Ipatinga (2007). De 2 a 5 de abril de 2008, Linhares nos espera.

Hoje, entre uma reunião da comissão de educação, um encontro do segmento de ciência e tecnologia ou uma articulação de apoio ao Sistema de Gerenciamento de Recursos Hídricos, visando planejar e preparar o 4º Fórum das Águas do Rio Doce, percebemos que em três anos de existência evoluímos muito. É gratificante saber que junto a nossos colaboradores e parceiros fizemos parte da ampliação da consciência ambiental, da integração e intensificação das discussões sobre a água na bacia. Já temos história para contar.

Em Linhares não será diferente. O município tem pressa, cresce mais rápido que o Brasil e busca desenvolvimento sustentável. Linhares é privilegiado. Maior município do Espírito Santo, tem as maiores planícies da bacia do Doce, potencial hídrico invejável, petróleo, gás, uma economia diversificada e vibrante.

É neste cenário próspero, voltado para o futuro, que se realizará o 4º Fórum das Águas do Rio Doce, pela primeira vez com caráter internacional. O evento possibilita troca de informações e experiências, apresentação de resultados, elaboração de agendas de trabalho, integração de atores e instituições, orienta a produção de conhecimento e as ações na bacia, e o mais importante, ajuda a preparar a sociedade para construir um mundo melhor para si e para as gerações futuras.

O município se prepara. Os ares conspiram a favor. E nosso sonho continua.

Edmilson Costa Teixeira
Pedro Paulo de Oliveira Martins
Zaira de Andrade Paiva

ÍNDICE

- 8** Linhares recebe 4º Fórum das Águas do Rio Doce
- 12** Saneamento: meio século de história
- 26** Entrevista internacional: Atem Ramsundersingh
- 84** Entrevista nacional: Ziraldo
- 43** Aroeira: madeira de dar em doido
- 55** Dez anos do Consórcio Guandu
- 71** Fruticultura: cadeia produtiva é beneficiada



Tamar / Ibama

- 22** Foz do rio:
Doce encontro

Sempre com a gente:

Cidades da Bacia: 4, 5, 97 e 98
Artigos: 11, 19, 33, 34, 39, 42, 48, 69, 83 e 92
Parcerias e Investimentos: 25, 32, 36, 38, 41, 70
Povo da Bacia: 47
Zé Dendágua: 88
Nas Águas do Doce: 90
Espaço das Águas: 93
Eu sou do Doce: 21
Território da Memória: 26
Acontece no lema: 86

REVISTA Águas do Rio Doce

Edição: Zaira Andrade - MTb-3169/MG
Redação: Fabiane Torres - JP-10429/MG
Fabiane Arêdes MG 10280JP
Copydesk: Iberê Paiva
Revisão: Carlos Alberto Fontainha - MTb-417
Projeto Gráfico e Diagramação:
Edilene Puccini Cunha - edilene@aguasdoriadoce.com.br
Ilustração: Marcos Santana
Fotografia: Mário Carvalho Neto, Jarley de Barros, Edilene Puccini, Alex Cavati, Nêgo Ponta, acervos das prefeituras de Itaguaçu, Aimorés, Baixo Guandu, Brejetuba, Laranja da Terra e Linhares, ADERC, Funasa-MG, Funasa-ES, Cesan, Jornal O Pioneiro, Consórcio Guandu, Seama/lema, Projeto Tamar/Ibama, ANBI, Instituto Terra, Projeto Águas do Rio Doce, divulgação Trop Frutas do Brasil, Feira do Verde, Saneam, SAAE/Linhares, SAAE/Itaguaçu, Telecom, Patty Publicidade, Projeto Desenvolvimento Associativo, CAF e Guilman Amorim
Colaboração: Anderson Soares, Gicélia Afonso de Souza, Priscilla Fabiana, Karla Libardi, Maria de Fátima Q. Martins, Jacqueline Tavares, Rosali Franco e Eloá Campos
Impressão: Gráfica Brasil-Lider / Caratinga-MG
gbrasilider@prodatanet.com.br
Tiragem: 13 mil exemplares
Fale conosco: redacao@aguasdoriadoce.com.br
CP 13 - Dom Cavati-MG / CEP: 35 148-000
Telefone: (35) 3357 1399
Departamento Comercial: Eri Pimenta
comercial@aguasdoriadoce.com.br - 55 (31) 8489 7589
Uma publicação do:

PROJETO Águas do Rio Doce

www.aguasdoriadoce.com.br

Coordenação:
Edmilson Costa Teixeira
Pedro Paulo de Oliveira Martins
Zaira de Andrade Paiva

Linhares, Terra do Verde e das Águas, sede do 4º Fórum das Águas do Rio Doce



A bacia hidrográfica do rio Doce atravessa dois estados, tem 230 municípios e 3,5 milhões de habitantes. Maior pólo minero-siderúrgico da América Latina, produz também celulose, café, frutas, gado, rochas ornamentais, roupas, móveis, petróleo e gás para o Brasil e o mundo. É o rio Doce que permite essa riqueza.

De 2 a 5 de abril de 2008 Linhares será a capital da bacia, pois promove o 4º Fórum das Águas do Rio Doce. O evento nasce do esforço integrado de prefeituras, governos federal, de Minas Gerais e Espírito Santo, empresas e instituições da bacia. Para o 4º Fórum das Águas do Rio Doce já confirmaram participação: Trop Brasil, Brametal, Minute Maid Mais, Frucafé, Grupo Lasa, Ducoco, Perfilados Rio Doce, Vital Engenharia Ambiental, Gaia, Caliman, Joana D'Arc, Sindimol, Engelmix, Petrobras, Kifrango, Sebrae, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil.



FÓRUM INTERNACIONAL

Os olhares do mundo se voltam para o Baixo Rio Doce

Uma intensa mobilização marca os preparativos para o 4º Fórum das Águas do Rio Doce, que será realizado de 2 a 5 de abril de 2008. A exemplo de Governador Valadares, em 2005, Colatina em 2006 e Ipatinga em 2007, Linhares será a capital da bacia hidrográfica do rio Doce durante os quatro dias do evento. São esperados cerca de 100 mil visitantes, entre crianças, universitários, empresários, lideranças políticas e representantes da sociedade civil, na sua maioria moradores da região do baixo rio Doce. Especialistas estrangeiros também já confirmaram participação.

Sob o tema "Do Doce para o mundo", a expectativa é de que a quarta edição do Fórum das Águas do Rio Doce traga para a pauta de discussões experiências locais, regionais, nacionais e internacionais em revitalização de bacias.

A estrutura do evento ocupará uma área de 38 mil metros quadrados envolvendo as instalações da Faceli / UAB – Faculdade de Ensino Superior de Linhares/Universidade Aberta do Brasil, parte das instalações da Escola Polivalente Linhares 1 e o Ginásio Poliesportivo do BNH - Bairro Novo Horizonte.



CAPITAL DA BACIA

Linhares, a cidade sede do 4º Fórum das Águas do Rio Doce, tem cerca de 127 mil habitantes e é conhecida por sua riqueza em recursos naturais. Possui 69 lagoas naturais e 68 km de litoral, numa área de 3.506 km². Quinze por cento do seu território está preservado em pequenas áreas e em quatro grandes Unidades de Conservação. Abriga a foz do rio Doce, na Vila de Regência, e importantes jazidas de petróleo e gás natural.



MOVIMENTA A REGIÃO

Local de instalação
do Monumento
das Águas

Faceli/UAB

ECONOMIA

Linhares tem economia diversificada, com tradição em prestação de serviços, setor rural forte e indústria em desenvolvimento. É um dos cinco pólos moveleiros mais importantes do país. O agronegócio inclui gado, cacau, cana, eucalipto e a cadeia produtiva da fruticultura. A reserva de gás natural é estimada em 25 bilhões de metros cúbicos e abastece a área urbana da capital, Vitória. As principais localizações do petróleo no município estão em terra e são exploradas pela Petrobras em parceria com os produtores rurais da região costeira, que recebem *royalties* pela utilização de suas terras.

OPINIÃO



"O Fórum das Águas do Rio Doce é um evento importante para a bacia, que vem crescendo a cada ano. Linhares está se preparando para fazê-lo ainda melhor e com participação internacional. Durante os quatro dias do evento os olhos de Minas Gerais e do Espírito Santo estarão voltados para Linhares. Teremos a presença de mais de cem prefeitos, muitos deputados estaduais, federais, senadores e ainda estarão conosco os governadores Paulo Hartung e Aécio Neves. Será um momento importante para fortalecermos compromissos com a revitalização da bacia".

José Carlos Elias, prefeito de Linhares

"A participação de estudantes e professores é fundamental para o sucesso do evento. Esperamos que o Fórum fortaleça a educação ambiental em nosso município. A partir da realização deste evento nossos alunos estarão mais conscientes e nossos professores mais capacitados para instruir as gerações futuras".

Maria de Lourdes Franco Alves, secretária municipal de Educação

"É preciso considerar a água como um fator de desenvolvimento para o município. A realização do 4º Fórum Internacional em Linhares trará esse tema para a discussão e apresentará caminhos".

Edval Santana, secretário municipal de Desenvolvimento

"Linhares só tem a ganhar com a realização deste evento. Temos o maior complexo lacustre da bacia e um grande potencial turístico. Essa é a oportunidade de nos prepararmos para um turismo sustentável".

James Gama, secretário municipal de Turismo

"O Fórum irá plantar a semente. Nós temos o compromisso de dar continuidade ao trabalho de preservação da nossa bacia".

Enoque Nunes, secretário municipal de Meio Ambiente

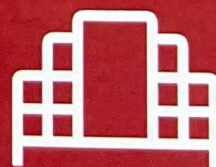


Para o seu
bem estar

RESTAURANTE ABERTO AO PÚBLICO DIARIAMENTE



Academia
Salão de convenções
Internet banda larga
serviço de bufet completo
Reconhecido pela revista
4 Rodas



Metropolitano hotel

Av. Sanitária, 644 - Bom Jesus - Coronel Fabriciano - MG
CEP: 35170 023 - Telefax: (31) 3842 2005

www.hotelmetropolitano.com.br



Água num mundo em mudanças

Fabiane Torres *

No último mês de junho participei do simpósio internacional "Água num mundo em mudanças: valorizando o conhecimento local e a capacitação" em comemoração ao 50º aniversário de um dos mais importantes centros de excelência da área de recursos hídricos do mundo: o Unesco-IHE - Instituto de Educação para a Água sediado na histórica cidade medieval de Delft, na Holanda. País que tem um terço de seu território abaixo do nível do mar, a Holanda desenvolveu amplo conhecimento e uma das melhores tecnologias mundiais no setor. De acordo com o IPCC - Painel Internacional de Mudanças Climáticas, uma das instituições ganhadoras do prêmio Nobel da Paz de 2007, este país será um dos mais afetados pela elevação do nível dos oceanos provocada pelo aquecimento global.

O encontro discutiu temas como a Disseminação do Conhecimento e Valorização do Saber Local, Conhecimento e Capacitação em Recursos Hídricos, Integridade do Meio Ambiente, Urbanização, Governança das Águas e Redes de Informação. Participou do simpósio a elite mundial da área de recursos hídricos de cerca de quarenta países dos cinco continentes do planeta, representando a ONU, organismos internacionais, os governos nacionais, o setor privado e entidades da sociedade civil. A bacia do rio Doce foi destaque no livro comemorativo "Stories from the Field" (Histórias da Realidade Local) através do relato de experiências do consultor ambiental do Projeto Águas do Rio Doce Cláudio Bueno Guerra. Ex-aluno do Instituto, Guerra foi um dos 25 profissionais da área de recursos hídricos de todo o mundo selecionados para ter artigo publicado no livro e participar do simpósio, quando recebeu homenagem por seu trabalho ao longo dos anos no Brasil, sobretudo na bacia do Doce.

Uma das principais conclusões do encontro foi a necessidade urgente de aumentar o número

de especialistas em recursos hídricos em todo o mundo. Ficou claro por parte dos presentes que as mudanças só ocorrem quando há uma combinação de fatores como pressão social, estrutura jurídico-institucional razoável, lideranças políticas e empresariais trabalhando a seu favor. As discussões apontaram que para o sucesso da integração entre os diversos segmentos da sociedade são fundamentais a capacitação institucional e a estratégia de ações, mas, sobretudo, o esforço coletivo e a credibilidade dos agentes envolvidos.

Em linhas gerais se destacam como as mais relevantes recomendações do simpósio Unesco-IHE a capacitação de indivíduos e instituições; o investimento em educação nos países pobres, principalmente para a alfabetização para a água na escola primária; e a valorização dos atores locais (usuários de água, empresas, governos, ONGs) como produtores de conhecimento.

A melhoria da comunicação entre as instituições ligadas à questão da água e a sociedade em geral foi também considerada fundamental para o processo de mudanças, que deve estimular e envolver a participação da mídia. Durante o simpósio, especialistas abordaram a premente demanda por investimento na capacitação em recursos hídricos voltada, especialmente, para profissionais da área de comunicação social, elementos-chave na busca pela integração dos diferentes atores sociais. O convívio de sete dias e a troca de experiências com jornalistas de vários países me permitiu adquirir uma visão de conjunto de como a mídia internacional vem tratando a questão do meio ambiente. Voltei do simpósio convencida de que o tão falado processo de mudanças de mentalidades e atitudes começa também, não obstante, dentro de nós, jornalistas. Precisamos nos dedicar e trabalhar mais neste sentido.

*Fabiane Torres é técnica em meio ambiente, jornalista e assessora de comunicação do Projeto Águas do Rio Doce.
e-mail: imprensa@aguasdoriadoce.com.br

Saneamento na bacia

Mais de meio século de história

O saneamento básico é um serviço público fundamental à qualidade de vida e à saúde. O acesso a serviços de qualidade é direito social básico assegurado constitucionalmente a todos. De acordo com a conceituação clássica inscrita no Manual de Saneamento do Ministério da Saúde, de 1981, saneamento é “o conjunto de medidas que visam a modificação das condições do meio ambiente com a finalidade de promover a saúde e prevenir as doenças”.

A prestação de serviços no setor de saneamento no Brasil até o início dos anos 1930 era realizada em pequena escala pelo setor público e na sua maioria por empresas privadas. Ao estado, que dava a concessão da prestação desses serviços, cabia o papel normativo e fiscalizador.

No ano de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial foi criado no país, em associação com o governo americano, o Sesp - Serviço Especial de Saúde Pública. As áreas prioritárias de atuação delimitadas pelo governo Vargas eram a região amazônica e o Vale do Rio Doce por serem produtores de matérias-primas estratégicas utilizadas na guerra. A finalidade do Sesp era integrar ações de saneamento, abastecimento de água e esgotamento sanitário às ações de atenção básica à saúde, como forma de controle de epidemias.

No entanto, já na primeira década de trabalho, técnicos do Sesp perceberam que os sistemas implantados se deterioravam rapida-

mente ou tornavam-se totalmente inoperantes por falta de capacidade de gestão das prefeituras. Por isso foram criados os SAAEs - Serviços Autônomos de Água e Esgotos - sob a forma de autarquias municipais, com a finalidade específica de gerir os sistemas de água e esgotos dos municípios. A administração dessas autarquias era contratada pelos municípios junto ao Sesp, mediante uma taxa calculada sobre a arrecadação dos serviços.

Pioneirismo

O Vale do Rio Doce saiu na frente no setor de saneamento do Brasil. Optando por um modelo de gestão baseado na descentralização administrativa, o Sesp, em 1952, organizou no município de Governador Valadares-MG o primeiro SAAE do país, entidade com autonomia jurídica, administrativa e econômica.

Em 31 de outubro de 1953, novamente o rio Doce é pioneiro. Baixo Guandu-ES foi a primeira cidade brasileira a contar com a fluoretação

da água no abastecimento público. A cidade dispunha de um moderno sistema de abastecimento de água implantado pelo Sesp para minimizar o alto índice de cáries dentárias da população.

O sucesso da experiência em Governador Valadares propiciou ao Sesp, ao longo dos anos, a criação e administração de diversas outras autarquias na bacia do rio Doce. Em 1955, o SAAE de Itabira; em 1957, o SAAE de Linhares; e em 1967 o SAAE de Colatina, que hoje se chama Sanear.

Em 1960, através da Lei nº 3.750, o Sesp foi transformado em FSESP - Fundação Serviço Especial de Saúde Pública, vinculada ao Ministério da Saúde. Em 1990, a FSESP foi extinta e um ano depois instituída a Funasa - Fundação Nacional de Saúde, com a missão de realizar, entre outras funções, saneamento ambiental em todos os municípios brasileiros e atenção integral à saúde indígena. Hoje, apesar de não mais administrar nenhum SAAE na

bacia, a Funasa continua a colocar à disposição dos municípios todo o seu acervo técnico e profissional. Segundo dados da Funasa, existem 48 SAAEs espalhados em toda a bacia.

Funasa na bacia do rio Doce

Ao longo dos 65 anos de experiência, a Funasa consolidou seu papel de órgão de fomento do saneamento na bacia do rio Doce realizando pesquisas e desenvolvendo novas tecnologias ligadas à gestão de serviços de água e esgoto. A atuação da Funasa na bacia se dá através das Cores - Coordenações Regionais - de Minas Gerais e do Espírito Santo.

Para apoiar tecnicamente os SAAEs e demais prestadores de serviços de saneamento, em parceria com estados e municípios, a Fundação retomou, em 2005, o Programa de Cooperação Técnica, extinto em 1999. Dos 25 municípios que contam com o Programa de Cooperação Técnica no Espírito Santo, doze estão localizados na bacia hidrográfica do rio Doce. Por meio desta parceria, a instituição apóia a operacionalização dos sistemas implantados, análise da qualidade da água, manutenção de estação de tratamento de esgotos, bem como a preparação dos projetos. De acordo com dados da Funasa, nos últimos

três anos foram disponibilizados para os municípios que integram a bacia do Doce no Espírito Santo R\$ 3.848.663,85 para realização de obras de saneamento básico.

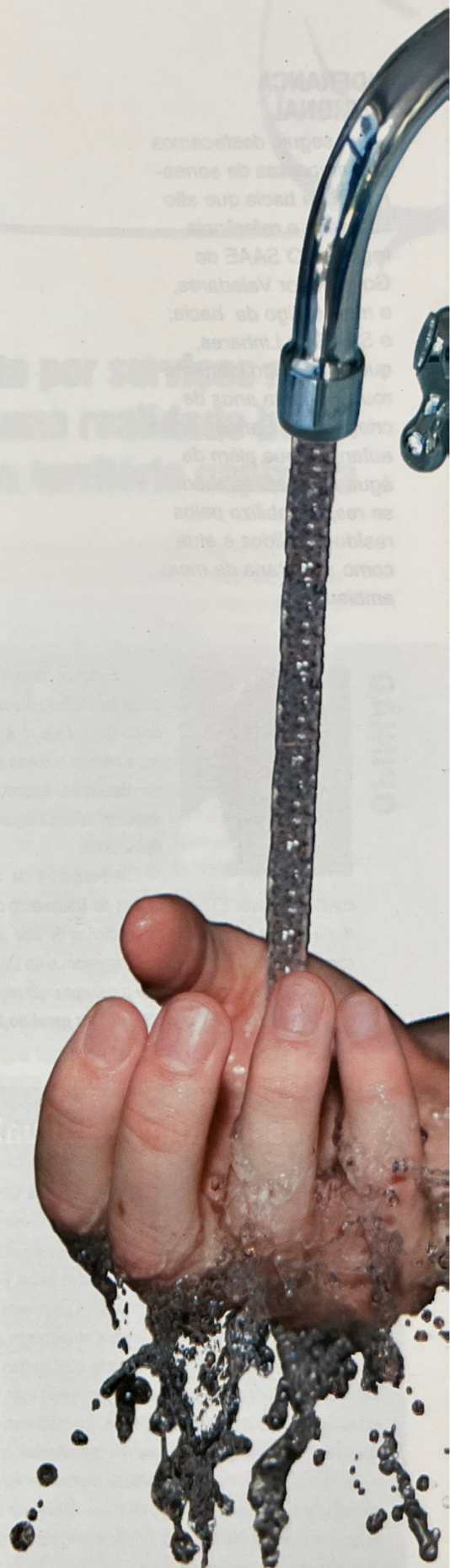
Um valor semelhante foi investido na porção mineira da bacia no mesmo período. Foram onze convênios de esgotamento sanitário, no valor de R\$1,8 milhão, e dezenove convênios de sistemas de abastecimento de água, R\$2,1 milhões. Outros 64 projetos estão em análise, totalizando quase R\$13 milhões. Mas os maiores esforços da Fundação em Minas têm sido para a criação de consórcios públicos com base na Lei Federal 11.107 de 2005. Na bacia do Doce, 29 municípios já fazem parte de consórcios públicos e três municípios-pólo estão em fase de constituição de consórcios regionais: Viçosa, Itabira e Governador Valadares.

"O setor está a cada dia mais organizado. Além dos consórcios que começam a despontar, já podemos contar com a Rede de Saneamento Ambiental da Bacia do Doce, surgida no seio do Fórum das Águas do Rio Doce. Isso significa mais entrosamento, mais união e com certeza se traduzirá em mais força política para buscar investimentos na região", finaliza Hêlbio Moraes, engenheiro da Funasa/MG.

Saneamento básico agora é lei

O ano de 2007 pode representar um divisor de águas para o setor de saneamento no Brasil. Depois de muita discussão no Congresso foi sancionada em janeiro deste ano a Lei Federal 11.445, que estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico e define papéis para os entes federados e agentes intervenientes. De acordo com a nova lei, a política do setor deve estar em consonância, sobretudo, com a Política Nacional de Recursos Hídricos e em sintonia com os comitês de bacias hidrográficas, propiciando o uso racional desse recurso, combatendo o desperdício e colaborando com a qualidade ambiental.

Dentre as principais mudanças estabelecidas se destacam a conceituação do saneamento de forma ampla e integral, a indução à gestão participativa e ao controle social na administração desses serviços de forma a assegurar sua qualidade. Para isso, a lei criou o Sinisa - Sistema Nacional de Informações em Saneamento Básico, com o objetivo de coletar e sistematizar dados relativos às condições da prestação dos serviços públicos no setor, facilitando o monitoramento da eficiência de tais atividades. A Lei do Saneamento associada à Lei dos Consórcios Públicos (11.107/2005), promete atender parte significativa das reivindicações do setor.



LIDERANÇA REGIONAL

A seguir, destacamos três empresas de saneamento da bacia que são liderança e referência regional. O SAAE de Governador Valadares, o mais antigo da bacia; o SAAE de Linhares, que em agosto comemorou cinquenta anos de criação; e o Sanear, única autarquia que além da água e esgoto também se responsabiliza pelos resíduos sólidos e atua como secretaria de meio ambiente.

SAAE/GV - o maior da bacia

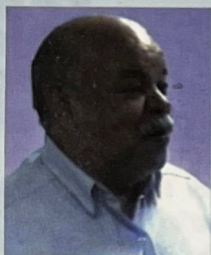
O Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Governador Valadares – SAAE/GV – foi criado em 1º de setembro de 1952, através de convênio de cooperação técnica com o antigo Sesp. Com o apoio do órgão, o SAAE foi acompanhando o crescimento do município, que passou dos 10 mil habitantes da época para os quase 250 mil atuais. De lá para cá, a autarquia passou por várias fases de melhoria e ampliação da sua infra-estrutura.

Depois de mais de cinco décadas, a cidade tem 99% da população com abastecimento de água de boa qualidade e 92% com coleta de esgoto. Várias obras de pavimentação, drenagem pluvial e ampliação das redes estão

sendo realizadas pelo SAAE em distritos. Desde 1988, com o fim do acordo de cooperação técnica com o Sesp, a autarquia é administrada pela prefeitura.

Hoje o SAAE é uma empresa que utiliza ferramentas modernas como o coletor de dados, que emite a conta no ato da leitura, o pregão eletrônico para compras pela Internet, o geoprocessamento, a telemetria para o controle do nível de água nos reservatórios e de pressão nas redes e o sistema de rastreamento de veículos, facilitando a logística do trabalho e a comunicação entre os funcionários, de forma a permitir que estes cheguem mais rápido a algum local necessitado do serviço.

OPINIÃO



"É motivo de muito orgulho para nós do SAAE de Governador Valadares ter iniciado o sistema de captação e tratamento de água na bacia do rio Doce. Hoje, o SAAE controla todo o sistema de abastecimento de água tratada e coleta de esgoto da cidade e dos distritos de Governador Valadares, levando qualidade de vida para as pessoas, pois estas dispõem de uma água padrão mundial, garantida pela qualidade ISO 9001: 2000.

A Prefeitura de Governador Valadares, através do SAAE, está construindo duas ETEs (Estações de Tratamento de Esgoto), a fim de contribuir para a despoluição do rio Doce e levar melhores condições de vida para a população de Governador Valadares, bem como de todas as cidades que margeiam o rio Doce. Assim, o SAAE/GV cresce cuidando da água e da saúde, preservando o que a natureza nos reserva de melhor: a vida!"

Maridhemar Elias de Sá, diretor geral do SAAE de Governador Valadares



Concessionárias estaduais

Copasa - Companhia de Saneamento de Minas Gerais, e Cesan - Companhia Espiritossantense de Saneamento – também promovem o abastecimento público de água e esgotamento sanitário. Juntas, as duas companhias atendem a 140 municípios da bacia. Diversos sistemas são mantidos pelas próprias prefeituras, através das secretarias e departamentos municipais ou prestadores de serviços privados. Com 44 anos de existência, a Copasa atualmente negocia suas ações na Bovespa - Bolsa de Valores de São Paulo, junto com outras duas grandes do setor, as companhias de saneamento do Paraná (Sanepar) e de São Paulo (Sabesp). Suas ações estão entre as cem mais negociadas. Por sua vez, a Cesan está celebrando quarenta anos de criação implantando novas tecnologias na bacia, para ampliar e melhorar o desempenho dos sistemas e reduzir perdas de água (em Santa Teresa, São Gabriel da Palha e Nova Venécia). Dos 26 municípios que integram a bacia do rio Doce no estado, a companhia opera em 50% deles, sendo onze atendidos por água e esgoto e dois por abastecimento de água.

OPINIÃO



"A Cesan do futuro será uma referência para o setor de saneamento no

Brasil. Isso será feito a partir da prática cada dia mais correta do seu papel de levar água tratada e cuidar da coleta e do tratamento de esgotos, proporcionando mais saúde e qualidade de vida a cada cidadão que utiliza o seu serviço".

Paulo Ruy Carnelli, presidente da Cesan e da AESBE - Associação das Empresas de Saneamento Básico Estaduais

Fazer história com uma gestão de resultado é muito mais saudável.



No Sanear, a gestão é profissional.

A preservação é negócio.
O desenvolvimento é diário.
A conscientização é ação.
Os recursos são fiscalizados.
A parceria é firme.
A conservação, a limpeza,
o abastecimento, a saúde
e a educação são compromissos.

É com esse pensamento que
o Sanear desenvolve a sua administração,
com significativos avanços, conquistas,
a garantia de um desenvolvimento
sustentável da cidade e muito mais
qualidade de vida para o cidadão de Colatina.

SANEAR saneamento ambiental

Há quarenta anos foi criado em Colatina o SAAE. Tempos depois ele uniu-se ao Samal - Serviço Autônomo de Meio Ambiente e Limpeza Urbana. Finalmente, em 2004 ele ganhou o nome Saneer - Serviço Colatinense de Meio Ambiente e Saneamento Ambiental – e o formato atual, com a extinção da Companhia Colatinense de Meio Ambiente e Saneamento Ambiental.

Abes

A Lei Federal 11.445 foi o ponto central do debate do 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, que ocorreu entre os dias 2 e 7 de setembro de 2007, em Belo Horizonte. Sob o tema "Saneamento ambiental – compromisso ou discurso?", o congresso aprofundou as discussões sobre a nova lei e cobrou rapidez na liberação dos recursos do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento. O congresso, realizado pela Abes - Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental, reuniu cerca de 4 mil pessoas entre engenheiros, técnicos sanitários, ambientalistas, executivos, autoridades, políticos e estudantes.

A autarquia presta serviços públicos de captação, tratamento e fornecimento de água; coleta e tratamento de esgoto; coleta, tratamento e disposição de resíduos sólidos; construção e manutenção de parques, praças e jardins; varrição de logradouros; e o exercício do poder de polícia administrativa para a fiscalização do cumprimento das normas de proteção ao meio ambiente e utilização dos recursos naturais. Colatina hoje exibe a considerável marca de 98% de

residências com água tratada, 85% com rede coletora de esgoto e oito estações de tratamento de esgoto sanitário.

O Saneer tem forte atuação na educação ambiental em Colatina e hoje é sede e exerce as funções de secretaria executiva do Consórcio Intermunicipal de Resíduos Sólidos do Norte do Espírito Santo, que dá destinação aos resíduos de saúde (lixo hospitalar) de dezesseis municípios, com cerca de 600 mil habitantes.

OPINIÃO



"Temos um modelo de gestão que apresenta bons resultados. Estamos inovando e buscando alternativas em favor de mais qualidade de vida da população. O Saneer começou a ser respeitado como gestor. Agora, está funcionando como órgão de saneamento ambiental. Paga em dia as dívidas, salários dos funcionários, enfim, toca um projeto de gestão com responsabilidade.

Temos feito muito, tornando o Saneer uma autarquia de credibilidade. Não se vê esgoto a céu aberto, ou outras situações que desapontam a comunidade. Praças abandonadas foram reformadas, outras construídas. No leque de melhorias vale destacar um projeto de coleta seletiva no interior que nos orgulha muito. A gestão do prefeito Guerino veio para deixar essa marca de qualidade, de transparência, de trabalho com planejamento. Claro que continuamos sonhando em fazer muito mais, vamos continuar trabalhando para fazer muito mais".

Cleuber Melotti, Presidente do Saneer



Limpeza urbana, tratamento de água, esgotamento sanitário e educação ambiental: Saneer atua de maneira integrada na proteção do meio ambiente e no saneamento

SAAE/LINHARES jubileu de ouro

Meio século de qualidade de vida e saúde para o linharenses. Esse é o principal motivo de orgulho do SAAE de Linhares, que comemorou seu aniversário com festas, competições esportivas, lançamento de livros, apresentações culturais, mas principalmente obras e muitas atividades de educação ambiental. Até um selo postal comemorativo foi lançado, em parceria com a Empresa Brasileira de Correios. As festividades ocorreram na última semana de julho e foram encerradas com uma campanha de distribuição de água em milhares de copinhos e panfletos educativos para a população.

A exemplo dos demais SAAEs, o de Linhares foi administrado pelo Sesp, depois pela Fundação Sesp e em 1999, com o processo de fortalecimento municipal na área de saúde pública, houve a transferência de gestão desses serviços para o próprio município, sendo assinado um novo modelo de cooperação técnica entre a Funasa e a prefeitura de Linhares.

Atualmente, o SAAE de Linhares é uma referência para outros municípios da bacia do rio Doce e foi destacado entre as maiores empresas de saneamento do país pela Revista Saneamento Ambiental na edição especial em agosto de 2006. É uma instituição moderna, com alta tecnologia e financeiramente estável. Atende toda a população urbana com abastecimento de água com índice de hidrometração – percentual de hidrômetros presentes nas casas – de 99,90%.

As atividades de promoção à conscientização de crianças, jovens e adultos quanto ao uso racional dos recursos hídricos na região incluíram palestras, oficinas, lançamento de livro, apresentações culturais, feira das águas, distribuição de cartilhas educativas e água potável e a Descida do Cinquentenário pelo Rio Doce, em destino à ilha do Imperador, na lagoa Juparanã



Primeiro ponto de captação de água, inaugurado quando a autarquia foi instituída, está totalmente restaurado. O local se tornou uma marca na história do SAAE de Linhares e está preparado para receber visita de estudantes, pesquisadores e da população em geral



A qualidade da água tratada é um ponto forte e orgulho do SAAE/Linhares. A instalação do Centro de Hemodiálise do município só foi possível graças à garantia dessa qualidade, especialmente no que diz respeito ao controle das cianobactérias – microorganismos que produzem gosto e odor desagradável na água, desequilibram ecossistemas aquáticos e liberam toxinas. A alta qualidade é fundamental para a redução dos riscos à saúde dos pacientes que necessitam da diálise.

O sistema de esgotamento sanitário do município também é responsabilidade do SAAE. A coleta de esgoto atinge 69,80% da cidade, que tem 23% do esgoto tratado. Para atingir gradativamente a meta de tratamento de todo o esgoto coletado no município, o SAAE está implantando novos sistemas como o de Rio Quartel, a primeira comunidade de Linhares a dispor de todo o processo de saneamento desde a captação de água bruta até o tratamento final do esgoto.

OPINIÃO



"O objetivo do SAAE/Linhares é saneamento para todos. Por isso investimos na capacitação dos nossos colaboradores nas mais diversas formas e modalidades, de acordo com o potencial de cada um, respeitando as individualidades. Criamos oportunidades para que sejam motivados a trabalhar em equipes auto-gerenciadas, com o objetivo de ampliar conhecimentos compartilhados e prazerosos. Buscamos transformar cada ambiente em lugar saudável e acolhedor, com um setor de recursos humanos voltado à humanização do ser, como prioridade e necessidade impar no crescimento da autarquia."

A outra vertente de investimentos é na aquisição de equipamentos de ponta e matéria-prima de qualidade, para inovar o sistema de forma global, a fim de diminuir os problemas de gestão na área de saneamento e para satisfação pessoal e profissional dos inseridos no processo."

Dicla Maria Pifer Brzesky, diretora do SAAE/Linhares



Entre as principais obras comemorativas estão a reforma de filtros e impermeabilização das paredes da ETA 1, que abastece todo o município, reformulação completa da ETE das localidades de Bebedouro, Pontal do Ipiranga e Farias, além da manutenção e recuperação da estrutura de todos os reservatórios elevados de Linhares



Saúde pública e saúde das águas

Arsonval Lamounier Jr.*

Saúde pública e gestão das águas têm um íntimo relacionamento. É interessante perceber tal proximidade, pois se trabalhadas dentro de uma ideologia semelhante, ambas podem ser parceiras diretas e alcançarem a mesma meta: qualidade de vida.

Primeiramente, há uma interface nítida: poluição das águas constitui risco direto à saúde da população. A água quando contaminada é meio de proliferação de doenças parasitológicas, agrotóxicos utilizados de maneira incorreta causam malefícios. Mas a questão não é tão simples. O acesso à água de qualidade é um direito humano fundamental no decorrer de todas as etapas do ciclo de vida. É indiscutível sua importância.

Também enxergamos uma bela metáfora: o corpo humano tem em torno de 75% de água, enquanto o planeta Terra guarda aproximadamente a mesma proporção de sua superfície coberta pelo essencial elemento. Através da educação ambiental, o relacionamento homem-planeta tem um potencial incrível na medida em que as pessoas se sintam Terra, vejam a saúde ambiental como extensão de sua própria saúde.

Lembro que o poeta já dizia "O rio que corre por este vale é o mesmo que corre em minhas veias". Este tipo de pedagogia, já trabalhada por diversos educadores ambientais e de saúde, promove no indivíduo um sentimento de acolhimento necessário para produzir resultados afetivos e emotivos que logo conduzem ao aumento da responsabilidade com o meio. Através do cuidado com o meio temos cidadãos mais plenos, participativos e cientes dos seus hábitos de saúde.

Tais características são fundamentais ao Sistema de Gestão de Recursos Hídricos proposto pela Lei das Águas e também à gestão do SUS –

Sistema Único de Saúde. Ambos são modelos em construção, valorizam a descentralização, garantem autonomia aos conselhos locais. Um exercício pleno da democracia. Do ponto de vista humanista, é importante valorizar durante a construção de processos sociais democráticos, como é o caso das águas e do SUS, que cada pessoa enxerga o mundo de uma maneira bem particular, cada um com seus medos e sonhos, suas possíveis ações e responsabilidades. Esta variedade de visões, de diferenças, deve vir mais no sentido de integração e colaboração do que servir a disputas ideológicas ou movimentos partidários. É na diferença que a democracia traz sua vantagem; ao debatermos idéias, aprimoramos o modelo e conseguimos avançar.

Como seria um Vale do Rio Doce mais democrático, responsável ambientalmente e participativo? Certamente este "nicho ecológico" deve ser ambiente de muito diálogo, onde valha o respeito, se fortaleçam os elos comunitários, o cuidado mútuo e o trabalho em rede, para chegarmos a uma meta comum. Para isso é necessário promover o cidadão do Doce, condição que a saúde pública define como o empoderamento do indivíduo, um aumento do poder que não reflete aumento da influência sobre o outro, mas significa a condição de devolver ao indivíduo e à comunidade sua autonomia.

Essa metodologia, fundamental para a saúde pública e a saúde das águas, se faz através do estímulo ao cuidado com a própria saúde, cuidado mútuo dentro da família e da comunidade, cuidado com sua casa, sua rua, seu meio ambiente. O humano é a questão-chave, a ecologia e o saneamento ambiental iniciam-se na sanidade humana, suas relações sociais, seu bem-estar físico e mental e a consequente possibilidade do exercício da cidadania.

*Arsonval Lamounier Jr. é médico, atualmente trabalha no PSF - Programa de Saúde da Família - de Governador Valadares - MG



Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Itaguaçu

ÁGUA QUE NOS DÁ VIDA

"A Natureza foi criada, e nos foi dada para que cuidássemos, e hoje o homem destrói sem pensar nas próximas gerações".

SAAE - Serviço de Autarquia Municipal que vem ao longo de 31 anos de existência buscando dar qualidade ao seu produto, de maior valor "ÁGUA", fonte de vida. Hoje com 2.649 ligações, atendemos usuários da Sede do Município e dos Distritos: Palmeira, Itagu, Itaimbé, com respeito e muita dedicação, com um quadro de 25 funcionários ativos, que com honradez servem à população.

A receita tem um valor reduzido, mas com grande esforço, conseguimos fazer pequenos investimentos com a ajuda do Governo Federal, FUNASA, do Governo Estadual e da Prefeitura Municipal, alcançamos grandes obras das quais destacamos:

- Estação de Tratamento de Água no Distrito de Palmeira com capacidade de 2 L/segundo (obra concluída);
- Estação de Tratamento de Água no Distrito de Itaimbé com capacidade de 2 L/segundo (em obras);
- Estação de Tratamento de Água no Distrito de Itagu com capacidade de 2 L/segundo (em obras);
- Ampliação da Estação de Tratamento de Água da Sede do Município com capacidade para mais 40 L/segundo (em obras);
- Esgotamento Sanitário (rede coletora com ligações domiciliares) na sede do Município;
- Elevatória de Palmeira;
- Elevatória na rua Aurélio Andriolli (Bairro Otto Luiz Hoffmann);
- Elevatória no Bairro São José (Cantinho Feliz);
- Aquisição de veículos;
- Reservatório para o Assentamento ITA;
- Reservatório da Comunidade São Bento (Alto Sobreiro);
- Substituição de 99% das bombas de captação e elevatórias do município e distritos, com uma economia no consumo de energia de aproximadamente 50%.



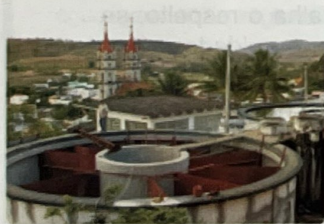
Reservatório do Assentamento ITA



Distribuição gratuita em eventos do Município



Esgotamento sanitário



Ampliação da ETA da Sede



Obras da ETA de Itagu



Obras da ETA de Itaimbé



ETA de Palmeira



Reservatório da elevatória - Otto L. Hoffmann



Reservatório da elevatória - São José



Aquisição de veículos

"Agradeço a Deus, minha família, meus amigos e colegas de serviço, por essa tarefa que me foi confiada de administrar esse órgão respeitado como é o SAAE de Itaguaçu"

Fabio Hell Andrade
Diretor Geral

Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Itaguaçu - Cooperação Técnica - FUNASA - Rua Cel. Marcondes de Souza, 228 - Centro
CEP 29690-000 - Itaguaçu - Espírito Santo - e-mail: saaeitagacu@uol.com.br
TELEFAX: (27) 3725-1162 / CEL: (27) 9975-3490 - PLANTÃO 24 HORAS - CEL.: 9975-3491



JOÃO BOSCO

Eu sou
do Doce

O menino de Ponte Nova

O cantor e compositor João Bosco é natural de Ponte Nova, nas cabeceiras do rio Doce. O artista que se consolidou como um dos maiores nomes da MPB acaba de completar 35 anos de carreira com mais de trinta discos. Inúmeras canções famosas fazem parte de seu repertório como O Bêbado e a Equilibrista; Rancho da Goiabada; Mestre-Sala dos Mares; Dois pra Lá, Dois pra Cá.

Nos trechos do depoimento gentilmente cedidos pelo blog www.tulipio.uol.com.br, João Bosco narra com carinho um pouco de sua história.

"(...) Meu nome é João Bosco de Freitas Mucci. Eu sou o sexto filho de Daniel Mucci, libanês, casado com uma mineira. A cidade toda comenta que meu pai foi realmente um grande goleiro no Pontenovense Futebol Clube, que na época tinha um time excelente. Quando eu nasci, no dia 13 de julho de 1946, minha família era composta somente de filhas. Então foi um motivo de muita celebração. Minha mãe conta que a minha casa ficou repleta de amigos libaneses e afins, que moravam em Ponte Nova, cuja colônia árabe era... até hoje... não sei por quê... muito expressiva."

"Em 1956, a minha irmã comprou um violão... Foi aí que eu comecei a tocar. Eu devia ter 10 pra

11 anos... Na verdade eu sempre estive junto da música. A minha irmã mais velha é pianista e hoje tem um coral lá em Ponte Nova, o coral aonde a minha mãe, já com 90 anos, violinista, participa... Fazia parte da educação a aula de piano. Qualquer casa tinha um piano! Nós éramos de uma família relativamente pobre e na minha casa tinha piano!"

"Fui pra Ouro Preto em 62 estudar e lá o violão ressurgiu intensamente, eu comecei a compor lá sem perceber que estava compondo. Em 1967, entrei para a faculdade de engenharia civil. Aí eu procurei o Vinícius de Moraes, ele ia sempre lá em Ouro Preto. Eu tinha 21 anos. Na verdade o meu curso de engenharia, que era de cinco anos durou seis! E esse primeiro ano que eu perdi na escola – eu perdi por frequência! – eu devo ao Vinícius. E é uma dívida que eu não vou conseguir pagar! Foi o ano em que eu mais aprendi na vida! Então eu bati na porta procurando um cara que eu tinha certeza que ia me receber de braços abertos... foi o que ele fez! De braços abertos e com uma garrafa de uísque. Naquele dia, eu tive uma certeza na vida... A minha vida ia ser música... Acho que a partir dali eu virei compositor, virei músico!"



Momento em família, no colo de sua mãe



Com o padrinho Vinícius de Moraes



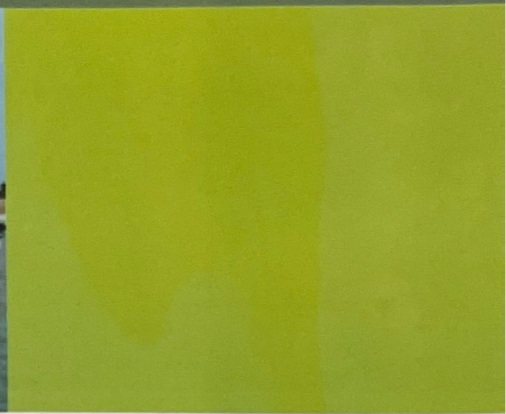
Com sua esposa Ângela e o amigo Benjor

A foz do rio

o doce encontro das águas

Para muitos, um rio termina quando chega no mar. Mas nesse encontro iniciam-se muitos ciclos físicos, químicos, biológicos e até culturais. No rio Doce esse fenômeno é tão intenso que é chamado de Rio-Mar.





Foz ou desembocadura são denominações do local onde um rio deságua. No caso do Doce, a Vila de Regência, no município de Linhares-ES, ponto de encontro do rio com o oceano Atlântico.

O rio Doce tem a sua foz em delta, caracterizada pela separação do leito em inúmeros cursos d'água menores, os distributários, entre os quais se localizam porções centrais de terra: as chamadas ilhas do rio Doce. Entre distributários e ilhas, o leito sofre seu alargamento por uma área enorme em triângulo, chamado delta por causa da letra grega com a mesma forma. O fenômeno é originado pelo volume de sedimentos transportados por milhares de anos que avançam sobre o oceano. Segundo diversos estudiosos da foz do Doce, tais sedimentos e o rebaixamento do nível do mar ocorridos nos últimos 5 mil anos desempenharam um papel essencial na formação deste delta, também conhecido por alguns como Planície Costeira do Rio Doce.

Os últimos quarenta quilômetros do rio Doce são percorridos na Planície Costeira, região classificada pelo Ministério do Meio Ambiente como de Alta Prioridade para a conservação da biodiversidade costeira e marinha no Brasil. "Para muitos, um rio termina quando chega no mar. Mas nesse encontro iniciam-se muitos ciclos físicos, químicos, biológicos e até culturais. No rio Doce esse fenômeno é tão intenso que é chamado de Rio-Mar", afirma o oceanógrafo, analista ambiental do Ibama – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – e coordenador regional do Projeto Tamar, João Carlos Thomé, o Joca.

Refúgio ameaçado

Riquíssima em biodiversidade, a Planície Costeira do Rio Doce serve de refúgio para dezenas de anfíbios, répteis, aves e mamíferos, e acolhe a principal base do Projeto Tamar-Ibama no Espírito Santo. Localizada em Regência, a Reserva Biológica Federal de Comboios é a única praia onde acontece a desova da tartaruga-gigante (*Dermochelys coriacea*) no Brasil, animal marinho mais ameaçado de extinção no país e entre os mais ameaçados no mundo.

A região da foz abriga flora abundante e diversificada, estando já catalogadas mais de 250 espécies. Entre as formas de vegetação encontradas estão a restinga, matas de tabuleiro (mata atlântica de baixada), extensas áreas de brejos, pântanos, além de várias lagoas. Uma das mais importantes é a lagoa Juparanã, com 30km de comprimento e cerca de 3km de largura, situada no município de Linhares.

Segundo o geólogo Hyrcem Santos Machado do lema – Instituto Estadual do Meio Ambiente do Espírito Santo – as lagoas do delta do rio Doce se situam



hoje onde, há mais de 120 mil anos, se encontravam vales bastante aprofundados pela erosão, quando o mar atingia nível bem abaixo do atual. "Hoje, estas lagoas estão encaixadas nestas depressões. Com o rebaixamento do nível do mar os vales foram sufocados por um extenso cordão de restinga. Estas mudanças, ao longo de milhares de anos, construíram um barramento natural que retém as águas dos rios e córregos que ali deságuam, formando as lagoas que conhecemos".

Por outro lado, os desmatamentos ao longo do rio estão diminuindo sua profundidade e acelerando o processo de formação de ilhas no delta do Doce. Elas são gradativamente ocupadas por atividades agrícolas como o cacau e a banana. Tal produção agrícola demandou a construção de vários quilômetros de canais de drenagem na foz, concebidos pelo DNOS – Departamento Nacional de Obras e Saneamento – ou por fazendeiros da região.

A partir dos anos 50 o DNOS fez os estudos que permitiram a drenagem do local e a construção de estradas para a implantação de grandes fazendas voltadas também para a criação de gado, o que viabilizou a exploração de uma imensa baixada inundada periodicamente por enchentes do rio Doce. "Vale dizer que este processo alterou significativamente a hidrografia da região, causando o desaparecimento quase total de algumas lagoas na foz", ressalta Antônio Sérgio Ferreira Mendonça, professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo.



Força das águas

Curiosamente, o rio Doce é o único da costa brasileira que não possui um manguezal na região da foz.

Segundo especialistas, isso se deve ao grande volume de água que originalmente descia das regiões altas. Além do mais, a posição geográfica da foz faz com que os ventos norte-sul aumentem a força das águas impedindo a entrada da maré no rio, essencial para a formação de manguezais.

Desenho da área

Atualmente, após várias discussões com o lema sobre o real tamanho da foz do rio Doce, a ANA – Agência Nacional de Águas – iniciou um estudo técnico para sistematizar critérios e reunir informações sobre a melhor maneira de fazer a gestão das águas na parte espírito-santense da bacia, nos períodos secos ou chuvosos. O trabalho tem como objetivo principal chegar a um acordo com o lema quanto à produção de uma base cartográfica única para a região, que possa ser utilizada pelos dois órgãos gestores. “A bacia está passando por um processo de construção da integração que envolve o CBH-Doce, os comitês de bacias afluentes e os órgãos gestores da água: ANA, Igam – Instituto Mineiro de Gestão das Águas – e lema. Em função disso existe a necessidade de afinarmos os discursos em relação à área de abrangência da foz do rio Doce. Posteriormente a

este estudo, pretendemos elaborar um documento bastante consistente e levá-lo para discussão no âmbito do CBH-Doce”, destaca o especialista em recursos hídricos da Superintendência de Articulação Institucional da ANA, Wilde Gontijo Cardoso Jr.

Para o lema, ao contrário da posição da ANA, a foz do rio Doce inclui toda a região litorânea alagada nos períodos de cheias e inundações. “O Doce na época das chuvas transborda e faz com que vários canais de outras bacias se comuniquem com ele. Então é difícil definir a foz do rio Doce como sendo um funil que deságua no Atlântico. Esperamos com este estudo que a definição da foz seja alterada e passe a ser levada em consideração toda a planície de inundação do Doce, abrangendo uma área maior do litoral capixaba”, manifesta o gerente de recursos hídricos do lema, Fábio Anhert.

A linha amarela na foto de satélite abaixo mostra a região chamada de delta do rio Doce

Opinião

O delta do rio Doce, com aproximadamente 30km de largura, é um dos mais importantes do Brasil e atravessa os municípios de São Mateus, Jaguaré, Sooretama, Linhares e Aracruz. É limitado ao norte por São Mateus na ilha de Guriri e ao sul pelo canal de Comboios, com sua foz na Barra do Riacho, município de Aracruz. Atualmente os braços do norte e do sul secaram, formando uma única foz que ocorre entre Povoação e Regência, no município de Linhares. Mas podemos entender que a foz é um delta com depósito de sedimentos e de muita matéria orgânica proveniente de toda a bacia, drenados pelo próprio rio Doce, que resultou na formação de turfa e áreas alagadas.

Os municípios espírito-santenses da bacia hidrográfica do rio Doce são: Baixo Guan-du, Colatina, Laranja da Terra, Itarana, Itaguaçu, Ibatiba, Afonso Cláudio, Iúna, Águia Branca, Mantenópolis, Pancas, Alto Rio Novo, São Gabriel da Palha, Marilândia, São Domingos do Norte, Rio Bananal, Linhares, Vila Valério, Sooretama, Jaguaré, São Mateus, Nova Venécia, Brejetuba, Santa Teresa, São Roque do Canaã, João Neiva, Ibiracuz, Aracruz.

Henrique Lobo
engenheiro agrônomo e ambientalista



Telecom

Parceria tecnológica melhora desempenho de instituições



A Telecom Comunicação e Informática esteve presente na Expo Usipa 2007, em Ipatinga, e apresentou em seu estande novidades nos sistemas de telefonia, biometria e informática, como o Call Center Leucotron, o software TGCO do Active IP, o VoIP, entre outros produtos que facilitam os negócios e as prestações de serviços das empresas.

O sistema VoIP – Voice Over Internet Protocol – é uma tecnologia avançada de comunicação de voz que utiliza a internet para realizar ligações à distância sem tarifação por chamada. “Isso resulta em economia para os usuários, pois tem custo menor que as ligações tradicionais”, explica o diretor da Telecom, Rosemar da Silva Souza.

Outro sistema econômico com tecnologia de ponta é o Call Center Leucotron, que permite total controle sobre o serviço de atendimento telefônico através de relatórios estatísticos que mostram o número de ligações recebidas, atendidas e desistentes, quantidade e duração das ligações por atendente. Já o sistema Sentinela administra com eficiência as ligações recebidas em uma empresa, redirecionando, liberando ou bloqueando as ligações que chegam de determinado número de telefone, operadora, cidade, região, estado ou país.

Segundo o empresário Lindolfo Viana Neto, da

Conenge, a mudança foi geral a partir da utilização dos sistemas da Telecom em sua empresa. “Hoje a agilidade é bem maior, pois ficou muito mais simples fazer ligações. Além disso, todos os gastos com ligações telefônicas estão sendo monitorados perfeitamente, resultando em economia de cerca de 30% na conta”, afirma.

A afirmação do empresário demonstra a importância das parcerias tecnológicas para o bom desempenho dos empreendimentos em qualquer área de atuação. A Telecom, que se firmou no mercado como importante empresa especializada em projeto e desenvolvimento de sistemas web, é parceira de inúmeras instituições da bacia do Doce das mais diversas áreas, como ambiental, financeira, siderúrgica, industrial, de logística, transporte, saúde e governamental na divulgação de suas ações na internet.

Uma delas é o Projeto Águas do Rio Doce, de quem é parceira tecnológica deste fevereiro de 2007. A parceria tem o objetivo de disponibilizar a equipe do Projeto, seu banco de dados e a experiência da Telecom para fazer do site www.aguasdoriodoce.com.br um verdadeiro portal da bacia, onde estudantes, pesquisadores, ambientalistas e internautas em geral possam encontrar informações e links ricos e variados.



WWW.TELECOM.INF.BR


TELECOM
comunicação e informática



Território da Memória

Por Haruf Salmen Espíndola *

Fazer o Brasil: americanos no Doce

É sabido por muitos que D. Pedro II esteve em Linhares em 1860, mas pouca gente sabe que muito antes dos valadaresenses começarem a emigração para os EUA, com o sonho de “fazer a América”, americanos vieram para Linhares com o sonho de “fazer o Brasil”. Isso foi em 1867. O geólogo Charles Hartt, em sua viagem de estudo pelo rio Doce, encontrou imigrantes norte-americanos sulistas (Geologia e Geografia Física do Brasil. Coleção Brasileira, v. 200, Nacional, 1941). Em 1868, “quatrocentos lavradores ianques se espalharam pelo Rio Doce”, segundo o viajante Richard Burton (Levy Rocha. Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo. Brasília, Ebrasa, 1971). Segundo o mesmo Levy Rocha, em 1870, dois americanos estiveram no rio Doce para estabelecer uma companhia de navegação com linha direta para os EUA. O autor capixaba Manoel Milagres Ferreira, em sua História e Flagrantes de Baixo Guandu, nomeia a enorme prole do norte-americano Thomaz, que vivia em Baixo Guandu.

Essa história é contada por Judith Jones, “Soldado descansa!” (São Paulo, Jarde, 1967). O motivo da imigração foi a Guerra de Secessão, na qual os sulistas ficaram sem escravos e terras, além da humilhação da derrota. Dez mil sulistas deixaram os EUA. Destes, segundo Burton, 2.700 se estabeleceram no Brasil, dos quais quatrocentos no rio Doce. Judith Jones transcreve a carta do coronel Gunter para um amigo nos EUA: “Venha para cá e compre terras (...) que custarão 22 cents o acre e você poderá pagar em quatro anos, melhor que qualquer uma nos Estados Unidos, mesmo nas zonas mais férteis do Alabama.” Charles Gunter, rico fazendeiro do Alabama, tinha se tornado um deputado famoso por causa da lei que deu direito à mulher casada de possuir propriedade

em seu próprio nome. Em 1865 ele veio ao Brasil e escolheu o rio Doce para estabelecer a colônia, conseguindo a concessão de “seiscentas milhas quadradas” nas margens do rio.

O perfil dos imigrantes pode ser visto nas cartas transcritas por Judith Jones: “Gratidão por termos tão boa companhia – cavalheiros que seriam mestres de boas maneiras em qualquer círculo, não só por sua polidez como pela atenção carinhosa para com as crianças e solicitude para os que estavam apreensivos de sua sorte”. Pela correspondência sabemos que os sulistas viajaram num navio a vapor com acomodações satisfatórias e uma alimentação que se “não deixaria saudade”, pelo menos os mantinha saudáveis e bem dispostos. Entre os imigrantes estavam coronéis e capitães do exército sulista, “doutores” e um reverendo. A maioria com esposa e filhos.

Em 16 de maio de 1867 chegaram ao Rio de Janeiro. O Imperador foi pessoalmente visitar os imigrantes. Em 26 de maio o grupo deixou o Rio de Janeiro no vapor Juparanã, com destino ao rio Doce. Passado um ano, o coronel Gunter escreve a um amigo para vir com toda a família. A satisfação e esperança eram enormes: “Se você puder trazer outras famílias iguais à sua, posso garantir-lhes casa e muita terra abençoada pela Providência, mais do que qualquer outra que já vi. (Quase perdoei nossos inimigos, só pelo fato de ter sido forçado a vir para este país melhor). Nossa vila está situada num lugar muito bonito, em terras muito férteis, nas margens de um grande rio (...) Há umas 20 famílias aqui e antes que você venha teremos um barco no rio (...) temos perfeita liberdade religiosa”.

A carta de Josephine Foster conta da alegria na “longínqua e incrédula terra”

quando recebiam o “estimado Times” (New Orleans Times). A chegada do jornal era “uma festa”, porque nele tinham “notícias de lugares muito estimados”. Pela carta ficamos sabendo que havia diferença social entre os imigrantes: a casa de sua família era mais simples que a das “famílias abastadas”. Ela conta que a “dez passos atrás da casa começa a floresta interminável que dizem ter muitos animais ferozes, mesmo assim, mamãe e eu e as crianças temos dormido sozinhas muitas noites, sem portas ou janelas e nunca dormimos tão bem em nossas vidas”.

Por ser este espaço reduzido não nos deteremos em contar mais detalhes dessa aventura americana nas selvas do rio Doce. Alguns daqueles imigrantes se estabeleceram definitivamente, como Thomaz, mencionado por Manoel Milagres, e o coronel Gunter, que faleceu em 1883. Seu filho Basil Manley foi nomeado representante consular em Vitória, em 1889, tornou-se acionista de ferrovia e fez fortuna, vivendo no Brasil até sua morte. Mas a maior parte deixou o rio Doce, dirigindo-se para São Paulo, onde vivia a maioria dos imigrantes. A terra que havia despertado tanta esperança acabou expulsando-os: “nuvens de perninhos e outras pragas”, o isolamento e a correspondência que não chegava, os “tremores e febres”, a irregularidade das chuvas, depois de um ano de muita chuva, que tudo estraga, veio “uma grande seca (...) matou as verduras, as roças, trouxe a maleita. ... não sobrando ninguém que não tivesse sido acometido.”

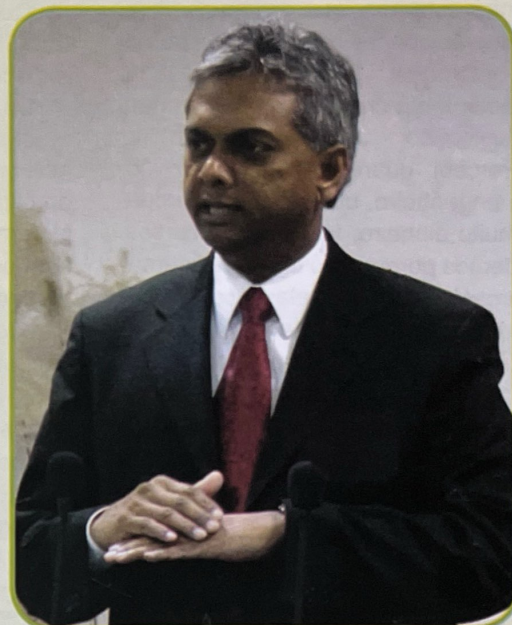


* Prof. Dr. Haruf Salmen Espíndola

Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo; autor do livro *Sertão do Rio Doce*, pela editora EDUSC, Instituto Terra e Univale; Professor Titular e Coordenador do Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais da Universidade Vale do Rio Doce

Capacitação para mudanças

Engenheiro civil formado pela Universidade Técnica (TU), de Delft, na Holanda, trabalhou no IHE-Delft*, no período 1992 - 2004 como Chefe do Escritório de Projetos Internacionais, quando aquela instituição desenvolveu dezenas de projetos na área de recursos hídricos e infra-estrutura na América Latina, Ásia, e África. Atualmente, Atem Ramsundersingh é coordenador da Divisão de Desenvolvimento Sustentável do Instituto Banco Mundial e viaja o mundo trabalhando em programas de desenvolvimento sustentável. Ele conversou pelo telefone com a REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE direto do escritório do Banco Mundial, em Washington, nos Estados Unidos, quando anunciou que virá ao Brasil, em abril de 2008, exclusivamente para participar do 4º Fórum das Águas do Rio Doce.



A civil engineer, he studied at the Technical University (TU), in Delft, The Netherlands, he worked at IHE-Delft between 1992 and 2004 as the Head of the International Project Office, when that institution developed dozens of projects in water management and infrastructure in Latin America, Asia and Africa. Now Atem Ramsundersingh is the coordinator of World Bank Institute Sustainable Development Division and travels around the world working in programs of sustainable development. Mr. Ramsundersingh talked with ÁGUAS DO RIO DOCE magazine from the World Bank head office in Washington DC and in the occasion he announced he'll come to Brazil for the 4th Rio Doce Water Forum.

O senhor poderia nos falar sobre sua carreira?

Eu sou basicamente um planejador de infra-estrutura, que desenvolve metodologias usadas no mundo corporativo combinadas com metodologias de conhecimento criativo compartilhado e comunicação.

Percebi, quando ainda era um jovem engenheiro, que estamos perdendo muito dinheiro, talentos e recursos. Perdemos porque não temos a liderança organizacional correta ou o processo organizacional correto. Como um engenheiro jovem eu vi isso no país onde nasci, Suriname, onde os membros do Parlamento não entendem o conceito de desenvolvimento sustentável. Eu vejo governos não democráticos, líderes corruptos e gestores que criam obstáculos ao desenvolvimento em que os pobres são as vítimas finais.

Eu percebi as ligações entre a sociedade como um todo e o desenvol-

vimento sustentável (além de apenas proteger o meio ambiente) na fase inicial da minha carreira. Comecei a escrever sobre isso, a falar sobre isso. E isso me levou ao IHE na posição de chefe do Escritório de Projetos Internacionais.

Faça um resumo para nossos leitores. O que é o Instituto Banco Mundial e quais são seus objetivos?

O Instituto Banco Mundial é a perna de conhecimento do Grupo Banco Mundial. Nossa missão é ajudar organizações nos países pobres e em desenvolvimento a obter capacidades que os impulsionem a um melhor desempenho em suas tarefas, atingir resultados de impacto e o desenvolvimento. Nós focamos em três níveis. O primeiro nível é criar um ambiente propício dentro de países ou organizações, onde as coisas possam fluir melhor, onde pessoas e organizações possam

Can you tell us about yourself?

I'm basically an infrastructure planner, who developed methodologies used in the corporate world, but combined with methodologies of creative knowledge sharing and communications.

I realized when I was a young engineer that we're wasting a lot of money and a lot of talent, and a lot of resources, we're wasting because we don't have the right organizational leadership or the right organizational processes. As a young engineer I saw, in the country of my birth, Suriname, where the members of parliament don't understand the concept of sustainable development. I see undemocratic governments and corrupted leaders and managers who hinder development of which the poor are the ultimate victims. I realized the links between society as a whole and sustainable development (beyond just protecting the environment) at an early stage of my career. I started to write about it, I started to talk about it and that brought that with me to IHE*, in the position of the Head of the International Project Office.

Could you start making a summary of what's the World Bank Institute and its objectives?

WBI - World Bank Institute - is the knowledge leg of the World Bank Group. Our mission is to help organizations in the low and middle income countries to develop capacity

* IHE - Instituto Internacional para Infra-estrutura e Engenharia Hidráulica e Ambiental, localizado em Delft, na Holanda

O senhor poderia nos falar sobre sua carreira?

Eu sou basicamente um planejador de infra-estrutura, que desenvolve metodologias usadas no mundo corporativo combinadas com metodologias de conhecimento criativo compartilhado e comunicação.

Percebi, quando ainda era um jovem engenheiro, que estamos perdendo muito dinheiro, talentos e recursos. Perdemos porque não temos a liderança organizacional correta ou o processo organizacional correto. Como um engenheiro jovem eu vi isso no país onde nasci, Suriname, onde os membros do Parlamento não entendem o conceito de desenvolvimento sustentável. Eu vejo governos não democráticos, líderes corruptos e gestores que criam obstáculos ao desenvolvimento em que os pobres são as vítimas finais.

Eu percebi as ligações entre a sociedade como um todo e o desenvolvimento sustentável (além de apenas proteger o meio ambiente) na fase inicial da minha carreira. Comecei a escrever sobre isso, a falar sobre isso. E isso me levou ao IHE na posição de chefe do Escritório de Projetos Internacionais.

Faça um resumo para nossos leitores. O que é o Instituto Banco Mundial e quais são seus objetivos?

O Instituto Banco Mundial é a parte de conhecimento do Grupo Banco Mundial. Nossa missão é ajudar organizações nos países pobres e em desenvolvimento a obter capacidades que os impulsionem a um melhor desempenho em suas tarefas, atingir resultados de impacto e o desenvolvimento. Nós focamos em três níveis. O primeiro nível é criar um ambiente propício dentro de países ou organizações, onde as coisas possam fluir melhor, onde pessoas e organizações possam fazer as coisas de um modo sustentável. O segundo nível é obter melhores políticas institucionais. Organizações não podem funcionar sem boas políticas. O terceiro nível é garantir que uma vez existindo o ambiente propício, as políticas institucionais estejam também no lugar, as organizações tenham

capacidade suficiente para cuidar dessas tarefas.

Quando o senhor começou a trabalhar com capacitação no setor hídrico?

Eu me envolvi com o assunto desde quando comecei no IHE em 1991 e nós organizamos o primeiro simpósio de capacitação. Foi a primeira vez que juntamos um grupo de mais ou menos cem pessoas para mergulhar fundo no verdadeiro significado da expressão "capacitação no setor hídrico". Esses encontros aconteceram a cada cinco anos em Delft, incluindo o mais recente que aconteceu na Unesco-IHE (ver página 11), em Delft, em junho desse ano. Esse foi o 4º simpósio, onde muitas experiências foram compartilhadas e nós vimos mais e mais exemplos do

"Os laboratórios de pesquisas não devem apenas fazer seu trabalho, mas fazê-lo pelo planeta e o que está acontecendo no planeta."

setor hídrico confirmando que esse não é um negócio só de engenheiros e economistas. A água é um negócio de todas as pessoas. Água é um assunto de política econômica. Nós precisamos tirá-la do paradigma hidráulico e levá-la para o paradigma da sustentabilidade e crescimento.

Nessa nova posição, no Instituto Banco Mundial, nós tentamos promover aproximações e processos que estimulem o engajamento dos diversos atores sociais. Não apenas em audiências públicas, mas em aproximações e encontros que promovam parcerias entre a sociedade civil e usem a sabedoria coletiva de grupos. Nós promovemos a participação, mas também a criatividade em encontrar soluções sustentáveis. Ouvir uns aos outros, ouvir os parceiros, clientes, fornecedores,

Can you tell us about yourself?

I'm basically an infrastructure planner, who developed methodologies used in the corporate world, but combined with methodologies of creative knowledge sharing and communications.

I realized when I was a young engineer that we're wasting a lot of money and a lot of talent, and a lot of resources, we're wasting because we don't have the right organizational leadership or the right organizational processes. As a young engineer I saw, in the country of my birth, Suriname, where the members of parliament don't understand the concept of sustainable development. I see undemocratic governments and corrupted leaders and managers who hinder development of which the poor are the ultimate victims. I realized the links between society as a whole and sustainable development (beyond just protecting the environment) at an early stage of my career. I started to write about it, I started to talk about it and that brought that with me to IHE, in the position of the Head of the International Project Office.*

Could you start making a summary of what's the World Bank Institute and its objectives?

WBI – World Bank Institute – is the knowledge leg of the World Bank Group. Our mission is to help organizations in the low and middle income countries to develop capacity that enables them to better perform their tasks and deliver results and development impact. We focus at three levels when we help with capacity enhancement.

The first level is to create an enabling environment within countries or of organizations, where things can move better, people and organizations can flourish and do things in a sustainable way. The second level is to have better institutional policies. Organizations can not function without good policies. The third level is to make sure that once the enabling environment is there, institutional policies are in place, organizations have sufficient capacity to carry out the tasks.

When did you start working with capacity building in the water sector?

I got involved from the very beginning at IHE in 1991 and we organized the first capacity building symposium. That was the first time we brought together a think-tank of about one hundred people to dive deep into the meaning of capacity building in the water sector. These think-tank meetings were held every five years in Delft, including the one recently held at Unesco-IHE in Delft, in June 2007. This was the fourth symposium, where lots of experiences were shared and we saw more and more examples from the water sector confirming that water is not just the business of engineers and economists, but water is a business of all people. Water is a matter in the political economy. We should move it out of the "hydraulic paradigm" and take it to the new paradigm of "sustainability and growth".

In this new position with WBI, we try to promote approaches and process that enables stakeholders engagement. Not just consulta-

torna-se uma arte. O diálogo gera um ambiente de criação.

Em muitos países, incluindo o meu, a Holanda, tais enfoques são novos; eles ainda acreditam que uma audiência pública - como manda a lei - é a melhor coisa a fazer. A ciência tem desenvolvido novos enfoques para permitir às pessoas se tornarem co-autoras e co-proprietárias das soluções. Se o compromisso dos atores locais pode resolver os problemas em torno de nós, em nossos países, é para o benefício de todos.

O que o senhor acha que nós devemos fazer para melhorar a comunicação entre o setor hídrico e seus parceiros em geral?

Eu acho que a mídia tem tido uma tremenda contribuição no processo de mudança em todo o mundo. É ótimo ver como as organizações da sociedade civil têm trabalhado com a mídia para direcionar os problemas e desafios dando voz aos pobres e às pessoas sem privilégio.

Os meios de comunicação devem continuar a aumentar seu conhecimento e educar a si mesmos para se tornarem atores ativos no processo de desenvolvimento sustentável. Eu também acho que os jornalistas não devem apenas fazer seu trabalho, mas demonstrar paixão e garra com o que está acontecendo com o nosso planeta.

A mídia precisa adotar um enfoque mais construtivo e positivo ao escrever sobre o desenvolvimento. Isso signifi-

ca escrever sobre as pessoas boas da área que estão fazendo novas e positivas mudanças também e não só sobre notícias ruins. Evitar apenas notícias negativas e sensacionalistas. Procurar pelo balanço entre esses que fazem boas coisas e aqueles que são obstáculos ao progresso. É uma arte de ser humano.

E quanto à falta de transparência que a mídia sempre reclama?

Você sabia que quase 80% dos conhecimentos documentados do Banco Mundial são acessíveis ao público? Você sabia que qualquer um pode encontrar dados e indicadores de governos, transparência e corrupção no site do Banco Mundial? O programa de desenvolvimento da ONU tem muitos indicadores de desenvolvimento humano no seu site. A maioria é grátis e pode ser baixada.

No passado, antes da era da internet, não era tão fácil conseguir informações. Aqueles que tinham informação detinham o poder. Hoje aqueles que compartilham o conhecimento são considerados poderosos.

Contudo, há ainda muito que pode ser feito pelas organizações internacionais - governos e ONGs - para serem mais transparentes. Há muito que políticos e líderes de corporações podem fazer para serem mais honestos. Os meios de comunicação deveriam também saber que eles devem procurar e desenvolver conhecimentos e habilidades dentro do jornalismo investigativo ou trabalhar junto com os espe-

tions or public hearings, but approaches that enable ownership among civic society organizations and use the collective wisdom of groups. So, we do not only promote participation, but also creativity in finding sustainable solutions. Listening to each other, listening to partners, clients, customers become an art. Dialogue creates an environment of creation.

In many countries, including my country The Netherlands, such approaches are new to many local governments; they still believe that a public hearing - as required by the Law - is the best thing to do.

In the modern world we live today, science has developed many new approaches to allow people to become co-creators and co-owners of solutions. It is for the benefit of many if such engagements of stakeholders can help solving problems around us in our countries.

What do you think we should do to improve the communication between the water sector and the society in general?

I think the media has made tremendous contributions in the process of change around the world. It is great to see how civic society organizations worked closely with the media to address problems and challenges articulating voices of the poor and the unserved and unprivileged people.

The media should continue to enhance their knowledge and keep educating themselves to become active players in the process of sustainable development. I also think that journalist should not just do their job, but also demonstrate passion and engagement with what is happening with our planet.

The media needs to take a more constructive and positive approach in writing about development. This means, write about the great people in the field who are making new and positive changes too, and not just about bad news. Avoid just going for sensational and negative news, because you will help amplifying the negative forces around development in the minds of people. Seek for the balance between those who do good things and those who hinder progress. It is an art of being human.

And how about the lack of transparency that media is always complain against?

Did you know that almost 80% of the documented knowledge of the World Bank is accessible for the public? Did you know that anyone can find data and indicators on governance, transparency and corruption on the World Bank website? The United Nations Development Program has a lot of human development indicators on their website. Most of it is free and can be downloaded. In the past, before the internet era, it was not that easy to get information. Those who had information held the power. Today those who share the knowledge are considered to be powerful.

However, there is still a lot that can be done by international organizations to be more transparent. There's a lot that national, provincial, and municipal governments - and NGOs not to forget - can do to be more transparent. There's a lot that local politicians and national politicians and corporate leaders can do to be more honest. The media should also know what they should look for and develop knowledge and skills through more investigative journalism or working together with experts to help



"É muito gratificante ouvir um dos nossos diretores dizer: olha colegas, as decisões sobre os projetos em relação a água precisam ser uma responsabilidade compartilhada dos atores."

**“Ouvir uns aos outros,
ouvir os parceiros,
clientes, fornecedores,
torna-se uma arte. O
diálogo gera um
ambiente de criação.”**



cialistas para ajudar a alcançar mais transparência.

Então, como o instituto está promovendo o conhecimento para mudanças e a participação pública em países em desenvolvimento?

O que o Instituto Banco Mundial está fazendo é ajudar a traçar o processo de participação dos atores, o processo de compartilhamento de informações, o processo de criação de soluções. É o que nós fazemos para ajudar esses colegas que querem sair da sala ministerial para ir para a sociedade civil, para o setor privado, colocar todos os atores a bordo. Porque se nós não conversarmos uns com os outros nós todos perdemos no fim.

A coisa boa a respeito da água é que ela é uma fonte de colaboração, não uma fonte de conflitos!

O Instituto reconhece que nós temos muitas experiências positivas no setor hídrico na América Latina?

Na América Latina hoje você tem um relativo compromisso da sociedade civil na gestão hídrica, por quê? Porque o povo da América Latina é muito comunicativo, as sociedades são abertas, não há mais ditadura, há muitas mudanças no modo que os governos estão agindo e como as coisas estão emergindo. O segundo elemento é que o nível de educação da América Latina em relação

a outros continentes é relativamente mais alto. Na América Latina há bons experimentos que envolvem o setor privado (Chile) ou associação de fazendeiros (México) ou trabalhos em comunidades (Colômbia) ou compromissos com as ONGs (Brasil). É claro que há muito espaço para melhorar em relação à corrupção, governo, participação pública, mas a América Latina pode compartilhar suas melhores práticas com os outros continentes do mundo.

Qual é opinião do senhor sobre o foco do Projeto Águas do Rio Doce, no território da bacia hidrográfica?

Eu acho esse enfoque da bacia hidrográfica pragmático, mas também complexo. Isso dá muito espaço para a multidisciplinaridade e a ciência baseada em planejamento e gestão, enquanto também requer informação política para equilibrar os interesses de diver-

the end.

The good thing about water is that it is source of collaboration, not a source for conflicts!

Can you at the World Bank Institute recognize that we have so many positive experiences in the water sector in Latin America?

In Latin America today you have a relative higher engagement of the civil society in water management process and it is increasing. Why? Because Latin America people are very talkative, the societies are open up, there's no dictatorship anymore, there are a lot of changes in the way the governments are acting and how things are emerging. So, the second element is that the education level of Latin America relatively spoken to others continents is relatively higher than other regions. In Latin America, there has been some good experiments with engaging the private sector (Chile) or farmers association (Mexico) or working with communities (Colombia) or engaging NGOs (Brazil).

Of course, there is a lot of space for improvement like the whole issue of corruption, governance, public participation, but relative spoken, Latin America can share its best practices with other continents in the world.

What is your opinion about the focus of our Águas Do Rio Doce project in the specific territory of the river basin?

I think that the River Basin Approach is a pragmatic but a complex approach. It gives a lot of space for multi-disciplinary and science-based planning and management, while it also requires political inputs to balance the interests of several stakeholders. It is good to define formal and non-formal roles and responsibilities to parties, and to create shared goals, visions and values for the river basin. River Basin approach gives opportunities to create a culture of collaboration and a spirit of solidarity with nature. But, you will need to cultivate the right governance structure and a competent leadership that can deliver development results on the ground!

I want to say is that the quality of people is

achieving more transparency.

So, how WBI is promoting knowledge for change and public participation in developing countries?

What the World Bank Institute is doing is to help those colleagues to design the right stakeholders participation processes, communication processes, knowledge sharing processes, solutions creating processes.

That is what we do to help those colleagues who want to go out of the ministerial board rooms to go to the public, to the civil society, to go to the private sector, to get every stakeholder onboard. Because if we don't talk to each other together we all loose in

DOM CAVATI^{MG}

Invista em segurança e tranquilidade!



UMA FELIZ CIDADE!

Localizada no médio rio Doce, com fácil acesso às principais cidades da região, Dom Cavati destaca-se por sua tranquilidade e segurança.

Emancipada há 43 anos, a cidade, sede do PARD - Projeto Águas do Rio Doce, vem se desenvolvendo, investindo na formação profissional de seus jovens e atraindo investidores de diversos segmentos.

Distância das Cidades	
Belo Horizonte	270km
Caratinga	50km
Viçosa	360km
Ipatinga	55km
Gov. Valadares	64km



- * Café Socapó
- * Construfilho
- * Coopfrut
- * Eletromóveis Rio Doce
- * Frigovati
- * JW Auto Peças
- * Laticínios Ideal
- * Linguiças Dom Cavati
- * Mobon Movimento da Boa Nova
- * Projeto Águas do Rio Doce
- * CMS Construtora Minas Sul
- * Rádio Atividade 104,9 FM
- * Transarmento

Faça como o PARD
**Venha fazer
parte deste time!**



Patty

Publicidade com consciência ambiental

A Patty Publicidade está há mais de vinte anos no mercado e atua hoje nas cidades de Caratinga, Governador Valadares, Nova Era, João Monlevade, em todo Vale do Aço e cidades vizinhas. De uma pequena agência de propaganda com atuação local, transformou-se numa empresa moderna, ampliou sua linha de produtos para melhor atender aos clientes e investiu em painéis *back light*, *front light*, triedro, *outdoor* trifacial, painel eletrônico e produção de *banners*. Consciente de sua responsabilidade social e ambiental, implantou a reciclagem em sua rotina de trabalho.

A causa ambiental traz impactos positivos a diversos setores da economia e gera oportunidades a milhões de empreendedores em todo o mundo. No processo de reciclagem de papel, por exemplo, entram em cena aspectos relacionados ao desenvolvimento sustentável: sociais como o emprego intensivo de mão-de-obra local, ambientais como reduzir níveis de lixo urbano e econômicos como poupar madeira, água e energia elétrica. Segundo estatísticas, a cada 50kg de papel reciclado, menos uma árvore é cortada e 70% da energia do processo produtivo da mesma quantidade de papel é economizada.

A produção de *outdoors* e outros meios de publicidade exige o gasto de grande volume de papel, que após o uso é separado, sendo parte utilizada como blocos de rascunho e parte doada a instituições, projetos sociais e ambientais. Um dos parceiros é o Projeto Águas do Rio Doce, que reutiliza papel de *outdoors* fornecido pela Patty como rascunho para impressão em seus escritórios, economizando milhares de folhas por mês.

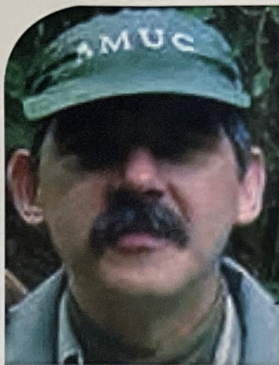
Outra parte do material é encaminhada a empresas de reciclagem. O papel reciclado é utilizado na fabricação de vários produtos, como caixas de



papelão, sacolas, embalagens para ovos, bandeja para frutas, papel higiênico, cadernos, livros, envelopes e papel para impressão.

Além de reuso e reciclagem de papel, a Patty se preocupa também com a madeira que utiliza em suas placas de *outdoors* e faz uso de eucaliptos provenientes de florestas renováveis. Técnicos especializados acompanham da colheita à entrega para garantir uma madeira ecologicamente correta.





Busca da harmonia com a realidade e sua natureza

Jesus Delgado*

Em que outro canto do Espírito Santo pode-se encontrar um lugar bucólico à beira do mar, onde uma receptiva comunidade, sempre disposta a sorrir e dançar, recebe seus turistas com o maior carinho? Pois Itaúnas, no município de Conceição da Barra-ES, mesmo rodeado de eucalipto e cana de açúcar, luta para ter um espaço ao sol do turismo, com dignidade.

O povoado de Itaúnas, liderando mais quatro ou cinco pequenas comunidades, debate todos os dias seu destino entre conservar o pouco que restou, no Parque Estadual de Itaúnas, e a oportunidade de converter-se em ponto de atração para o turismo. Nessa disjuntiva, as propostas de desenvolvimento turístico prometem resolver, ou minimizar os problemas complexos criados pelas restrições de uso do território.

Empurrada contra o oceano por extensas plantações industriais de eucalipto, Itaúnas ainda é um lugar que apaixona quem o visita, mesmo longe da perfeita harmonia entre turismo e natureza. Entre o forró e o atrativo natural protegido, as comunidades terão que definir rapidamente seu futuro. As estratégias mais sensatas para construir sua identidade turística, hoje ameaçada entre a massificação do turismo e a rebeldia de se compreender como uma pequena nação, ainda estão por ser desenhadas.

As oportunidades de expansão da área urbana e mesmo a expansão agrícola das comunidades mais isoladas estão comprometidas, o que certamente exigirá um modelo de ocupação do território muito cuidadoso. Evitar a especulação imobiliária parece um desafio que já perdeu seus primeiros rounds.

As condições ecológicas regionais e dos

3.500ha protegidos do Parque encontram-se comprometidos e pressionam ainda mais as atividades dos que vivem da pesca e da agricultura.

A falta de oportunidades de emprego e a sazonalidade das atividades turísticas estão criando um cerco perigoso para os jovens, que não conseguem se ajustar às precárias alternativas que o futuro lhes aponta, afetados pela intensa influência da massificação e os comportamentos inadequados de quem os visita. Sua reação é imprevisível a mediano prazo.

Para finalizar, as atividades turísticas se encontram orientadas para aproveitar a fama de "Capital do Forró" e não a de sede de um especial atrativo natural. Altos níveis de visitação e a facilidade de promover uma atividade cultural não autóctone têm provocado uma explosão de pousadas e restaurantes, que prenunciam futuros conflitos de ordem econômica e social, como em Alto Paraíso, em Goiás, ou Campos de Jordão, no estado de São Paulo.

As lideranças locais e os comunitários devem aprender, o quanto antes, a trabalhar em consenso pelo caminho mais adequado para o desenvolvimento harmônico do turismo. Devem com urgência fortalecer e apoiar as atividades culturais, religiosas, folclóricas e escolares, no intuito de resgatar a auto-estima da sua juventude, resgatar as tradições perdidas, rever o modelo turístico mais adequado e nivelar os benefícios de habitar numa região tão especial e tão ameaçada.

Por enquanto, empreendedores e turistas deverão refletir sobre a pureza da atividade que os faz desejar explorar as belezas de um lugar, de tal forma que não seja o amor por elas o motivo da sua destruição, nem a curto, nem a longo prazo. Itaúnas e região serão o que desejarmos que sejam.

*Jesus M. Delgado-Mendez é consultor ambiental, responsável pelo Programa de Integração das Comunidades do Entorno do Parque Estadual de Itaúnas em 2006. Engenheiro Agrônomo (UFSM-RS), Mestre em Política e Planejamento de Recursos Naturais (Cornell-NY/USA) e Doutorando em Conservação de Recursos Florestais (USP/ESALQ-SP)
e-mail: jesusd@uol.com.br



De um grande rio, apenas o nome de uma grande companhia

Mário Carvalho*

Muito antes de a EFVM - Estrada de Ferro Vitória a Minas - ser uma das maiores e mais ricas ferrovias do mundo, ainda em 1808, o empreendedor Intendente Câmara Bittencourt, que implantara uma das primeiras fábricas de ferro no país, em Morro do Pilar, idealizou uma ferrovia para escoar a produção do interior mineiro para o litoral, rumo à Europa. Para ele uma ferrovia partindo da região produtora de minérios, metais preciosos e siderurgia desencadearia uma crescente relação comercial com a Europa. O traçado sairia de Diamantina passando por Peçanha, desceria as margens dos rios Santo Antônio e Doce.

Porém, com a escassez de financiamentos, o primeiro projeto ferroviário do litoral ao interior do Brasil só aconteceria por decreto em 1º de fevereiro de 1902. Em 1904, sob a presidência do engenheiro Pedro Nolasco, inicia-se em Vitória-ES a epopéia da construção da ferrovia, concluindo cerca de cem quilômetros por ano. Numa proporção menor, a obra passava pelos mesmos desafios que a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, no Norte do país, onde centenas de trabalhadores sucumbiam vítimas da malária e outras doenças.

Em 1906 a ainda chamada Estrada de Ferro Diamantina chega à margem do rio Doce, em Colatina, que logo se transforma na estação mais rentável, escoando toneladas de café e madeira para exportação. A chegada ao rio trouxe novas circunstâncias à construção, com menos declives, água boa e abundante, peixe fresco e embarcações para cima e para baixo.

Enquanto promovia saneamento básico por onde passava, a construção atraía um número crescente de migrantes, que se estabeleciam ao longo da linha, dando início ao desenvolvimento da região. Era tudo que a ferrovia desejava: ocu-

pação, produção e frete a receber. À medida que a linha avançava, o transporte pelo rio perezia.

Em 1908, em Pirapama, é construída a primeira ponte sobre o rio Doce, com mais de trezentos metros de comprimento. No mesmo ano, na capital da Suécia, Estocolmo, durante o XI Congresso Geológico Internacional, confirma-se a existência de uma colossal jazida de minério de ferro em Itabira, cujo teor chegava a 65%. A notícia, além de balançar o mundo financeiro ocidental, altera significativamente o traçado original da linha, que agora seguiria a margem do rio Doce até Ipatinga, subindo pelo rio Piracicaba até São José da Lagoa (Nova Era), onde, na estação de Desembargador Drumond, os trens receberiam o minério de Itabira que chegavam em caminhões. O novo traçado determinado pelo engenheiro Emílio Schnoor ocorreu após o grupo inglês Itabira Iron Ore Company ter comprado 42 mil ações da ferrovia.

O primeiro trem de minério chega festivamente à estação Pedro Nolasco-ES em 12 de maio de 1940. Naquele ano a ferrovia determina ao topógrafo Mário Carvalho, explorar, projetar e construir os 32Km até Itabira. Considerada uma odisséia pelas inúmeras dificuldades, o ramal levou quatro anos para ser concluído. Em 1942, no auge da 2ª Grande Guerra, sob o ideal nacionalista do Governo Vargas, a EFVM foi encampada pela Companhia Vale do Rio Doce.

Mas o rio que emprestou suas margens, nome e as águas para esta memorável história de construção, transformação e desenvolvimento, tem pouco a comemorar. Em 1572, quando Sebastião Fernandes Tourinho adentrou com a primeira expedição composta por quatrocentos homens pelo o este da Capitania do Espírito Santo, seu antigo volume d'água dava-lhe o majestoso título de mar.

* Mário Carvalho Neto é graduado em História pelo Unileste/MG e editor da Revista Caminhos Gerais
e-mail: mcncomunica@uol.com.br



ART em papel está com os dias contados

A proposição é simples. O Crea-MG defende que o desenvolvimento sustentável do País depende de investimentos nos serviços de engenharia, arquitetura e agronomia. Considerando que tempo é recurso cada vez mais escasso, o Conselho tem investido em tecnologias que facilitam a vida dos profissionais, reduzindo deslocamentos e filas. "O Crea-MG tem que investir no desenvolvimento, não em burocracia", sintetiza o superintendente das áreas fins do Conselho, Teodomiro Bicalho.

Por isso, a partir de 1º de janeiro de 2008 o Crea-MG não aceitará mais formulários impressos de ART nem aqueles gerados pelo Kit ART. A regra vale tanto para os profissionais de nível superior quanto para os técnicos, que desde fevereiro de 2007 estão aptos a utilizar as versões digitais da ART. Apenas os profissionais em situação especial, que não se enquadram nas regras estabelecidas para validação das Anotações, como os licenciados precários, auxiliares de engenheiro e aqueles com liminar judicial para anotar atividades diversas de suas atribuições, continuarão utilizando o formulário impresso. Para esses casos, o profissional deve fazer uma solicitação à Inspeção mais próxima,

justificando a necessidade do formulário apropriado.

A substituição do papel pelo meio digital teve início em 2003, visando facilitar a vida dos profissionais que estão em dia com o Crea-MG. Hoje, 17,6% dos profissionais ainda utilizam ART de papel. Em 2004, eles representavam mais de 90%. As versões digitais não admitem preenchimento incorreto, garantindo a consistência e integridade das informações, nem permitem o registro de ARTs com pendências. Como há transmissão da ART para os bancos de dados do Conselho, o processo de incorporação ao acervo do profissional, que se processa após o envio da via do Crea-MG com assinatura do contratante ou cópia do contrato, torna-se mais ágil.

Se para os profissionais as mudanças proporcionam mais segurança e conveniência, para a sociedade "representam uma garantia de que o profissional realizará um serviço compatível com suas atribuições técnicas", afirma Teodomiro Bicalho. Isso porque as ARTs digitais são personalizadas de forma que apenas os profissionais podem preenchê-las - caso não esteja em situação irregular - e não permitem que uma mesma anotação seja utilizada em empreendimentos diferentes.

Quadro comparativo de ARTs recolhidas no Crea-MG

	2004	2005	2006	2007*
Formulário	125.261 (51,73%)	60.989 (23,01%)	18.369 (6,32%)	5.284 (2,50%)
On line	20.772 (8,57%)	33.314 (12,57%)	48.193 (16,58%)	85.579 (40,56%)
KIT	96.109 (39,69%)	160.812 (60,69%)	195.857 (67,42%)	31.914 (15,12%)
ART Net	0 **	9.827 (3,70%)	28.079 (9,66%)	88.205 (41,80%)
Total	242.142	264.942	290.498	210.982

*Até 30/08/2007 **A ART Net foi lançada em julho de 2005



CREA-MG

Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura
e Agronomia de Minas Gerais

Compromisso com o Desenvolvimento.

www.crea-mg.org.br

Cidadania

Projeto Desenvolvimento Associativo fortalece o Terceiro Setor



Uma importante forma de lutar pela cidadania, frente aos problemas sociais, é a criação de associações onde, juntos, os cidadãos podem conseguir o que não conseguiriam sozinhos. Contudo, essas entidades e seus dirigentes, em sua maioria, não possuem formação e competência técnica para promover uma gestão profissional e desenvolver projetos efetivos. Muitas associações se vêem sozinhas numa situação não melhor que a dos cidadãos que pretendem ajudar.

Em Governador Valadares, cidade-pólo regional que abriga muitas dessas entidades, o projeto Desenvolvimento Associativo - Evolução do Associativismo no Município de Governador Valadares é uma iniciativa que promete alavancar a efetividade dessas entidades. O projeto contempla, desde fevereiro

deste ano, cerca de vinte instituições, entre assistenciais, comunitárias e de geração de renda.

Dentre as ações do projeto, destaca-se o diagnóstico sobre a realidade das entidades participantes. "Após a sistematização das informações, vamos promover um 'encontro' com as lideranças das entidades para socializar as constatações e construir as bases da segunda fase do projeto", explica Cristiane Esteves, coordenadora geral do projeto. As associações passarão a trabalhar juntas, dividir experiências e pensar suas ações sob orientação de pessoal capacitado. "Queremos que as entidades tenham corpo, tenham vida e que no futuro nos ajudemos de forma organizada", declara



irmã Terezinha Vandresen, presidente da entidade proponente do projeto, a Cidade dos Meninos.

O programa funciona com verbas do MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - e conta com advogado, psicóloga, nutricionista, engenheiro agrônomo e jornalista para dar suporte técnico às entidades. Esses profissionais realizam oficinas de formação para promover a organização sócio-econômica, política e cultural das

associações, capacitar seus membros para o planejamento e gestão empreendedora de unidades coletivas de produção, beneficiamento e comercialização. Segundo a deputada estadual Elisa Costa, que articulou o projeto junto ao ministério: "O avanço das políticas públicas sociais no Brasil aponta a necessidade de uma maior organização dos

movimentos sociais. O projeto Desenvolvimento Associativo dá essa contribuição".

A comunicação desenvolvida pelo projeto também é um grande avanço para o associativismo. "Nunca tivemos nada desse tipo voltado para os grupos urbanos. Não tínhamos como divulgar os nossos trabalhos para os demais grupos e para a comunidade em geral", afirma Maura Lúcia de Araújo Silva, secretária do Centro Assistencial Casa do Caminho, uma das entidades participantes.

A sede do projeto fica na Rua Paraná, 155 - Lourdes, Governador Valadares - CEP 35.020-550. O contato pode ser feito pelo (33) 3277.9384 ou pelo e-mail associativismocomunicacao@gmail.com.

Cuidar da sua saúde e do rio Doce.

É para isso que a Prefeitura de Valadares
e o SAAE estão trabalhando.



Estação de Tratamento de Esgoto dos bairros Santa Rita e Elvamar

Ao construir as duas ETE's (Estações de Tratamento de Esgoto) nos bairros Santa Rita e Elvamar, a Prefeitura de Valadares, através do SAAE, investiu mais de R\$ 14 milhões não apenas em obras, mas na saúde e qualidade de vida das milhares de pessoas diretamente beneficiadas, que vivem nos bairros Santa Rita, Nova Santa Rita, Distrito Industrial e toda a região da Ibituruna.

Estas comunidades podem se considerar privilegiadas, pois serão pioneiras em viver em lugares onde a água é coletada das redes de esgoto e devolvida ao Rio Doce, limpa e saudável.

Uma grande obra, que na medida em que avança por várias ruas da cidade incomoda, por isso pedimos a compreensão. O transtorno é momentâneo, mas o benefício é para sempre.

**É assim que a Prefeitura de Valadares e o SAAE trabalham.
Promovendo mais qualidade de vida para você.**



Cooperativismo

Alternativa de renda para o produtor rural



Pergunte a quem mora e trabalha no campo qual é o grande desafio a ser enfrentado e a resposta será unânime: a comercialização de produtos. Em nome desse desafio o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Colatina fundou, em abril de 2003, a CAF - Cooperativa dos Agricultores Familiares. Com 35 sócios fundadores, logo recebeu a adesão de dez municípios vizinhos.

Já em 2004 surgiu a oportunidade de venda da manga ubá para a indústria de suco. Foram comercializadas quarenta toneladas. A fruta, nativa na região, acabava de entrar para a pauta de negócios, mesmo porque, estava recém-criado pelo Governo do Estado o Pólo da Manga, envolvendo doze municípios do entorno de Colatina. Dois anos depois a comercialização mais do que dobrou, saltando para noventa toneladas de manga vendidas por cinquenta produtores, e as perspectivas são ainda incalculáveis, pois o mercado de suco no país e no mundo está em franca expansão.

Mas as dificuldades ainda são muitas. Os processos de colheita, pós-colheita e transporte da fruta são uma grande novidade numa região tradicionalmente produtora de café. Os produtores têm que

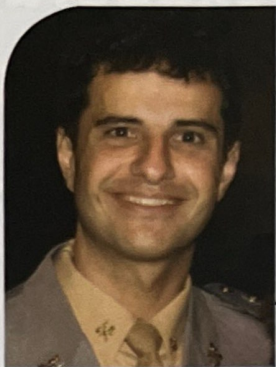
se adaptar. Estão dispostos e contam com apoio do Pronaf - Programa Nacional de Agricultura Familiar, de órgãos governamentais e de vários parceiros. No entanto, a grande parceria é com a indústria. Através de rodadas de negociação são acertados preços mínimos e garantia de compra e venda. Os dois lados saem ganhando.

O esforço e sucesso da CAF têm estimulado o surgimento de outras cooperativas de comercialização de manga na bacia do Doce. A primeira das afiliadas da CAF é a Copfrut - Cooperativa de Produção, Processamento e Comercialização de Frutas do Leste de Minas Gerais, com sede em Dom Cavati, que abrange cerca de quinze municípios nos arredores de Ipatinga, Governador Valadares e Caratinga. Em fase final de constituição, a cooperativa começa a operar ainda este ano. Aquela região, diferentemente de Colatina, tem tradição na venda da manga para utilização chamada de mesa.

A segunda experiência começa a surgir em Aimorés, também em Minas Gerais. Os

produtores reunidos já querem começar a vender manga para a indústria ainda na safra 2007/2008. As negociações estão adiantadas e tudo indica que as parcerias irão (com o perdão do trocadilho) frutificar.





A importância da Defesa Civil forte e atuante

André Có Silva*

Sentimentos de cooperação nascidos em desastres ilustram o que é a Defesa Civil. Nossos ancestrais já cooperavam para defesa de seus vulneráveis grupos e na Bíblia vemos o esforço de Noé no dilúvio. Mas foi nas guerras do século XX que a Defesa Civil tomou forma, ao agir para mitigar danos humanos nos grandes bombardeios.

No Brasil experiências difusas só culminaram na organização da Defesa Civil em 1988, com a criação do SINDEC – Sistema Nacional de Defesa Civil. Atendendo ao que preceitua a Política Nacional de Defesa Civil, com norte na prevenção, preparação, resposta e recuperação, a SEDEC – Secretaria Nacional de Defesa Civil – e os órgãos estaduais trabalham para o fortalecimento do Sistema, capacitando pessoal das prefeituras e dos órgãos setoriais e de apoio, em articulação com os diversos setores da sociedade. Porém os problemas ainda são muitos.

A responsabilidade de atuação em desastres é do município, jurisdição que sofre o primeiro impacto, e Estado e União devem agir subsidiariamente. Mas as equipes municipais de Defesa Civil sofrem com perda de pessoal capacitado e descontinuidade das ações e planejamentos, pois os cargos frequentemente possuem caráter fisiológico. As respostas aos desastres acabam desordenadas, com improviso e aplicação ineficaz de recursos.

Não temos conseguindo repassar a importância do fortalecimento dos órgãos municipais, nem há prioridade dos prefeitos em apoiar a Defesa Civil. Exemplo é o Espírito Santo, onde somente 11% dos municípios contam com estrutura atuante e 60% têm órgãos formalizados que só aparecem nos momentos de desastres. Sem medo de errar, afirmo que nos outros estados a situação não é tão diferente.

Se acontecer uma grande enxurrada num

município da bacia do rio Doce agora, com colapso da malha viária, coleta de lixo, telefonia e prejuízo agropecuário, muitos feridos e desabrigados – quantos municípios saberão de suas áreas de risco? E instalar e fazer funcionar um abrigo temporário? Estarão preparados orçamentariamente? A quem a população pedirá socorro? Para onde irá? Há plano de contingência? Existe alguma ferramenta gerencial dessas operações? Realizaram simulados? Quem é responsável por cada ação? A resposta, infelizmente, será frustrante, pois não se trabalhou na prevenção durante o período de normalidade, não houve campanha de educação da população, nem fiscalização rigorosa do crescimento urbano desordenado, não cadastraram residentes das áreas de risco, não limpavam as galerias e calhas do rio, não há linha de ação para cada sinistro, não criaram rubrica para o atendimento à população afetada. Outra pergunta: É difícil esse cenário acontecer? Particularmente acho até muito provável.

Sabemos que nossa missão não é fácil e não serão esses obstáculos que farão desanimar os que trabalham para o fortalecimento da Defesa Civil, pois nesse árduo caminho sempre encontramos pessoas dedicadas. O Projeto Águas do Rio Doce soube ler a importância de uma Defesa Civil forte e veio trabalhar em parceria conosco. Parabéns ao Projeto por seu trabalho, que, aliás, é também de Defesa Civil. Conclamo políticos, sociedade civil organizada e comunidade para fazer o mesmo.

"Precisamos, acima de tudo, passar de uma cultura de reação para uma cultura de prevenção. A prevenção não apenas é mais humana do que a cura, como é também menos dispendiosa." Koffi Annan

* André Có Silva é major do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo, coordenador adjunto da Defesa Civil do ES e relator da Câmara Técnica de Gestão das Cheias do CBH-Doce.

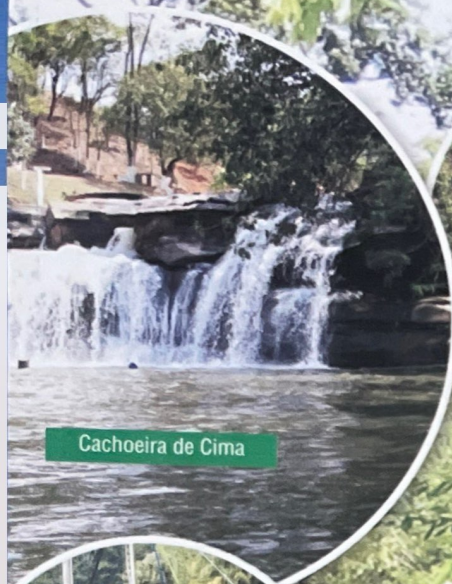
e-mail: majorbmandre@gmail.com

Natureza exuberante e povo acolhedor.

Assim é Santana do Paraíso.
Uma cidade nova, mas com
muitas histórias para contar.
Lugar onde a natureza é pródiga.

Suas belas cachoeiras e
inúmeros cursos d'água formam
o coração das águas da Região
Metropolitana do Vale do Aço,
incentivam o turismo e garantem
o abastecimento da população.

Graças às suas belezas naturais é hoje
um dos principais pólos turísticos
da região, uma cidade para todos.



Cachoeira de Cima



Praça da Matriz



Grupo de Congado
Nossa Senhora do Rosário



Festa de Santana



Serra da Serenata



Santana do Paraíso
(vista panorâmica)



Igreja Matriz de Santana

Cachoeiras
Lazer
Montanhas
Sossego
Festas
Cultura
Lagoas
Qualidade de vida

Florestas Urbanas

Mais verde para Resplendor, Aimorés e Baixo Guandu



Foto: Marcelo Duarte

A CVRD – Companhia Vale do Rio Doce – e a Cemig – Companhia Energética de Minas Gerais – lançaram no fim de outubro um projeto de recuperação ambiental para resgatar parte da biodiversidade e da paisagem original dos municípios de Resplendor, Aimorés e Baixo Guandu. Serão destinados R\$ 2,6 milhões para a primeira fase do projeto, que começa em dezembro deste ano com o plantio de 120 mil mudas de espécies nativas da Mata Atlântica como o jacarandá, peroba e ipês rosa e amarelo produzidas na reserva natural da CVRD em Linhares-ES. A expectativa é de que os resultados já comecem a ser percebidos em dois anos.

O projeto terá três etapas: arborização urbana, criação de pequenas florestas dentro das cidades e formação de um cinturão verde às margens da Estrada de Ferro Vitória a Minas, pertencente à CVRD. Através do planejamento e levantamento feitos em parceria com as secretarias municipais de Meio Ambiente, a primeira ação consiste na recuperação de áreas como calçadas, praças, ruas e avenidas, visando também amenizar o micro-clima. Na segunda, a CVRD fará a doação para cada município de terrenos e de milhares de mudas da mata atlântica para a criação das florestas urbanas. A última etapa tem a intenção de embelezar e diminuir os impactos causados pela ferrovia. “Além da função paisagística, as árvores também vão servir

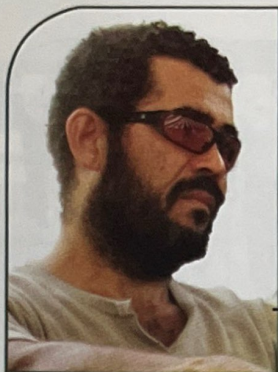
como barreira para a poeira e o barulho. Inicialmente ao longo das estações de Resplendor, Aimorés e Baixo Guandu, este projeto piloto vai se estender a todos os outros municípios servidos pela Vitória a Minas”, explica o diretor do Instituto Ambiental da CVRD e um dos coordenadores do projeto, Renato de Jesus.

Junto com o anúncio do projeto de recuperação ambiental, a Usina Hidrelétrica de Aimorés, um empreendimento da Vale em associação com a Cemig, inaugurou no município o seu Parque Botânico. Com uma área total de quarenta hectares, o parque receberá 44 mil mudas de espécies nativas da região. “O nosso principal objetivo é preservar, educar e ensinar. Para isso, a sede do parque vai ter um auditório com capacidade para oitenta pessoas, salas



para oficinas educativas e um centro de educação ambiental, que será uma extensão do trabalho já realizado pela Usina”, diz o gerente operacional de meio ambiente da hidrelétrica, Sérgio Rubião.

Outra inauguração ocorrida no mesmo dia foi a do Núcleo Museológico de Arqueologia de Aimorés. Ele abriga os artefatos arqueológicos, como peças de cerâmica, ferramentas e urnas, encontrados no município do período que antecedeu a construção da hidrelétrica e é parte do resultado de dez anos de pesquisas realizadas também em Resplendor e Itueta.



Fragmentos culturais do Doce antigo

João Luiz*

A bacia hidrográfica do rio Doce figura entre as regiões brasileiras onde a arqueologia foi menos sucedida no estabelecimento de problemas de pesquisas significativos. Conferir sentido à multiplicidade de conjuntos de fragmentos de sistemas culturais existentes ao longo desse imenso território não é tarefa das mais fáceis, pois os sistemas culturais não se repetem da mesma forma em lugares diferentes.

Nesse cenário, conjuntos de sítios arqueológicos conservam uma rica diversidade cultural material construída durante um período de mais de 5 mil anos. Além de registros de grupos falantes do Tupinambá e também de línguas Jê, são destacados registros ainda sem filiação definida, principalmente na região do vale da Suruaca, onde *mounds* e sítios ricos em cerâmica e restos faunísticos se intercalam dentro da paisagem. Esse termo originou-se do topônimo lagoa da Suruaca (do Tupi suru = sururu + aca = amargo), principal remanescente vivo da grande paleolaguna que caracteriza o paleodelta do rio Doce. Foi adotado regionalmente para se reportar à extensa área alagadiça com formação mais destacada no baixo rio Barra Seca.

O tipo de *mound* mais comum no litoral brasileiro são os sambaquis, termo de origem Tupi-guarani que significa morro de concha e que tinha a função de cemitério. Embora os morros do Suruaca sejam semelhantes na forma e, muitas vezes, no tamanho e função dos sambaquis, é interessante apresentá-los como *mounds*.

A idéia de se usar - num primeiro momento - esse termo está fortalecida no fato de que independentemente da existência ou não de conchas no sedimento, o mesmo é largamente utilizado no

mundo inteiro para definir sítios com características de morros ou elevações. A principal diferença está no padrão formativo desses sítios. Enquanto nos sambaquis as conchas predominam, nos *mounds* do Suruaca a terra-preta é o principal componente dando às conchas um papel de pouca significância.

Os inúmeros sepultamentos dispostos em camadas apontam para a hipótese mais plausível, isto é, a de que a construção desses registros se deu ao longo de milhares de anos e de forma intencional, ou seja, funcionaram por longo tempo como lugares sagrados e, possivelmente, como marcadores de território.

Embora ainda sem subsídios culturais suficientes, por exemplo tecnológicos, a singularidade desses *mounds* traz à luz da ciência um problema já abordado na arqueologia do litoral brasileiro, isto é, a existência de não apenas uma "cultura sambaquieira" para o período Arcaico do litoral, e sim, de várias "culturas regionais" contemporâneas.

Finalmente, embora a bacia do Doce se mostre com avanços científicos ainda tímidos, também se apresenta, de certo modo, estratégica para se avançar questões da arqueologia das terras baixas do leste da América do Sul. Um programa arqueológico sistemático para essa região é imprescindível e deverá estar orientado a partir de questões antropológicas gerais que demandam tratamentos arqueológicos e etnográficos e problemas de pesquisa teóricos e metodológicos inter-relacionados, como avaliação do impacto da conquista européia sobre os padrões pré-coloniais de organização social e política; estabelecimento de fronteiras étnicas e lingüísticas a partir do registro arqueológico e definição de processos sócio ambientais.

*João Luiz C. Teixeira é biólogo pela PUC Campinas, M.Sc. e Ds. em Arqueologia pelo MAE/USP e pesquisador do baixo rio Doce.

e-mail: mucesdir@hotmail.com

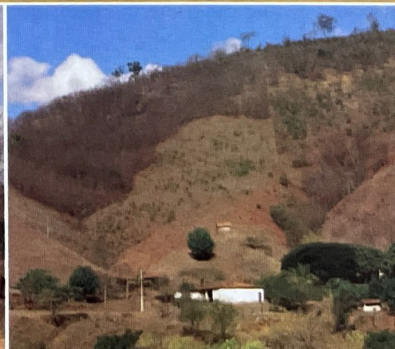
DESEQUILÍBRIO

A invasão da aroeira no médio rio Doce



(...) “Madeira de dar em doido vai descer até quebrar.
É a volta do cipó de aroeira no lombo de quem mandou dar.”

(Trecho extraído da música Aroeira, de Geraldo Vandré).



São muitas as plantas conhecidas pela ciência com o nome de aroeira. Pela vasta quantidade de nomes populares que carregam, deixam transparecer que se trata de diferentes espécies da família *Anacardiaceae* espalhadas pelo país. Nativa da América do Sul, a aroeira ocorre em biomas diversos como a mata atlântica, caatinga, cerrado e em algumas regiões da Bolívia, do Paraguai e da Argentina. O nome popular, aroeira, é uma corruptela de araroeira, que vem de arara, dando a idéia de que esta árvore seria de propriedade da ave, já que frequentemente nela a arara pousa e vive.

Dentre as mais de quinhentas espécies de aroeira conhecidas pela ciência, está a *Myracrodruon urundeuva*. Segundo os primeiros trabalhos de pesquisas de campo realizados no ano de 1999 pelo então Escritório da Bacia do Rio Doce - projeto piloto da Secretaria Nacional de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, junto com o laboratório de botânica da Ufmg - Universidade Federal de Minas Gerais, a *Myracrodruon urundeuva* foi identificada como sendo a espécie de aroeira predominante na região do médio rio Doce e, hoje, taxada de praga pelos produtores rurais.

Não pela imponência de seu porte, mas pela rigidez de sua madeira, a aroeira carrega a fama de ser a mais resistente do Brasil. Um estudo do IPT/USP - Instituto de Pesquisas Tecnológicas da Universidade de São Paulo, por exemplo, atesta que um centímetro cúbico de aroeira suporta uma carga de até 700 kg, enquanto o mesmo volume de concreto suporta em média 250 kg. Sua característica de resistir ao apodrecimento em presença de água torna sua madeira a preferida pela construção civil para obras externas como em vigas, pisos, pontes, pinguelas e dormentes, e pelos fazendeiros na confecção de mourões, cercas e postes. Por não deixar praticamente espaço entre suas fibras, a aroeira dificilmente é atingida por cupins, brocas e mesmo fungos. Além disso, produz substâncias que têm ação fungicida e inseticida, tornando ainda mais desfavorável a ação desses agentes de deterioração.

Seus usos são múltiplos. Além das aplicações de sua madeira, a medicina popular diz que a casca da planta possui propriedades balsâmicas e cicatrizantes, utilizadas para tratamento de gastrite, inflamação de garganta e diarreia, já que ela é rica em tanino e substâncias adstringentes.

Invasão

Há cinquenta anos, a ocorrência da aroeira na bacia do rio Doce estava restrita a exemplares difusos no interior da mata atlântica. Com a eliminação da floresta, seu habitat natural, a espécie invadiu as áreas de pastagens e os produtores rurais passaram a considerá-la como uma planta indesejável, apelidando-a erroneamente de aroeirinha. Hoje ela ocupa uma faixa que vai desde o município mineiro de Governador Valadares até Baixo Guandu-ES e continua se expandindo, gerando impactos ambientais e econômicos na região.

Por efeito de sua sombra e de uma possível alelopatia - fenômeno que provoca eliminação de toxinas pela raiz da planta - a aroeira inibe que outras espécies germinem e cresçam em baixo dela, incluindo os capins colônio e brachiarão, bastante utilizados pelos produtores rurais da bacia. Isso tem provocado a eliminação do capim e uma contínua perda da qualidade das pastagens, reduzindo ainda mais a já baixa rentabilidade da pecuária na região, sua principal fonte de renda.

A sobrevivência da aroeira fora da mata deveu-se à sua condição de boa produtora de sementes e sua capacidade de interação com o ambiente, adaptando-se facilmente a solos com deficiência de água. Sabe-se também que a espécie precisa de luz direta para se desenvolver, o que não ocorre em mata fechada. "Dentro de uma floresta ela ocorre em baixa densidade, mas nos ambientes devastados ela forma povoamentos



quase puros", diz o chefe da divisão de licenciamento e fiscalização da superintendência do Ibama - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - em Minas Gerais, o engenheiro florestal Sebastião Pires.

A floração da aroeira ocorre durante os meses de junho e julho, geralmente com a planta totalmente despida de sua folhagem. A maturação completa dos frutos inicia-se no fim do mês de setembro, prolongando-se até outubro. No inverno, a planta perde todas as suas folhas, formando um feio e árido agrupamento. "Neste período de seca, a aroeirinha forma uma paisagem desoladora, sem pássaros e sem qualquer tipo de vida. Um deserto chamado de verde no tempo das águas", expressa o diretor de Agricultura e Meio Ambiente de Baixo Guandu e presidente do Conselho Municipal de Meio Ambiente, Josmar Gobbo.

Para o produtor rural, a aroeira é uma verdadeira vilã na região. "A árvore que era para trazer alegria traz praga e desgosto. A aroeira não deixa nada nascer por perto e quando chove a correnteza lava o solo e forma crateras enormes. Com isso já perdi três cabeças de gado. A madeira para o curral eu tenho que comprar, e a preço caro, porque a aroeira, que tem uma madeira excelente para sua confecção e é praga na minha propriedade, é protegida por lei", desabafa o pequeno produtor rural de Baixo Guandu, Amilton Rodrigues.

Mas os ambientalistas garantem que a responsabilidade é toda do ser humano. "Na natureza tudo é equilíbrio. A aroeira não é invasora no Doce. Mesmo que fosse, não teria invadido se houvesse matas. Fato é que tem se beneficiado das consequências do mau uso do solo. O seu controle precisa de conhecimento. É uma planta muito especial. Acontece que da maneira como tem crescido na bacia, sem concorrência e esgalhada, dela pouco se aproveita. Fica apenas a má fama de invasora", avalia o consultor ambiental e ex-coordenador do Escritório da Bacia do Rio Doce, Marco Antônio Fernandez.

As leis ambientais e o manejo da aroeira

Na prática, a aroeira tornou-se um grande problema que desafia não só produtores rurais mas órgãos públicos competentes. Há dezessete anos a aroeira figura na lista oficial de espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção, defendida por diversas portarias normativas do Ibama e do Conama - Conselho Nacional de Meio Ambiente, bem como pelas leis ambientais vigentes, sobretudo pela Lei Federal de Crimes Ambientais (9.605/98). Em Minas Gerais, o manejo da aroeira (cortes, controle e contenção) é de responsabilidade do IEF - Instituto Estadual de Florestas, no Espírito Santo, do Idaf - Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal.

Só para se ter uma idéia, a complexidade da questão já preocupava diversas instituições antes de 2000. Naquele ano, a Associação de Defesa do Rio Caratinga, em parceria com o CBH-Caratinga, o IEF, o IMA - Instituto Mineiro de Agropecuária, as prefeituras de Dom Cavati, Tarumirim, Tumiritinga, Itanhomi, Conselheiro Pena e os sindicatos rurais desses municípios, apresentaram um projeto de manejo da aroeira ao Fundo Nacional de Meio Ambiente. A situação foi mostrada aos deputados da Cipe-Rio Doce que visitaram a região para ver de perto o problema, mas mesmo assim o projeto foi recusado por causa das restrições legais do manejo.

Segundo o engenheiro florestal do escritório do IEF em Conselheiro Pena, Sander Luís, o órgão, juntamente com autoridades locais, está preocupado com a situação e com o drama vivido pelas comunidades e tem buscado introduzir alternativas disponíveis para o manejo sustentável na bacia. Por enquanto, o manejo adotado pelo IEF consiste na limpeza de

Foto: arquivo da Secretaria de Agricultura de Baixo Guandu

pasto, ou seja, o corte raso da aroeira quando sua altura média ainda não atingiu três metros, de acordo com o Código Florestal, observando-se as regiões de nascentes, topos de morros, encostas e matas ciliares.

Um estudo para o manejo sustentável da aroeira na região vem sendo desenvolvido desde 2001 pelo Instituto Terra, em Aimorés, na área da RPPN – Reserva Particular do Patrimônio Natural - Fazenda Bulcão. O trabalho consiste em plantar outras espécies da mata atlântica junto à aroeira e conhecer as características dos solos onde há propagação da árvore. Futuramente, a idéia é propor para cada tipo de solo o plantio de diferentes espécies nativas que conseguem crescer e se adaptar junto à aroeira.

“O resultado da pesquisa será de médio prazo, mas esperamos que o número de indivíduos de aroeira por hectare seja reduzido e, conseqüentemente, outras espécies possam competir com ela no ambiente. A expectativa é de a floresta ser, aos poucos, recomposta. Vale dizer que ainda estamos analisando a viabilidade dessa experiência para o produtor”, afirma o gerente ambiental do Instituto Terra e coordenador da pesquisa, Jaeder Lopes Vieira.

No Espírito Santo, a situação não é diferente. Em Baixo Guandu, o Conselho Municipal de Meio Ambiente em parceria com agricultores, Idaf e Iema - Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, está buscando alternativas legais conjuntas para suprimir a aroeira. “Até o início de 2008 esperamos receber uma bióloga do Iema para fazer um levantamento técnico e confirmar realmente qual é a espécie de aroeira existente em nossa região. A partir daí, enviaremos o laudo para o Conselho Estadual de Meio Ambiente e aguardamos que seja feita uma resolução normativa para equacionar o problema no estado”, declara Josmar Gobbo.

O projeto de recuperação

O Governo de Minas Gerais, através da Semad - Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - e do IEF desenvolve desde 2004 o Projeto de Recuperação Florestal de Áreas Degradadas da Região do Médio Rio Doce. O Projeto, uma parceria com organismos não governamentais e a Itto - Organização Internacional de Madeiras Tropicais, com sede no Japão, tem o objetivo de realizar ações de recuperação em sete bacias tributárias do rio Doce. Em cada uma dessas bacias, o IEF conta com diferentes parceiros para o desenvolvimento das ações do Projeto, que tem recursos da ordem de R\$ 1.686.551. De forma experimental, será introduzido na região o manejo sustentável de 100 hectares de aroeira.



Pesquisa de uso

Uma parceria entre o Projeto Águas do Rio Doce e a Ufla - Universidade Federal de Lavras, através do departamento de química, vai juntar forças na busca de alternativas de utilização sustentável da aroeira, de forma a gerar renda para o produtor rural sem necessidade do corte da árvore. Os estudos vão se concentrar no aproveitamento de sementes, cascas, folhas e frutos. Esperam-se os primeiros resultados no período mínimo de um ano.

Enquanto isso...

Apesar de todas as restrições legais, o dia-a-dia na região do médio rio Doce mostra proprietários rurais dos mais diversos portes fazendo o controle da aroeira a qualquer custo. Infringindo a lei, utilizam veneno, motosserras e tratores na derrubada das matas de aroeira para plantar capim. O custo é alto e quase sempre financiado pelos dólares dos muitos imigrantes da bacia que foram trabalhar nos Estados Unidos.



Em maio de 2008 a comunidade nipo-brasileira festeja o aniversário dos cem anos da imigração japonesa ao Brasil. A marca é o dia em que o navio Kasato Maru aportou em Santos trazendo os primeiros trabalhadores que vislumbravam o sonho de uma vida melhor por aqui. A maioria destes imigrantes se fixou em São Paulo e Paraná e hoje formam a maior comunidade nipônica do mundo fora do Japão.

Do fim da 2ª Guerra Mundial até meados da década de 70, o Brasil recebeu cerca de 50 mil novos imigrantes japoneses. Havia uma significativa diferença no perfil destes trabalhadores se comparados ao processo migratório anterior: a qualificação profissional. Devido ao início da industrialização, o Brasil apresentava neste período uma conjuntura econômica favorável. Muitos imigrantes já chegaram com empregos nas novas indústrias, sobretudo siderúrgicas que eram implantadas no país. Começava assim a história dos japoneses na bacia do rio Doce.

O primeiro grande empreendimento nipo-brasileiro foi a siderúrgica Usiminas, em 1958 na cidade de Ipatinga-MG. Até 1962, com o andamento das obras de instalação e início de sua operação, a Usiminas admitiu um grande número de trabalhadores japoneses. Foram mais de quatrocentos imigrantes entre trabalhadores e familiares. Além desses, vieram também alguns

horticultores e comerciantes, formando assim uma verdadeira comunidade japonesa no Vale do Aço.

Em 1965 foi fundada a ANBI - Associação Nipo-Brasileira de Ipatinga - com o objetivo de preservar a cultura e tradição dos japoneses. Outra entidade com presença marcante na bacia do rio Doce é o Centro Cultural Tikufukai Internacional, única filial fora do Japão da instituição criada em 1971. Há 36 anos, visando contribuir para o fortalecimento de laços de amizade entre Brasil e Japão, o Tikufukai vem difundindo a cultura japonesa na região, através de cursos, mostras e eventos sobre *ikebana* (arte de arranjos florais), *origami* (dobradura de papel), *Shuji* (caligrafia japonesa), cerimônia do chá, dança japonesa, língua e música.

Hoje, em Ipatinga, monumentos, logradouros públicos e escolas levam nomes de imigrantes japoneses que fizeram a história do município. Destaca-se o Jardim das Cerejas, no bairro Castelo, com aproximadamente 150 cerejeiras, cuja flor é símbolo do Japão. A culinária também marca a forte presença da cultura japonesa, através de diversas mercearias e restaurantes de comida típica.

Atualmente, estima-se que na bacia do Doce residam aproximadamente cem famílias de origem japonesa, espalhadas nos municípios de Ipatinga, Timóteo, Coronel Fabriciano, Santana do Paraíso e Belo Oriente, sede da Cenibra - Celulose Nipo Brasileira - empresa que hoje tem seu capital totalmente japonês.

Dois momentos da imigração japonesa. Chegada do Kasato Maru em 1908 e o lançamento da pedra fundamental da Usiminas há meio século, em Ipatinga-MG





Linhares do rio Doce

Maria Lúcia Zunti *

A existência do rio Doce foi o principal fator que propiciou a colonização portuguesa e povoamento na região de Linhares-ES. Durante todo o século XVIII o rio esteve fechado à navegação, fato resultante do esforço da Coroa Portuguesa em reprimir o contrabando de ouro vindo de Minas Gerais.

A floresta tropical dominava ainda altaneira e intocada as margens do rio e estendia-se pelo interior. Na mata intensa e escura, centenas de animais rasgavam o silêncio, compondo com suas vozes uma orquestração inenarrável: o pio das aves, o rosnado das jaguatiricas, os gritos dos macacos e o zumbido de milhares de insetos. Como senhores inquestionáveis desse paraíso natural, reinavam primeiro os tupinambás e, depois, na época do povoamento português, os botocudos.

Revogada a proibição de navegação com o declínio da exploração aurífera, iniciou-se o ciclo de mudanças. Em 1800 o então governador da capitania do Espírito Santo recebeu ordens de abrir a navegação no rio, iniciar o povoamento de suas margens e defender as populações que ali se fixassem de ataques dos nativos. As ordens vieram do ministro da Marinha e Negócios Ultramarinos em Portugal, D. Rodrigo de Souza Coutinho que, depois, no Brasil com a família real portuguesa, foi agraciado com o título de conde de Linhares.

Atendendo às ordens o governador criou um destacamento de trezentos soldados e subiu o rio. Na foz, instalou o primeiro quartel militar, Regência Augusta, em homenagem a D. João VI, príncipe regente de Portugal. Continuou subindo o rio e a uns quarenta quilômetros da foz, num

platô localizado acima de uma barranca em forma de meia lua na margem norte do rio Doce, instalou o Quartel Coutins. Nove anos mais tarde outro governador da capitania mudou para Linhares o nome do quartel e do povoado que se formou em volta. Ali, às margens do rio Doce, iniciou-se a história de Linhares, onde atualmente há uma grande praça quadrada, o coração da memória histórica do município.

Viajantes ilustres como o príncipe Maximiliano Wied Neuwied (1815), Saint-Hilaire (1818), um bispo do Rio de Janeiro (1812 e 1818) e D. Pedro II (1860) estiveram em Linhares e informaram sobre a região no século XIX. Falaram do esplendor das matas, dos milhares de animais, aves e insetos, do rio Doce, da lagoa Juparanã e das dificuldades dos habitantes locais.

Linhares, em abril de 1833, havia sido elevado à situação de município e o povoado à condição de vila. No dia 22 de agosto de 1833 tomou posse a primeira Câmara de Vereadores que, pela legislação da época, era o poder que administrava as vilas e municípios.

O município de Linhares durante o século XIX era imenso. Seus limites foram assim descritos num relatório de polícia de 1841: "A Leste o oceano; ao Norte o termo de São Mateus; ao Sul Santa Cruz e a Oeste o território da província de Minas Gerais; dividindo-se com a província de Minas Gerais pela Serra do Espigão, entre os rios Manhuaçu e Guandu".

Conclui-se que toda a região atualmente demarcada no mapa da bacia hidrográfica do rio Doce como DO7 – bacia dos rios Guandu, Santa Maria do Doce, Pancas e São José – fez parte do município de Linhares.

* Maria Lúcia Grossi Zunti nasceu em Mercês-MG em 03/03/41. Mora em Linhares desde 1968. Graduada em História, mestre em Educação. Membro do IHGES - Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo - AFESL - Academia Feminina Espírito-Santense de Letras
e-mail: ml.zunti@hotmail.com



Projeto Sossego

Desenvolvimento com cidadania

Bacia do rio Doce, município de Itarana-ES, micro-bacia do córrego do Sossego. É esse o endereço de um projeto que se tornou um grande exemplo de mudança da realidade social e econômica de uma comunidade através de melhor gestão de seus recursos hídricos. O Projeto Sossego teve início em 2006 e vai até 2009, envolvendo instituições públicas e privadas, sociedade civil e produtores rurais

O projeto atua através da metodologia Geor - Gestão Estratégica Orientada para Resultados, utilizada pelo sistema Sebrae. A partir dessa ferramenta foram estabelecidos cinco resultados finalísticos, metas e prazos para permitir que eles sejam mensurados. As ações pretendidas são: aumento da produtividade agrícola através do uso racional da água na agricultura; aumento da renda familiar; redução do índice de esquistossomose; aumento do índice de cobertura vegetal na bacia; e garantia de vazão mínima no córrego durante todo o ano, conforme a legislação vigente.

A comunidade do córrego do Sossego reúne perto de oitocentas pessoas, em 148 propriedades rurais que sobrevivem basicamente das culturas do café, da banana e do inhame. Todas estas culturas consomem um grande volume de água que se torna escassa na época da estiagem. O custo de produção é alto, o lucro é baixo e a consequência é uma forte pressão sobre os recursos naturais. A

esquistossomose é endêmica na comunidade, baixando ainda mais os índices de qualidade de vida da população. Dentro da composição dos focos estratégicos do Projeto Sossego a saúde é prioridade. A meta é reduzir de 12,71% para 10% o índice de esquistossomose na bacia do córrego do Sossego ao fim de 2007 e para 5% no fim de 2008. Estão previstos ainda para este ano investimentos da Funasa na ordem de R\$ 250 mil para implantação



de melhorias sanitárias domiciliares em toda a bacia.

Através do Projeto, as comunidades participam de cursos de capacitação técnica, palestras e reuniões sobre economia, finanças, preservação, acesso a crédito, numa visão comprometida com o desenvolvimento econômico, social e ambiental. Um diagnóstico do uso e manejo da água na agricultura é realizado junto

aos produtores para conhecer a realidade hídrica da região e a partir disso fazer um intenso trabalho em busca de melhor aproveitamento da água na agricultura e conseqüente redução da energia elétrica nos processos de manejo e irrigação.

Outra frente de atuação é na melhoria das estradas vicinais para facilitar o escoamento dos produtos agrícolas, realizada pela prefeitura municipal de Itarana, parceira do Projeto Sossego. Ao lado do Sebrae, a prefeitura também adquire equipamentos para melhorar a telefonia na micro-bacia.

Alcançar os resultados finalísticos tem sido possível graças a uma ação compartilhada com diversos parceiros e seus públicos-alvo. O projeto é desenvolvido pelo Sebrae em parceria com a Ufes/LabGest - Laboratório de Gestão de Recursos Hídricos & Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Espírito Santo - e Secretaria de Estado da Agricultura, por meio do Incaper - Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural. Ainda outras instituições apoiam o trabalho, como o Senar, Secretaria de Estado da Saúde, Funasa - Fundação Nacional de Saúde, Idaf - Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal, Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Sossego, Bandes - Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo - e a prefeitura municipal de Itarana com suas secretarias de Saúde, Agricultura e Educação.



Gerenciamento ambiental

Monitoramento das ações faz a diferença

A Usina Hidrelétrica Guilman - Amorim fica no rio Piracicaba, um dos principais afluentes do rio Doce, e opera desde dezembro de 1997 com uma capacidade instalada de 140 megawatts (equivalente à demanda doméstica e de serviços de uma cidade de 500 mil habitantes). Atende parcialmente à Usina Siderúrgica Belgo Mineira em João Monlevade e à mina da Samarco Mineração S/A em Germano, no município de Mariana, ambos em Minas Gerais.

As instalações da usina ocupam uma área na divisa de dois municípios. Em Nova Era ficam a barragem e o reservatório; em Antônio Dias a casa de força, linhas de transmissão, subestação, o Ceap – Centro de Educação Ambiental e Apoio aos Visitantes – e a RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural - Guilman-Amorim.

A filosofia voltada para a responsabilidade social acompanha toda a história do empreendimento. Desde a época de sua construção a UHE Guilman-Amorim foi pioneira e por onze anos ininterruptos vem trazendo diversos benefícios às comunidades direta ou indiretamente envolvidas com a Usina por meio do desenvolvimento dos



Programas de Educação Ambiental, Comunicação Social e Responsabilidade Social.

No Programa de Educação Ambiental são desenvolvidos projetos como o Lições do Piracicaba, que

fornece informações sobre saúde pública, saneamento, fauna aquática, clima, dinâmica fluvial e outros, através de vídeos, cartilhas e folhetos distribuídos. Está em andamento também o projeto "Guilman-Amorim Ensina" que promove a troca de conhecimentos sobre a bacia do rio Piracicaba por meio de cursos de capacitação de professores, palestras e oficinas, exposição de fotos e visitas à "Trilha da Jaguatirica", na RPPN.

A hidrelétrica merece destaque também pela preocupação com o meio ambiente, que inclui o SGA – Sistema de Gestão Ambiental. São mais de dez anos de gerenciamento ambiental com trabalhos voltados para o conhecimento local e a conservação da biodiversidade da região. Duas importantes atividades desenvolvidas são:

- monitoramento da qualidade da água do rio Piracicaba dentro da área de influência da Usina, o que possibilitou a elaboração de um importante banco de dados de sua bacia hidrográfica;
- monitoramento hidrológico e climatológico da região, que é feito através de uma estação meteorológica em funcionamento desde 1999.



Preparação profissional

Transformando técnicos agrícolas em agentes do desenvolvimento sustentável

Produzir mais, preservar o meio ambiente e promover a qualidade de vida na zona rural. Esses são os grandes desafios impostos ao desenvolvimento da agricultura no mundo inteiro. Mais que máquinas, adubos químicos e agrotóxicos, a produção rural precisa, a cada dia, contar com profissionais capazes de compreender e adaptar essas novas tecnologias aos escassos recursos naturais. E esse novo profissional já está sendo formado, em Aimorés-MG, pelo curso Agro-ambiental de Nível Técnico, mantido pelo Instituto Terra desde fevereiro de 2005, no Centro Avançado para Recuperação Ambiental e Desenvolvimento Rural Sustentável.

O curso recebe técnicos agrícolas recém-formados e os prepara para trabalhar principalmente com pequenos agricultores e com capacidade para integrar a recuperação ambiental no processo de produção agrícola. Com o objetivo de colocar no mercado de trabalho profissionais comprometidos com a ecologia e, ao mesmo tempo, com o conhecimento técnico necessário para atender a demanda por mão-de-obra especializada neste setor, o curso Agro-ambiental funciona em regime de internato. Os alunos ficam alojados na residência do Centro

Avançado, dentro da RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural - Fazenda Bulcão, sede do Instituto Terra, e recebem alimentação e uniformes, além de uma ajuda de custo mensal e seguro de vida. O curso é mantido através do apoio do Governo das Astúrias, na Espanha, e de patrocinadores.



A cada ano ingressam no Centro Avançado dez alunos, que são selecionados nas escolas técnicas da região da bacia do rio Doce. A cada ano convivem no espaço vinte alunos – dez novos e dez realizando o último ano do curso. O período de formação é de dois anos, com direito a certificado. A primeira turma concluiu o curso em dezembro de 2006. A segunda turma se formará em dezembro deste ano.

“Os agentes que concluíram o curso do Centro Avançado estão agora inseridos no mercado de trabalho em áreas relacionadas e muitos deles prosseguiram com os estudos e estão cursando alguma graduação”, ressalta o coordenador do Centro Avançado, Carlos José Lessa da Cunha.

Durante o curso, os alunos fazem o acompanhamento das atividades de recuperação de área degradada na própria Fazenda Bulcão (viveiro de mudas nativas, jardim, plantio, tratos culturais, etc.). Os trabalhos práticos acontecem de acordo com a época do ano e correspondem a 75% das atividades no Centro Avançado. As demais atividades são cursos teóricos e de pesquisa.

Além das atividades na RPPN Fazenda Bulcão, os alunos são preparados para elaborar, implantar, acompanhar, avaliar e prestar contas de projetos na área ambiental e agroecológica. Para isso, acompanham as atividades efetivadas pelo Instituto Terra e seus parceiros, como prefeituras, órgãos governamentais e não-governamentais, e, sobretudo, junto aos produtores rurais da região. Ao fim do período de formação, o aluno realiza ainda um estágio supervisionado, com duração de 360 horas.



Protagonismo jovem

Desenvolvimento sustentável nas comunidades costeiras

Há quatro anos as comunidades de Regência, Povoação, Degredo e Pontal do Ipiranga, na região costeira de Linhares-ES, integram um projeto vitorioso de educação ambiental e cidadania. Crianças, jovens, idosos, professores, pescadores e donas de casa, todo mundo se envolve nas dezesseis ações que compõem o Projeto EcoCidadania, mantido pela Petrobras e executado em parceria com diversas instituições, entre elas o Projeto Tamar/Ibama. Entre as atividades desenvolvidas estão TV e rádio comunitárias, programas de educação ambiental e formação continuada de professores, hortas comunitárias, laboratório de pesca, laboratórios de informática, museus, bibliotecas comunitárias, trilhas, oficinas, Centro de Integração Comunitária e coleta seletiva de resíduos sólidos.

Hoje a comunidade participa ativamente nas discussões de problemas locais, nas ações de resgate e preservação de valores históricos e culturais, no dia-a-dia da preservação ambiental, na busca de geração de renda e trabalho aproveitando os recursos naturais, nas pesquisas de melhoria das atividades pesqueiras entre ou-

tras. Os resultados do projeto podem ser medidos através das mudanças de comportamento especialmente de crianças e jovens, refletindo posturas mais cidadãs.

Os jovens são protagonistas do processo de educação ambiental e

cional sobre o Projeto EcoCidadania e uma reportagem especial feita durante as gravações do programa Globo Ecologia na foz do rio Doce, em julho de 2006.

Nas palavras dos moradores, "o projeto tem ajudado muito a comunidade, principalmente as crianças e jovens que estão sendo instruídos sobre a importância da conscientização ambiental", afirma Eliá Moraes, diretora do Ceim – Centro de Educação Infantil Municipal – da Vila Regência. "O EcoCidadania é um trabalho de educação ambiental desenvolvido pelas comunidades e voltado para elas, e através dele todos nós estamos aprendendo a respeitar o meio ambiente", completa Peterson Pontes, presidente da Associação dos Moradores de Povoação.

A partir de janeiro de 2008, o EcoCidadania passará à gestão da Ascord - Agência de Sustentabilidade Comunitária da Planície Costeira do Rio Doce, uma associação que engloba todas as instituições parceiras do projeto (membros do atual Conselho Gestor).

A agência buscará novos projetos e parcerias que levem desenvolvimento sustentável para a região.



comunicação nas comunidades. Em Regência, são eles que conduzem a programação da TV ECO, parte integrante da ação Comunicação Comunitária Áudio-Visual. Através da tevê comunitária os meninos e meninas acompanham o cotidiano da comunidade, produzindo reportagens que são veiculadas em telão na praça e em eventos dentro ou fora do município. Entre os trabalhos desenvolvidos por eles está um documentário institu-



**RECICLAR O LIXO
É O BICHO!**

*Com a reciclagem você reduz os custos das
matérias-primas e economiza recursos naturais.
Recicle e ajude a salvar nosso planeta!*



**Sucateira
VALE DO AÇO LTDA.**



Empresa com
licenciamento
Ambiental

Rua Novo Hamburgo, 175 - Veneza - Ipatinga - MG - Telefax: 31. 3822.8731

Preservar o meio ambiente faz parte do nosso negócio

Consórcio Guandu

***Uma história de cidadania feita com
união, trabalho, respeito e ousadia.***

Parabéns!



10 anos

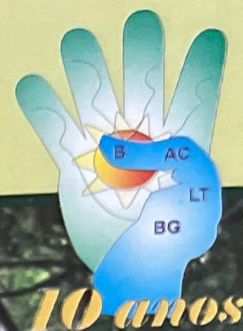


**PREFEITURA MUNICIPAL
LARANJA DA TERRA**

ADM. 2005/2008

“Trabalhando para um futuro melhor”

Especial: Consórcio Guandu



Pioneirismo

10 anos

de conquistas

“Quatro municípios e um rio. A mão sem o dedo polegar pouco vale, os municípios sem o rio Guandu nada valem. A mão que destruiu, hoje se une para reconstruir”. Este é o lema do Consórcio Intermunicipal para a Recuperação Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu, expresso no seu símbolo escolhido em um concurso aberto à comunidade logo no começo de suas atividades. O consórcio está comemorando 10 anos de trabalho em prol da melhoria ambiental e do desenvolvimento sustentável desta bacia, tão importante para o rio Doce.

O balanço de uma década apresenta resultados concretos no trabalho de mobilização social e também de conquistas e melhorias no meio ambiente local. Os municípios e os parceiros que compõem o Consórcio viram, presenciaram e participaram de ações que proporcionaram novos conhecimentos sobre a bacia, principalmente junto ao poder público municipal, os produtores rurais, crianças e jovens. Isso levou a uma maior participação da sociedade nas questões ambientais da região e tem permitido que os cidadãos se tornem multiplicadores das atividades dentro de seu município.

Instituído no dia 2 de outubro de 1997, o Consórcio do Rio Guandu é uma

iniciativa pioneira na bacia do rio Doce na gestão hídrico-ambiental. Com o objetivo de promover a melhoria da qualidade de vida nos municípios consorciados e a conservação dos bens naturais, as atividades do Consórcio surgiram, sobretudo, da preocupação com o mau gerenciamento dos recursos hídricos da região. Hoje, suas ações estão voltadas principalmente para o abastecimento de água, tratamento dos resíduos sólidos, efluentes e dejetos domésticos e agropecuários, como também para o bom uso dos solos, reflorestamento e construção de estradas ecológicas. Tais atividades estão em sintonia com uma política de educação ambiental que tem visão da



A necessidade de preservação do rio Guandu despertou a sociedade no fim dos anos 90 envolvendo diversos segmentos nos quatro municípios

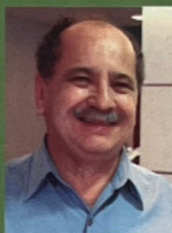


OPINIÃO.....



Otávio Saiter Filho, secretário de Meio Ambiente de Afonso Cláudio e coordenador do Grupo Municipal de Trabalho

"Quando o Consórcio surgiu ninguém acreditava que ele era uma realidade. Hoje, através dos vários trabalhos realizados e de muita persistência, as pessoas começam a se envolver em suas ações e percebem a importância da união de forças para salvar o rio. Daqui a dez anos, mais resultados: as pessoas poderão ver as árvores crescidas, terão a oportunidade de visitar uma nascente recuperada e sentir novamente a água correr. Trabalhar sozinho é muito complicado. O Consórcio veio para deixar marcas na história ambiental da região".



Hélio de Sousa, auditor da CESAN e conselheiro fiscal do Consórcio

"Estou há dez anos como membro do Conselho Fiscal e neste tempo não houve nenhuma irregularidade na escrituração contábil, nos atos de gestão financeira ou patrimonial. O balanço é publicado em jornal de grande circulação no estado. Hoje, ficamos felizes porque todos os municípios consorciados estão em dia com sua contribuição mensal. As perspectivas são muito boas, mas se cada município tiver um empenho ainda maior, os resultados serão mais satisfatórios."

Linha do Tempo

Conquista! Esta palavra define bem a trajetória do Consórcio do Rio Guandu, uma história que faz parte da vida de aproximadamente 100 mil habitantes que vivem nesta bacia. Relembrar a sua trajetória ajuda a compreender a importância da integração de diversos segmentos da sociedade em um modelo exemplar, pluralista e democraticamente participativo. No rodapé das próximas páginas, conheça um pouco dessa história.

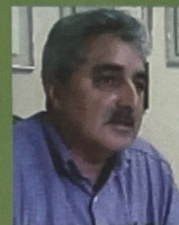
bacia como território integrado.

Os municípios componentes do Consórcio são Brejetuba, Afonso Cláudio, Laranja da Terra e Baixo Guandu, que juntos somam uma área de 2.674 Km² e abrigam uma população estimada em 100 mil habitantes. A economia da região é essencialmente agropecuária, com destaque para o café nas partes altas e o gado nas terras baixas. Os municípios produzem ainda arroz,

feijão, milho, tomate, quiabo, hortaliças e frutas, além de explorarem importantes e raras jazidas de granito.

A bacia do rio Guandu tem grande potencial turístico. O agroturismo começa a despontar ainda que timidamente. As pequenas indústrias caseiras de doces, biscoitos e laticínios são alternativas de complementação de renda para os pequenos produtores rurais.

OPINIÃO



Itamir de Sousa Charpinel, prefeito de Brejetuba

"O Consórcio do Rio Guandu através de suas diversas ações, especialmente a Descida Ecológica realizada em 2006, vem aos poucos despertando a população local para a realidade ambiental que estamos vivendo. O resultado disso, é que temos hoje uma sociedade cada vez mais atuante e participativa nas questões relacionadas ao nosso meio ambiente".

.....



Luiz A. Schwambach secretário de Agricultura e Meio Ambiente de Baixo Guandu e membro do 1º Conselho Fiscal do Consórcio

"Mais uma vez, o Consórcio mostra espírito de união ao buscar o foco, a integração entre diversos segmentos sociais, consorciados e parceiros. Nesta ocasião de festa, expressamos nosso reconhecimento, para com todos os funcionários que estão sempre envolvidos de corpo, alma e paixão nas conquistas do Consórcio. Nestes anos, destaco a importância do trabalho da Gilse. Sem ela não teríamos o Consórcio que temos hoje".



As belezas naturais da bacia do Guandu indicam um potencial de crescimento do turismo



1997

- Fundação do Consórcio do Rio Guandu
- Elci Pereira, prefeito de Baixo Guandu, assume a presidência do Consórcio
- Mudança da sede de Baixo Guandu para Afonso Cláudio

1998

- Concurso de criação da logomarca do Consórcio vencido por Sônia Brambilha, moradora de Afonso Cláudio
- Realização do Diagnóstico Sócio-Econômico e Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu (Ufes/Consat)
- Participação na elaboração do Projeto de Lei de Recursos Hídricos do Espírito Santo
- Realização do 1º Mutirão da Limpeza nas margens do rio Guandu, em Afonso Cláudio
- Início das obras para o tratamento de esgoto em todos os distritos de Afonso Cláudio e Laranja da Terra, exceto em Joatuba



Anatomia do Consórcio do Rio Guandu •••••

O Consórcio do Rio Guandu é uma associação civil sem fins lucrativos, com sede no município de Baixo Guandu, com personalidade jurídica e estrutura própria de gestão. Atualmente, leis municipais criadas em 2005 nos quatro municípios partícipes garantem os recursos de manutenção do Consórcio, através do repasse de 0,5% do FPM - Fundo de Participação dos Municípios. Suas ações são regidas pelo Código Civil Brasileiro, pela Lei Federal das Águas 9.433/97, por legislações pertinentes e pelo seu estatuto.

Seu órgão máximo de deliberação é a Assembléia de seus associados. Também conhecida como Conselho Administrativo, a Assembléia do Consórcio é formada por sócios instituidores (municípios de Brejetuba, Afonso Cláudio, Laranja da Terra, Baixo Guandu e Governo do Estado do Espírito Santo, através da Seama - Secretaria de Estado para Assuntos de Meio Ambiente); sócios parceiros (Instituto

Terra e Funasa - Fundação Nacional de Saúde) e sócios financiadores (Escelsa - Espírito Santo Centrais Elétricas - e Cesan - Companhia Espírito Santense de Saneamento).

Além do Conselho Administrativo, fazem parte de suas instâncias o Conselho Fiscal; Secretaria Executiva; Coordenação de Planejamento; Coordenação Executiva; Grupo de Apoio Administrativo e Grupos Municipais de Trabalho.

As reuniões do Conselho Administrativo acontecem a cada três meses, por convocação de um terço dos seus membros ou do Conselho Fiscal, órgão que verifica a contabilidade e as operações econômicas e financeiras do Consórcio do Rio Guandu. Além das cotas de contribuição mensal das entidades consorciadas, os recursos financeiros do Consórcio Guandu são provenientes de doações e auxílios efetuados por entidades públicas, particulares, nacionais ou estrangeiras e por outras rendas eventuais.



Reunião do Consórcio Guandu no lema

OPINIÃO •••••



Edélio Francisco Guedes,
Prefeito de Afonso Cláudio

"Afonso Cláudio melhorou muito no saneamento. Nossa administração tem feito muitos investimentos".



Ananda Coutinho,
Seama/lema

"Eu acho que o Consórcio tem uma atuação muito importante e um trabalho admirável. Eles estão o tempo todo articulando pela integração dos municípios, capitaneando recursos e articulando projetos para que as coisas aconteçam. Eles mesmos não têm condição de colocar a mão na massa, mas então conseguem mobilizar, movimentar outras instituições para que estas o façam. Enfim, pela mobilização!"



Altamiro Thadeu Frontino Sobreiro - Vereador e Presidente da Câmara de Afonso Cláudio

"O poder legislativo dos quatro municípios que compõem o Consórcio Guandu deram um passo importante há dez anos, quando criaram as leis autorizativas que permitiram a união desses quatro municípios em torno do objetivo comum."

1999

- Methódio José da Rocha, prefeito de Afonso Cláudio, assume interinamente a presidência do Consórcio
- Instituição dos Códigos Municipais de Meio Ambiente e instalação dos Conselhos de Meio Ambiente nos municípios consorciados
- Consórcio passa a integrar o Movimento Cidadania pelas Águas
- Comemoração do 2º aniversário do Consórcio com a Cavalcada em Defesa do Rio Guandu
- Construção da ETE de Baixo Guandu
- Tratamento de esgoto na sede do município e nos distritos de Brejetuba

2000

- Escelsa cede ao Consórcio uma caminhonete em regime de comodato
- Retorno da sede do Consórcio a Baixo Guandu
- Assinatura de convênio com a Universidade Federal de Viçosa-MG
- Consórcio passa a ser membro do Conselho Estadual de Recursos Hídricos/ES
- Construção do aterro de lixo controlado em Brejetuba



Parcerias nas conquistas

Desde sua fundação, o Consórcio Intermunicipal para a Recuperação Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu conta com o apoio permanente da Cesan, Escelsa, Funasa e da Seama, hoje representada pelo lema - Instituto Estadual de Meio Ambiente do Espírito Santo. Em 2005 firmou um convênio de cooperação com o Instituto Terra, instituição de ensino, pesquisa e extensão, localizada na RPPN Fazenda Bulcão no município de Aimorés-MG, fundada por Sebastião Salgado, fotógrafo de renome internacional nascido naquela cidade, e sua mulher, Lélia Warnick Salgado.

A arte de fazer parcerias, as habilidades e talentos necessários para o seu desenvolvimento marcaram os dez anos de conquistas do Consórcio do

Rio Guandu. Ao longo deste período, o Consórcio buscou ampliar a abrangência de sua atuação. Cada um dos acordos estabelecidos reforçou o otimismo e a confiança do Consórcio em cumprir sua missão e agregaram valor às suas ações. São parcerias fortes, construídas em sólida plataforma de comprometimento, respeito e união que têm sustentado todos os trabalhos do Consórcio rumo ao objetivo de salvar o rio Guandu.

Ninguém duvida que o maior atrativo para a catalisação de investimentos privados e de financiamentos na bacia é a congregação dos quatro municípios consorciados em torno de uma proposta comum. Essa união amplia significativamente seu poder de negociação junto aos governos estadual e federal e outras instituições do setor privado e de pesquisas.



Sebastião Salgado, Gilse Olinda, Lélia Warnick e Ricardo Salgado

OPINIÃO.....



Cláudio Pagung,
Prefeito de Laranja da
Terra

"O trabalho do Consórcio é muito importante e já está mostrando a sua cara. Reconhecemos que os resultados são de longo prazo. Voltar a nascer água onde secou é muito difícil. Mas em nosso município podemos dizer que já estamos colhendo alguns frutos desta parceria, o que mostra o Consórcio cumprindo com a sua parte. É claro que ainda temos várias sementes a serem lançadas".



Marcus Batista Rezende,
Funasa, membro do
Conselho Administrativo

"A Funasa participa do Consórcio desde a sua fundação, apoiando sempre as ações realizadas a exemplo da Descida Ecológica, onde montamos uma unidade móvel para o controle da qualidade da água do rio Guandu. Nestes dez anos, o Consórcio passou por alguns momentos delicados, principalmente políticos. Hoje, nesta nova administração ele voltou a se organizar e já tem alcançado vários sucessos. Sem dúvida, o maior deles foi a criação do CBH-Guandu. Daqui para a frente, continuaremos firmes nesta parceria e esperamos que o Consórcio se fortaleça cada vez mais."



2001

- Sede é transferida para Brejetuba
- Brejetuba deixa de ser membro do Consórcio
- Afonso Cláudio deixa de participar das reuniões do Conselho Administrativo e pára de repassar sua contribuição mensal
- Laranja da Terra atrasa o repasse de verbas ao Consórcio
- José Francisco Barros, prefeito de Baixo Guandu, assume a presidência do Consórcio

2002

- Inauguração do aterro sanitário de Afonso Cláudio



Depois do sonho, a realidade

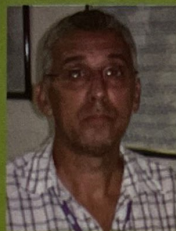
Anos de esforços dedicados pelo Consórcio para a criação do CBH-Guandu - Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu - se concretizaram após a Descida Ecológica do Rio Guandu, realizada entre 25 e 29 de abril de 2006. Decisivo processo de integração, articulação e mobilização da sociedade para a formação do comitê, a Descida contou com a participação e o envolvimento direto de aproximadamente duzentas pessoas, entre representantes de todos os municípios consorciados, da equipe de parceiros do Consórcio e da Cipe-Rio Doce.

A programação da Descida Ecológica incluiu atividades de educação ambiental realizadas em 26 escolas da



Dia da árvore em 1999. Educação ambiental sempre presente nas ações do Consórcio

OPINIÃO



Alicínio Virgíneo, Cesan Afonso Cláudio, membro do Conselho Administrativo

"É gratificante trabalhar no Consórcio e em prol do meio ambiente da região. As dificuldades foram e ainda são muito grandes. Mas ao completar dez anos, o Consórcio se encontra em plena maturidade e começa a viver uma fase renovada. Infelizmente, muita gente ainda acha as questões ambientais fáceis de se resolver, o que, pelo contrário, exige tempo e perseverança."



Vanessa Pagung, secretária de Apoio Administrativo

"Me dedico ao trabalho no Consórcio com todo o carinho e empenho e estou aprendendo muitas coisas, principalmente com os meus colegas Gilse e Cleres. Somos uma família que se uniu em prol de um objetivo comum. É uma lição para mim, uma realização profissional, uma conquista pessoal."



Cleres de Martins Schwambach, coordenador de planejamento do Consórcio do Rio Guandu e Secretário Executivo do CBH-Guandu

"O Consórcio Guandu ficou paralisado durante um bom tempo. Há dois anos, quando cheguei à instituição, suas atividades estavam sendo retomadas com a nova administração. De lá para cá vários trabalhos e projetos aconteceram. Atualmente, o Consórcio procura trabalhar descentralizando informações e repassando-as aos parceiros e demais pessoas envolvidas no processo de gestão e integração da bacia. Nesses dez anos, temos uma certeza: continuaremos fortalecidos na busca de mais parceiros para o desenvolvimento dos trabalhos na bacia do rio Guandu."



Lastênio Luiz Cardoso, prefeito de Baixo Guandu e presidente do Consórcio

"Estudos técnicos feitos pelo Governo do Espírito Santo, em 2006, mostram que a bacia do Guandu está inserida numa região bastante delicada, onde já existe um déficit hídrico (o volume de água trazido pela chuva é menor do que aquele consumido pela população em suas várias atividades). Este cenário reforça a importância do Consórcio para reduzir as incertezas quanto ao futuro e administrar melhor a pressão sobre os recursos hídricos. Salvar o rio Guandu não é difícil. Exige um caminho. E o caminho é a integração."

2003

- Escelsa, Cesan, Funasa e Seama assumem a presidência

2004

- Início das discussões para a criação do Comitê do rio Guandu

2005

- Lastênio Luiz Cardoso, prefeito de Baixo Guandu, assume a presidência do Consórcio
- O Consórcio Guandu é reestruturado: dívidas financeiras de seus associados são perdoadas
- O fotógrafo Sebastião Salgado, em reunião com o governador Paulo Hartung, defende o rio Guandu e assume ser o padrinho da bacia
- Assinatura de convênio com o Instituto Terra
- Brejetuba volta a fazer parte do Consórcio
- Aprovado pelo legislativo dos municípios consorciados o repasse de 0,5 % do FPM ao Consórcio
- Reunião com a Bancada Federal do Espírito Santo na busca de recursos financeiros

região, apresentações culturais, coleta e análise de água dos rios, córregos e nascentes afluentes do rio Guandu, além de cavalgada e canoagem para registro dos principais problemas da bacia. Foram identificadas e cadastradas quinze nascentes, que receberam plantio simbólico de mudas e placas comemorativas.

A Descida Ecológica do Rio Guandu culminou com a assinatura do re-

querimento de criação do Comitê. Hoje, ele se tornou realidade através do Decreto nº 1901 de 2007, do Governo do Estado do Espírito Santo e será um instrumento fundamental para somar esforços com o Consórcio na gestão dos recursos hídricos na bacia do rio Guandu, dentro da estrutura do Sistema Nacional de Gerenciamento dos Recursos Hídricos, em conformidade com a Lei Federal 9.433/97.



Atividades da descida ecológica e encerramento em Baixo Gundu: Lastênio entrega documento a Fábio Anherit



OPINIÃO.....



Maria da Glória Brito Abaurre, secretária estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo

"Para nós é uma alegria saber que um Consórcio como o Guandu está fazendo dez anos. Dele nasceu o Comitê do Guandu, e já nasceu forte. O Consórcio para nós representa o que há de fundamental na política de recursos hídricos: ser participativo e descentralizado. Não tivemos dúvida na hora de identificar uma bacia para ser o piloto de recuperação no Doce, a bacia do Guandu era a mais amadurecida para mostrar a toda a sociedade que é possível mudar o modelo de desenvolvimento. Só posso parabenizar e dizer que o Consórcio está no caminho certo."



Viviane da Silva Paes, Seama/Iema, Secretária do Conselho Fiscal

"Os trabalhos do Consórcio foram fundamentais para hoje existir o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu. Ele foi um dos principais fatores para facilitar essa criação por já ter uma visão anterior de bacia. Por ter um caráter mais executivo, ao contrário do comitê cuja função é muito mais deliberativa, o Consórcio tem a possibilidade de contar, além dos recursos diretos dos municípios, com a captação de verbas para executar as ações e projetos."

2006



- Realização da Descida Ecológica do Rio Guandu
- Consórcio passa a ser membro do CBH-DOCE, participando de todas as Câmaras Técnicas do Comitê

2007

- Lastênio Luiz Cardoso é reeleito presidente
- Ricardo Salgado Rocha, superintendente do Instituto Terra, assume a vice-presidência
- Energest assume o contrato de parceria da Escelsa com o Consórcio
- Criação do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu
- Cesan libera R\$15 milhões para o tratamento de esgoto na sede de Afonso Cláudio

É muito bom salvar o rio Guandu.
Melhor ainda é saber que nós
contribuímos para isso

Parabéns **CONSÓRCIO GUANDU** por nos fazer acreditar
durante estes dez anos que com muita dedicação e
trabalho o rio Guandu tem solução.

Prefeitura Municipal



Projetos em execução

Atualmente o Consórcio está com vários projetos em andamento, como o Projeto Piloto de Desenvolvimento Rural Sustentável na Bacia do Rio Guandu, uma parceria do governo do Espírito Santo com as instituições: Instituto Bioatlântica, Conservação Internacional e TNC - The Nature Conservancy. Sua estratégia é compatibilizar as atividades produtivas das propriedades rurais com a conservação da água e da biodiversidade, criando incentivos econômicos para restauração e uso sustentável dos recursos hídricos da bacia.

Outro projeto com grandes expectativas na região é o Coletivos Educadores, que propõe a articulação de diversos setores da sociedade e do poder público a fim de construir um

programa de educação ambiental que reflita as necessidades da bacia do rio Guandu. Aprovado pelo MMA - Ministério do Meio Ambiente – encontra-se hoje na fase de construção do projeto político pedagógico.

Ainda merece destaque o Projeto para Recuperação das Nascentes e Florestas na Bacia do Rio Guandu. Proposto pelo Instituto Terra, ele está sendo desenvolvido nas localidades do Vale do Empoçado, em Afonso Cláudio, Córrego Picadão, em Laranja da Terra, Assentamento São Jorge do Oliveira, em Brejetuba e Santa Rosa, em Baixo Guandu. O trabalho envolve os alunos do Centro Avançado do Instituto Terra, escolas e produtores rurais da comunidade.



Prioridades

As etapas de trabalho do Consórcio e seus parceiros, encaradas como próximas prioridades são:

- Construir os interceptores e as elevatórias para a ETE - Estação de Tratamento de Esgoto de Baixo Guandu, que se encontra paralisada há mais de seis anos. Para a realização da obra, a prefeitura de Baixo Guandu e o Consórcio conseguiram recentemente recursos financeiros junto à Funasa da ordem de R\$ 1 milhão;

- Tratar o esgoto da sede do distrito de Joatuba, em Laranja da Terra;

- Construir unidades de tratamento de lixo em Laranja da Terra e Brejetuba, ampliando aquelas já existentes em Afonso Cláudio e Baixo Guandu;

- Valorizar o produtor rural com base na Lei de Recursos Hídricos do Espírito Santo (5.818/98), através da compensação financeira para aqueles proprietários de terras que comprovadamente contribuam para a manutenção da quantidade e qualidade dos recursos hídricos. Para que a compensação seja possível aos municípios, o Consórcio fará o cadastramento dos usuários e proprietários que protegem mananciais.

- Incentivar a criação do Fundo Estadual de Recursos Hídricos, já pleiteado junto ao CERH/ES – Conselho Estadual de Recursos Hídricos do Espírito Santo - com o objetivo de garantir a manutenção de projetos ligados à questão das águas no estado.

OPINIÃO



Ricardo Salgado Rocha,
Instituto Terra, vice-presidente do Consórcio

"Para nós do Instituto

Terra estar junto ao Consórcio do Rio Guandu é importante porque achamos um parceiro dedicado e comprometido com a causa ambiental da região. As pessoas que hoje estão na direção são pessoas que inspiram confiança e nos dão a certeza que esta é uma parceria de longo prazo com altíssimas chances de surgirem resultados positivos. Não é uma parceria de papel."



Gilse Olinda Moreira Barbieri, secretária executiva do Consórcio do rio Guandu

"O Consórcio do Guandu é digno de respeito, pois conseguiu unir forças. As expectativas de concretizarmos nossos objetivos no território da bacia hidrográfica do rio Guandu se expandem a cada dia, dando-nos certeza de que o Consórcio está no caminho certo. Com nosso trabalho sério e otimista, lançamos as sementes. A cada cidadão cabe a responsabilidade de cultivá-las e fazê-las produzir para que as futuras gerações possam se orgulhar de seus antecessores. Temos consciência de que fizemos até aqui o que foi possível."



ESGOTO TRATADO É SINÔNIMO DE RIO LIMPO E LUGAR MELHOR PRA SE VIVER

Resultado de
trabalho e esforço
conjunto, em breve
este sonho será
realidade em
Afonso Cláudio.



Pra gente ser feliz!

O RIO GUANDU AGRADECE. A CIDADE AGRADECE.

Conselhos Administrativos ao longo da história • • • • •

Em 2 de outubro de 1997, durante reunião que instituiu o Consórcio Intermunicipal para a Recuperação Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu foram empossados os membros do primeiro Conselho Administrativo, para o biênio 1997 -1998. Dias depois, já com o Conselho Administrativo formado, foi aprovado o estatuto da associação e diplomada a Secretaria Executiva, assumida desde então por Gilse Olinda Moreira Barbieri. Posteriormente, tomaram posse o Conselho Fiscal, as secretárias de Apoio Administrativo e os coordenadores dos Grupos Municipais de Trabalho.

Biênio 1997 e 1998

Conselho Administrativo

Presidente:
Elci Pereira - Prefeito de Baixo Guandu
Vice-Presidente:
Waldemiro Seibel - Prefeito de Laranja da Terra
Membros:
Methódio J. da Rocha - Prefeito de Afonso Cláudio
João do Carmo Dias - Prefeito de Brejetuba
Jorge Alexandre - SEAMA
Fernando Saliba Peixoto - ESCELSA
Alicínio Virgíneo - CESAN
Marcos Batista Rezende - FUNASA

Conselho Fiscal

Presidente:
Luiz A. Schwambach - Câmara Municipal de Baixo Guandu
Vice Presidente:
Bertoudo Vervloet - Câmara Municipal de Laranja da Terra
Secretária:
Patrícia de Carli Silva - SEAMA
Membros:
José Lamas Giestas - Câmara Municipal de Afonso Cláudio
Antônio Belizário - Câmara Municipal de Brejetuba
Hélio de Souza - CESAN

Secretaria Executiva:

Gilse Olinda Moreira Barbieri

Secretárias de Apoio Administrativo

Sônia Brambilha
Maria Auxiliadora Alves Deorce

Coordenadores dos Grupos Municipais de Trabalho

Ailton V. Lima Júnior - Afonso Cláudio
Edu Veriato Alves - Laranja da Terra
Gildázio Belizário - Brejetuba
Valdemar P. Nascimento - Baixo Guandu

Biênio 1999 e 2000

Conselho Administrativo

Presidente:
Elci Pereira - Prefeito de Baixo Guandu
Vice-Presidente:
Waldemiro Seibel - Prefeito de Laranja da Terra
Membros:
Methódio J. da Rocha - Prefeito de Afonso Cláudio
João do Carmo Dias - Prefeito de Brejetuba
Marisa Lima Coser - SEAMA
Geraldo Luiz Melotti - ESCELSA
Alicínio Virgíneo - CESAN
Marcos Batista Rezende - FUNASA

Conselho Fiscal

Presidente:
Luiz Alberto Schwambach - Câmara Municipal de Baixo Guandu
Vice Presidente:
Bertoudo Vervloet - Câmara Municipal de Laranja da Terra
Secretária: Jovânia Celante - SEAMA
Membros:
José Lamas Giestas - Câmara Municipal de Afonso Cláudio
Antônio Belizário - Câmara Municipal de Brejetuba
Hélio de Souza - CESAN

Secretaria Executiva

Gilse Olinda Moreira Barbieri

Coordenação de Planejamento

Pablo de Assis Guzzo

Secretária de Apoio Administrativo

Maria Auxiliadora Alves Deorce

Coordenadores dos Grupos Municipais de Trabalho

Ailton Vieira Lima Júnior - Afonso Cláudio
Edu Veriato Borlote Alves - Laranja da Terra
Leonizio Pereira de Souza - Brejetuba
Valdemar Pereira do Nascimento - Baixo Guandu

Biênio 2001 e 2002

Conselho Administrativo

Presidente: José Francisco de Barros - Prefeito de Baixo Guandu
Vice-Presidente: Cláudio Pagung - Prefeito de Laranja da Terra
Membros:
Edélio Francisco Guedes - Prefeito de Afonso Cláudio
Olendino Belizário Cogo - Prefeito de Brejetuba
Jovânia Celante - SEAMA
Geraldo Luiz Melotti - ESCELSA
Arden Marcos de Barros - CESAN
Marcos Batista Rezende - FUNASA

Conselho Fiscal

Presidente: Célia Aparecida Alves de Oliveira - Câmara Municipal Baixo Guandu
Vice Presidente: Hélio de Souza - CESAN
Secretária: Jovânia Celante - SEAMA
Membro:
Joel Dias - Câmara Municipal de Laranja da Terra

Secretaria Executiva

Gilse Olinda Moreira Barbieri

Biênio 2003 e 2004

Conselho Administrativo

Presidência colegiada:
Waldemiro Weller - SEAMA/IEMA
Geraldo Luiz Melotti - ESCELSA
Arden Marcos de Barros - CESAN
Marcos Batista Rezende - FUNASA

Membros:

José F. de Barros - Prefeito de Baixo Guandu
Edélio F. Guedes - Prefeito Afonso Cláudio
Cláudio Pagung - Prefeito de Laranja da Terra

Parceria é assim

*Há dez anos os vereadores de
Afonso Cláudio criam leis que
possibilitam o Consórcio
Quando funcionar.
Juntos comemoramos os
resultados.*

É o legislativo cumprindo seu papel.

**CÂMARA
MUNICIPAL**

O povo em primeiro lugar

Conselho Fiscal

Presidente:

Célia A. Alves de Oliveira - Câmara Municipal Baixo Guandu

Vice Presidente:

Hélio de Souza - CESAN

Secretária:

Jovânia Celante - SEAMA

Membro:

Joel Dias - Câmara Municipal de Afonso Cláudio

Secretaria Executiva

Gilse Olinda Moreira Barbieri

Biênio 2005 e 2006

Conselho Administrativo

Presidente:

Lastênio Luiz Cardoso - Prefeito de Baixo Guandu

Vice-Presidente:

Cláudio Pagung - Prefeito de Laranja da Terra

Membros:

Edélio F. Guedes - Prefeito de Afonso Cláudio

Olendino Belizário Coco - Prefeito de Brejetuba

Viviane da Silva Paes - SEAMA

Geraldo Luiz Mellotti - ESCELSA

Alicínio Virgíneo - CESAN

Marcos Batista Rezende - FUNASA

Ricardo Salgado Rocha - Instituto Terra

Conselho Fiscal

Presidente:

Fabiano C. Albuquerque - Câmara Municipal Baixo

Guandu

Vice-Presidente:

Josabed R. dos Santos - Câmara Municipal

Brejetuba

Secretária: Viviane da Silva Paes - SEAMA/IEMA

Membros:

Altamiro Tadeu Frantino Sobreiro - Câmara Municipal Afonso Cláudio

Joel Dias - Câmara Municipal de Laranja da Terra

Hélio de Souza - CESAN

Eurico Suzart de Carvalho Neto - FUNASA

Secretaria Executiva

Gilse Olinda Moreira Barbieri

Coordenação de Planejamento

Cleres de Martins Schwambach

Secretária de Apoio Administrativo

Vanessa Alves Pagung

Biênio 2007-2008

Conselho Administrativo

Presidente:

Lastênio Luiz Cardoso - Prefeito de Baixo Guandu

Vice-Presidente:

Ricardo Salgado Rocha - Instituto Terra

Membros:

Cláudio Pagung - Prefeito de Laranja da Terra

Edélio F. Guedes - Prefeito de Afonso Cláudio

Olendino Belizário Coco - Prefeito de Brejetuba

Viviane da Silva Paes - SEAMA

Geraldo Luiz Mellotti - ESCELSA

Alicínio Virgíneo - CESAN

Marcos Batista Rezende - FUNASA

Conselho Fiscal

Presidente:

Fabiano C. Albuquerque - Câmara Municipal de Baixo Guandu

Vice-Presidente:

Josabed R. dos Santos - Câmara Municipal de Brejetuba

Secretária:

Viviane da Silva Paes - SEAMA/IEMA

Membros:

Altamiro Tadeu Frantino Sobreiro - Câmara Municipal de Afonso Cláudio

Joel Dias - Câmara Municipal de Laranja da Terra

Hélio de Souza - CESAN

Eurico Suzart de Carvalho Neto - FUNASA

Secretaria Executiva

Gilse Olinda Moreira Barbieri

Coordenação de Planejamento

Cleres de Martins Schwambach

Secretária de Apoio Administrativo

Vanessa Pagung Vieira

Coordenadores dos Grupos Municipais de Trabalho

Otávio Saiter Filho - Afonso Cláudio

Roberto Luiz Barbosa - Laranja da Terra

Eduardo Minetti - Brejetuba

Josmar Gobbo - Baixo Guandu



O Consórcio Guandu agradece a todas as pessoas e instituições envolvidas direta ou indiretamente nas atividades de recuperação ambiental da bacia, em especial ao governador Paulo Hartung e sua equipe de governo, a Cesan, a Caixa Econômica Federal e a todos os parlamentares das bancadas federal e estadual, pela conquista da Ordem de Serviço do Tratamento de Esgoto da Sede de Afonso Cláudio, uma obra no valor de R\$ 15.630.827,00 assinada no dia 1º de outubro de 2007.

O investimento beneficiará mais de 90 mil habitantes de toda a região hidrográfica do rio Guandu, e indiretamente, os municípios de Colatina e Linhares.

Este é o verdadeiro presente dos dez anos do Consórcio do Rio Guandu.

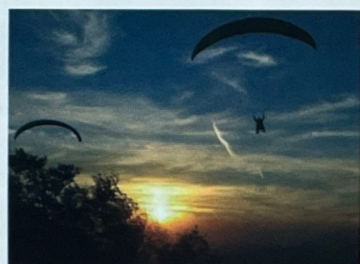
VIDA MELHOR para todos
obrigado CONSÓRCIO GUANDU



PREFEITURA MUNICIPAL



ADMINISTRAÇÃO 2005/2008



DESENVOLVIMENTO COM QUALIDADE DE VIDA



Turismo sustentável valoriza a vida no campo

Vera Martins*

No século passado, o rural se transportou para a cidade no período das "maravilhas" da industrialização, transformando-se no urbano "dos sonhos" e da "modernidade", acarretando, conseqüentemente, um esquecimento das heranças, costumes e tradições antigas. Neste novo século, redescobre-se essa história, mostrando suas maiores riquezas, com uma diversidade cultural e ambiental incomparável.

Foi-se a época em que a atividade no campo era restrita ao exercício da agricultura e pecuária. Os tempos modernos vêm transformando o meio rural em espaço de diversidade e pluriatividades. E nesse espaço o turismo desponta como forte gerador de emprego e renda para os proprietários rurais face aos altos e baixos da economia agropecuária.

As atividades turísticas no espaço rural são voltadas principalmente para a valorização do campo e suas tradições, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural local. É uma modalidade relativamente nova no Brasil quando comparada, por exemplo, com o modelo de sol e praia, tendo iniciado suas atividades há aproximadamente vinte anos, no município de Lages, Santa Catarina.

Essa nova realidade rural somada ao nosso povo, alegre, solidário, acolhedor, que tem prazer em receber visitantes, permite ao proprietário rural vender sua produção, prestar serviços, preservar a natureza, transformar produtos agropecuários, transmitir e resgatar sua cultura. Desenvolve a sensação de pertencimento, já que se transforma em tocador de viola, doceira, contador de "causos", queijeiro, artesão, artista, consultor, cavaleiro, ambientalista, aventureiro...

mas, não deixa nunca de ser agricultor.

As perdas na produção, mais aquela matéria-prima que era anteriormente entregue aos atravessadores a um baixo preço, agora passam a ser processadas em unidades apropriadas, as agroindústrias, que são fortes chamativos para os agroturistas. Estimativas do Incaper / Seag (Pedeag, 2003) revelam que esta atividade, no Espírito Santo, gera 1.100 empregos diretos, e uma renda média anual em torno de R\$ 9 milhões. Grande parte das agroindústrias artesanais e empreendimentos agroturísticos funcionam em caráter informal, conseqüência da falta, ou incoerência nas legislações vigentes, que não contemplam nossa realidade rural, tanto de nível tributário como sanitário. Existem algumas experiências acontecendo, onde os atores envolvidos na temática estão buscando soluções para a questão, como é o caso da criação do Civisa - Conselho Intermunicipal de Vigilância Sanitária - da Região Serrana do Espírito Santo, que propõe SIMs - Serviços de Inspeção Municipais -, embasados em legislações municipais próprias e adequadas, que não ferem as instâncias federal e estadual.

Existem linhas de crédito que fomentam o turismo no meio rural, já que comprovadamente esta atividade, com sua economia e interfaces, é uma importante ferramenta para a melhoria da qualidade de vida das famílias rurais e, quando bem planejada, propicia o crescimento social, econômico e cultural da comunidade local.

O turismo sustentável proporciona bem-estar às famílias envolvidas e constrói uma ponte entre o urbano e o rural, além de diminuir o êxodo rural ao fixar o homem no campo.

* Vera Lúcia Martins Santos é mestre em Economia Doméstica, Agente de Desenvolvimento Rural II em Socioeconomia do Incaper - Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural, associada da Aderc, Associação de Defesa do Rio Caratinga

Faceli

Faculdade se prepara para Fórum das Águas 2008



A recém-criada Faceli – Faculdade de Ensino Superior de Linhares – já inicia suas atividades desenvolvendo diversos projetos de alcance social e ambiental. Uma das preocupações imediatas da gestão municipal ao criar uma faculdade pública é desenvolver conhecimentos que auxiliem na gestão social e ambiental, em consonância com o crescimento econômico que vêm experimentando os municípios do norte capixaba. Uma das estratégias prontamente implementadas foi a criação do Nepaf – Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da Faceli – cujo objetivo é identificar demandas sócio-ambientais no município de Linhares e seu entorno e propor soluções por meio do gerenciamento de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Embora recente, o Nepaf já oferece os cursos de Especialização em Gestão Ambiental e em Biologia da Conservação. Para o próximo ano estão previstos os cursos de graduação para Tecnólogo em Meio Ambiente, pós-graduação em Educação Ambiental e ainda cursos de atualização em Educação Ambiental, parte do programa de capacitação dos professores da rede municipal, em parceria com o Proefis – Programa Especial de Formação Integrada dos Servidores Públicos. Além disso, o Núcleo já desenvolve diversos projetos institucionais de pesquisa e extensão com foco nas questões sócio-

ambientais regionais.

É com essa perspectiva que a Faceli se prepara para receber em suas instalações a imensa estrutura do 4º Fórum das Águas do Rio Doce, do qual é importante parceira. O Nepaf vem participando ainda como membro da comissão de organização da programação técnico-científica do evento, que trará mais de cem opções entre mini-cursos, palestras e outros, voltados para a recuperação e sustentabilidade da bacia hidrográfica do rio Doce.

Para a professora Amada Mariana C. de Melo Teixeira, coordenadora do Nepaf, além do alcance social, o evento representa uma excelente oportunidade para a troca de experiências entre os pesquisadores interessados nas questões que envolvem a bacia. Já o professor pesquisador do Nú-

cleo, Marcos C. Teixeira, enfatiza que um dos principais pontos que indicam a importância desse evento é seu caráter educativo e, por isso, mais do que sediar o Fórum, o município de Linhares, através da Faceli, vem incluindo atividades preparatórias nas estratégias de formação de seus estudantes. Segundo ele, essas ações irão culminar na troca de experiências durante o evento, e para isso os estudantes estão sendo incentivados e orientados no desenvolvimento de atividades acadêmicas a serem apresentadas nos diversos espaços do evento.



Boas mudas geram bons frutos



O sucesso de sua lavoura começa com mudas de qualidade


QUALIDADE E TECNOLOGIA EM PLANTAS

Rod. Br101, km 139 - Canivete - Linhares/ES - CEP: 29906-998
Cx. Postal 224 - Tel.: (27) 3373 8422 / (27) 3373 8472

www.frucafe.com.br

frucafe@frucafe.com.br

FRUTICULTURA

ganha mais uma

ALIADA

Impulsionada pelo acentuado crescimento do mercado de sucos prontos para beber no País e no mundo, a Trop Frutas do Brasil inaugura sua fábrica no município de Linhares. A empresa pretende investir neste segmento e liderar o mercado, com capacidade para 200 mil toneladas ao ano de frutas. Seu grande desafio será envolver simultaneamente mercados, clientes e potencial frutícola do estado do Espírito Santo.

A Trop Frutas atuará desde a produção de frutas, dando suporte às cooperativas e aos produtores, passando pelo processamento da fruta até o escoamento da polpa para indústrias de alimentos e bebidas. Meta-de dos investimentos de R\$ 53 milhões previstos para a nova fábrica foi destinada à construção da unidade, instalação do maquinário, aquisição de embalagens e frutas. O restante será investido principalmente na preparação da empresa para atender às exportações, a partir de 2009.

A unidade industrial da Trop Frutas do Brasil ocupa

uma área de aproximadamente 115 mil metros quadrados com 8 mil metros de edificações, numa localização estratégica, às margens da BR-101 Norte em frente ao seu principal cliente: a Minute Maid Mais, antiga Sucos Mais, marca adquirida pela Coca-Cola em 2005. Em fevereiro de 2007, Trop Frutas e Minute Maid Mais assinaram um contrato de fornecimento de polpa de frutas por um período de dez anos. O produto será processado pela Trop Frutas do Brasil e consumido pela Minute Maid Mais.

Produtores rurais, comerciantes, lideranças comunitárias e a administração comemoram o início das atividades da nova empresa. "A Trop Frutas é um grande projeto que veio para ficar e é fundamental para o crescimento do município e da região no setor agroindustrial", afirma o prefeito de Linhares, José Carlos Elias. E o secretário de Agricultura Toninho de Freitas completa: "A prefeitura está apoiando o projeto da empresa e dando condições ao produtor de realmente produzir daqui para a frente."





Cadeia produtiva

Na primeira fase, a Trop Frutas começa processando maracujá, manga e goiaba. Até 2010 serão plantadas 1 milhão de mudas de árvores frutíferas, quando a unidade estará funcionando a plena capacidade, produzindo 90 mil toneladas de polpa de fruta por ano, processando também abacaxi, caju e pêssago. Numa perspectiva de médio e longo prazo, a Trop Frutas vai trabalhar também com frutas exóticas como a graviola e a acerola e comercializar seus produtos para fabricantes de doces e sorvetes, expandindo seus negócios para outras regiões do País.

As frutas serão adquiridas pela empresa principalmente no mercado capixaba através de cooperativas. Elas vão negociar preços para a venda da produção em contratos nos quais a empresa garantirá a compra por dez anos, com valores reajustados anualmente. Os produtores receberão financiamentos dos bancos parceiros no projeto. "Além de facilitar as negociações, o que seria impossível com cada produtor em particular, o fornecimento das frutas por meio de cooperativas garante o padrão de qualidade dos produtos", ressalta o gerente geral da empresa, Marcos Leandro Miranda.

"Com toda essa estrutura tão próxima, o produtor pode ter a segurança necessária para investir, pois terá a garantia



Marcos Leonardo, gerente geral da Trop Brasil, diz: "Contamos com o potencial hídrico desta região e com os bons parceiros como o Incaper"

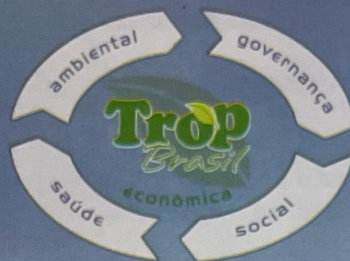
da comercialização de seu produto, com preço justo, tanto para mesa quanto para a indústria. O empreendimento é o elo que faltava na cadeia produtiva da fruticultura capixaba", afirma o vice-governador do Espírito Santo, Ricardo Ferraço.

De acordo com a direção da Trop Frutas, estarão envolvidas cerca de 3 mil famílias de produtores e criados em torno de 22 mil postos de trabalho no complexo agroindustrial frutícola, principalmen-

te profissionais do município de Linhares. A dona de casa Nair de Souza Amaral está feliz: "Vejo a vinda de um empreendimento como a Trop Frutas para o município com grande alegria e expectativa, porque irá trazer desenvolvimento, dinheiro e mais empregos para a região".

Com essa demanda provocada pela empresa no mercado capixaba da fruticultura, começaram a se formar no estado diversas cooperativas para negociar





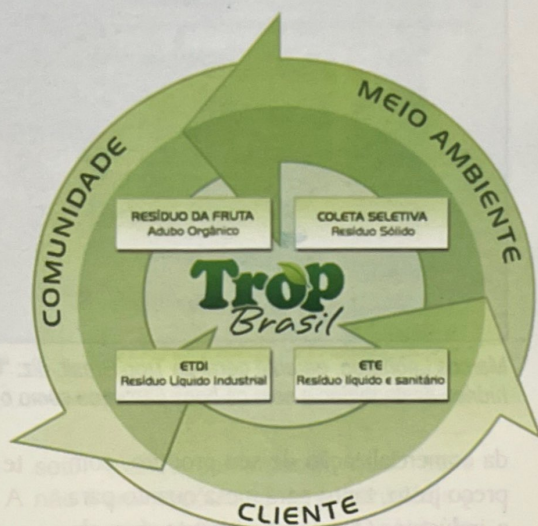
Ambiental

A TROP BRASIL respeita a comunidade, os seus clientes e o meio ambiente. Utiliza técnicas modernas de tratamentos de resíduos líquidos, promove a reciclagem de resíduos sólidos e ainda possui emissões controladas de gases, não comprometendo os recursos naturais.

Seu modelo de negócio está pautado no plantio de árvores. Sete mil hectares de

terra serão cultivados com um milhão de árvores frutíferas, promovendo uma melhor cobertura e maior proteção do solo.

O plantio de frutas determinará a recuperação e a preservação de cerca de dois mil hectares de terra na forma de Reserva Legal.



Governança

A governança corporativa é um pilar muito valorizado pela TROP BRASIL.

A empresa possui metas ambiciosas e deixa claro a todos os seus funcionários os indicadores de desempenho previstos para as áreas.

A empresa já nasce com a gestão baseada na meritocracia ao implantar o Plano de Bônus, em que toda a equipe ganha ao atingir metas organizacionais.

Rodovia BR101 - Km 139
Bairro Canivete - Linhares/ES/ CEP: 29900-000
Telefax: (27) 3373 8110

site: www.tropbrasil.com

com a Trop nos municípios de Linhares, Sooretama, Jaguaré e São Mateus, que são as maiores áreas de produção de maracujá do Espírito Santo. Em parceria com a Seag - Secretaria de Estado da Agricultura, Incaper - Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural - e prefeituras municipais, a empresa já assinou contratos com essas cooperativas.

"Com a Trop nós garantimos ao produtor que tudo o que ele produzir vai vender. As instituições financeiras se interessam. O cooperado hoje quando chega ao banco tem maior facilidade e agilidade para conseguir um empréstimo", avalia o presidente da Coopruj - Cooperativa de Produtores Rurais de Jaguaré, Edson Wander Boninsinha. O produtor Fábio Fiorot, membro da Coopruj, concorda. "A expectativa da gente hoje como produtor rural e cooperado é muito grande em relação ao funcionamento da Trop Frutas. Eu produzo maracujá há vinte anos e sempre tive muita dificuldade na hora de vender, porque quando chega o pico da safra você não tem preço definido, ficando à mercê dos compradores das fábricas, que colocam o preço como eles querem".

Foram também firmados contratos com produtores de goiaba de Pedro Canário, que prevêem a compra de toda a produção da fruta da cooperativa Cristalcoop, no distrito de Cristal do Norte. O preço de custo estimado pela Cristalcoop é de R\$ 0,14 por quilo. A Trop Frutas firmou contratos ao preço de R\$ 0,28 o quilo. Levando-se em conta uma produção média de quarenta toneladas por hectare, a renda bruta poderá chegar a R\$ 11.200 por hectare ao ano.

A manga da variedade ubá será adquirida em Colatina, através da CAF - Cooperativa dos Agricultores Familiares



Fábio Fiorot: produtor rural confia na garantia de compra

de Colatina. O pêssego ainda está em fase experimental no município de Santa Teresa. Até o momento, foram plantadas 6 mil mudas da fruta que estão sendo monitoradas por técnicos agrícolas do Incaper visando aumentar a renda dos agricultores e reduzir a dependência externa da fruta. Hoje, as fábricas de bebidas brasileiras importam do Chile ou da Argentina 100% do pêssego utilizado em sua produção.

Tecnologia, capacitação e respeito ao ambiente

Para garantir qualidade e produtividade a Trop Frutas do Brasil conta com o apoio do Incaper, um trabalho sistemático de orientação e capacitação técnica contínua dos produtores rurais que têm na fruticultura a sua principal fonte de renda. O Incaper e a Trop assinaram um termo de cooperação para permitir o

assessoramento técnico do Incaper aos produtores rurais que mantêm contratos de entrega de frutas destinadas ao processamento industrial. O convênio vai permitir ao Incaper diagnosticar a situação e a capacidade de produção de cada lavoura, de modo que os produtores possam cumprir os contratos de fornecimento.

"As lavouras estão sujeitas a diversos agentes que podem afetar a capacidade de produção. Intempéries climáticas, pragas, doenças e outros contratemplos comprometem o potencial da planta. Este acompanhamento vai permitir prever a real situação de cada área de produção", destaca o presidente do Incaper, Enio Bergoli. O Sebrae/ES também é parceiro,





"Hoje existe muita manga e muito desperdício. Em breve será renda para o produtor", afirma o agrônomo Agostinho de Vasconcelos Neto



Maracujá da roça para a indústria - cooperativa elimina atravessador

prestando apoio técnico e gerencial para que as cooperativas estejam realmente preparadas para fazer parte do projeto.

A Trop Frutas também investe em pesquisas para garantir qualidade, produtividade, rentabilidade e minimização de impactos ambientais. Como exemplo pode ser citado um trabalho em parceria com a Ufla – Universidade Federal de Lavras, ainda em fase de negociação, para utilização dos resíduos das frutas em produtos nobres na área de química industrial.

A produção de polpa da Trop Frutas contempla tecnologia de ponta e é dividida em três etapas: recebimento e limpeza de frutas; extração de polpa; formulação, esterilização, envase e armazenamento do produto final. Para os resíduos sólidos originados do processamento das frutas, a empresa encontrou uma destinação adequada e sustentável. Inicialmente, estes resíduos serão utilizados no campo como adubo orgânico, no tratamento de gado e também por indústrias de Minas Gerais no preparo de ração para aves, dando assim continuidade à cadeia produtiva.

Responsabilidade Ambiental

A utilização da água no processo industrial da Trop Frutas do Brasil acontecerá dentro das mais modernas técnicas disponíveis. Captação, uso, reuso, tratamento e destinação final seguem os conceitos de conservação e racionalidade.

A produção da polpa não consome água, que é usada apenas para limpeza das máquinas, recebendo tratamento e voltando inúmeras vezes para o processo produtivo.

A água utilizada nos sanitários para higiene de funcionários também receberá tratamento para, em seguida, irrigar o pomar plantado junto à empresa. Caso haja necessidade de algum descarte de água, será feito em níveis de qualidade acima dos padrões exigidos pela legislação ambiental.



Crescer de maneira sustentável,
um valor da MinuteMaid **Mais**.



A MinuteMaid **Mais** investe no monitoramento de seus resíduos, no tratamento de água e efluentes, na reciclagem e na educação ambiental, para cuidar do nosso planeta hoje, pensando no futuro.



www.minutemaid.com.br

DO DOCE PARA O MUNDO

Quatro dias para serem lembrados

Água é assunto que interessa a todo mundo, afinal, sem ela nenhum de nós sobrevive. Por isso Linhares vai ser o ponto de encontro de crianças, jovens e adultos da cidade e de várias partes da bacia do Doce durante quatro dias de programação intensa com os mais diversos tipos de atividades. Haverá espaço para discussões políticas, acadêmicas e técnicas; apresentações de experiências e projetos; cursos e oficinas de capacitação; brincadeiras e jogos educativos; exposições artísticas e apresentações culturais.

A sociedade da bacia e em especial as instituições linharenses participam de todas as etapas de preparação da programação. O resultado é um evento democrático e com grande capacidade de mobilização social.

O 4º Fórum das Águas do Rio Doce é uma promoção dos governos de Minas Gerais e Espírito Santo e da Prefeitura de Linhares. É realizado pelo Projeto Águas do Rio Doce, que mantém três escritórios para atender às demandas do evento, em Dom Cavati-MG, Vitória-ES e Linhares-ES. Equipes do Projeto coordenam a formação de comissões locais que, de acordo com seu segmento social, dão andamento às atividades preparatórias do evento no município.

As comissões sugerem e ajudam a desenvolver as atividades da programação em interlocução permanente com a coordenação geral do evento e a coordenação local, representada pela secretária de Educação de Linhares, Lourdes Franco. Essas comissões são o diferencial de



mobilização, pois atingem os inúmeros setores e atores da sociedade. As comissões são também o principal espaço de atuação para os voluntários, tão importantes para a realização de um evento grande e complexo como o 4º Fórum das Águas do Rio Doce. Já estão formadas e atuando as comissões de Cultura, Agricultura, Saúde, ONGs e Educação. Cada uma divide-se em sub-comissões de acordo com as demandas.

Além dos trabalhos em Linhares, a programação do evento é acompanhada de perto em toda a bacia pelos entes do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (comitês de bacias, conselhos e órgãos gestores de recursos hídricos – Igam, lema e ANA), instituições de pesquisa, os parceiros do Projeto e sobretudo pelas redes de cooperação técnica, incentivadas e operacionalizadas pelo

Projeto Águas do Rio Doce. Atualmente são quatro redes setoriais: Ciência, Tecnologia & Inovação; Educação para o Desenvolvimento Sustentável; Saneamento Ambiental; Conservação e Biodiversidade. Como as comissões locais, as redes subdividem-se por temas.

Marcando o início da contagem regressiva para o 4º Fórum das Águas do Rio Doce, comissões, redes e demais parceiros terão um grande encontro no dia 11 de dezembro, em Linhares. A data marca um ano da Oficina da Maquete, realizada em Ipatinga, em 2006, para preparar o 3º Fórum das Águas do Rio Doce. Como naquela ocasião, o objetivo desse Encontro Preparatório é o fortalecimento da integração das instituições e atores da bacia. Uma série de outros pré-eventos ocorrerão até março de 2008, mobilizando segmentos e grupos específicos.

Troca de experiências

Com o lema "Do Doce para o Mundo", a quarta edição do Fórum das Águas do Rio Doce trará para a pauta de discussão a responsabilidade sócio-ambiental das empresas, os investimentos estrangeiros em pesquisa, preservação e recuperação ambientais, bem como as experiências internacionais em revitalização de bacias hidrográficas.

No evento, a sociedade terá oportunidade para expressar como o Doce vê o mundo. Por outro lado, a participação de convidados internacionais permitirá discutir e avaliar a posição deles, ou seja, como o mundo vê o Doce. Até o momento, estão confirmadas as presenças de representantes do escritório central do Banco Mundial (Washington, EUA), da Universidade do Norte do Texas (EUA) e Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (Portugal). A Direção Nacional das Águas de Moçambique trará relatos de experiências positivas na gestão sustentável dos recursos hídricos. Esperam-se ainda representações da Austrália, Costa Rica e França.

As atividades técnico-científicas, como palestras, reuniões técnicas, encontros, mini-cursos e debates ocuparão vinte e uma salas de aula e dois auditórios do prédio da Faceli/UAB, equipados com sistemas interativos de videoconferência para transmissão em tempo real. Serão oferecidas mais de cem atividades nas mais diversas áreas do conhecimento.

Espaço lúdico

Enquanto os adultos participam de graves discussões e deliberações nos cursos e conferências, um Parque Temático abrigará atividades oferecidas para a criançada se divertir enquanto aprende. As crianças e jovens terão espaço também na Feira Escolar e participação no Fórum Mirim. A expectativa dos organizadores é receber estudantes de outros países da América Latina, por meio de convênio com o Unicef - Fundo das Nações Unidas para a Infância, através do IIDAC/UNV - Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania.

Os espaços de convivência entre adultos e crianças serão as áreas da fei-

ra de artesanato, praça de alimentação, oficinas móveis e palco de apresentações culturais. Esse espaço será ocupado por artistas, associações e grupos de toda a bacia, principalmente de Linhares e região do baixo rio Doce. As sub-comissões ligadas à Comissão de Cultura são as responsáveis pela organização de exposições, apresentações, lançamentos de livros, feira de artesanato e culinária.

Espaços políticos

No intuito de envolver toda a sociedade em torno da questão da água e desenvolvimento regional, o Fórum das Águas promoverá pelo menos dois grandes momentos políticos: a abertura do evento, com a presença dos governadores do Espírito Santo, Paulo Hartung, e de Minas Gerais, Aécio Neves, e o Fórum de Prefeitos, que em 2008 deve reunir as mais significativas lideranças municipais dos dois estados.

Espaço de todos

O 4º Fórum das Águas do Rio Doce pode ser dividido em quatro áreas: o espaço das atividades técnico-científicas (área de conferências), na sede da Faceli/UAB; o Parque Temático, que agrupa as atividades lúdico-educativas da Unidade Geração Futura; a área de convivência, onde haverá apresentações culturais, culinária e espaços abertos às atividades oferecidas pelos parceiros; e a Feira das Águas, onde serão montados os estandes e mostras das empresas e instituições.

A Feira das Águas é o espaço que mais atrai público e mídia, mobilizando a sociedade para a importância do tema. Um

dos destaques será uma ala dedicada ao saneamento ambiental, organizada pela Rede de Saneamento da Bacia do Doce, com maquetes de sistemas de tratamento de água, esgoto e lixo em funcionamento. Ali os visitantes vão conhecer as ações sócio-ambientais das empresas, órgãos públicos e instituições da sociedade civil que atuam na bacia.

OPINIÃO

"Desde 2005 estamos trabalhando no objetivo de trazer o Fórum para Linhares. Agora é uma realidade. Os reflexos que o Fórum deixará para nossa comunidade serão positivos e duradouros".

Joel Vieira, secretário municipal de Comunicação de Linhares

"Sediar um evento do porte do Fórum das Águas do Rio Doce não é brincadeira. A responsabilidade é grande e são muitos os desafios. Mas, com o envolvimento da administração, das escolas, das empresas e da sociedade em geral tudo fica mais fácil".

Maria de Lourdes Franco Alves, secretária municipal de Educação de Linhares e coordenadora local do 4º Fórum das Águas do Rio Doce



CIDADE DAS ÁGUAS

Linhares, 2 a 5 de abril de 2008





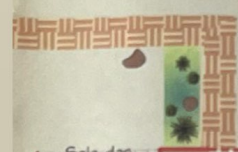
4º FÓRUM DAS ÁGUAS DO RIO DOCE

Feira Escolar

Cinquenta estandes de escolas expõem trabalhos sobre o tema água

Feira de Artesanato

45 artesãos expõem seus trabalhos utilizando materiais reaproveitados



1 2
3 4

5 6
7 8
9 10
11 12
13 14
15 16

29 34
30 35
31 36
32 37
33 38

17 23
18 24
19 25
20 26
21 27
22 28

39 45
40 46
41 47
42 48
43 49
44 50

260 Lugares

PALCO

Praça de Alimentação

600m² reservados para alimentação com vista para o palco cultural



Ginásio Poliesportivo

Área destinada à solenidade de abertura e pronunciamentos das autoridades

Espaço Aberto

Oficinas móveis, desfile de moda, culto ecumênico, entre outras atividades

Eu sou do Doce

Cem apresentações culturais do município e de toda a bacia



Tecendo redes

Desde o I Fórum das Águas do Rio Doce, em 2005, o Projeto Águas do Rio Doce incentiva a criação de redes cooperativas temáticas para facilitar ações em prol do desenvolvimento sustentável da bacia. Entre outros procedimentos, encontros vêm sendo organizados para consolidar as redes, que uma vez implementadas passam a usar o Fórum para apresentar resultados e elaborar agendas de trabalho. As redes devem chegar ao Fórum com objetivos bem definidos, mobilizadas e cientes de suas demandas.

Após várias reuniões em 2006 e 2007, a Rede de Saneamento se reuniu no dia 7 de novembro em Viçosa-MG e criou um comitê gestor composto por um representante de cada instituição-membro, que coordenará os trabalhos até o 4º Fórum, quando será eleita outra diretoria. Até lá o Projeto Águas do Rio Doce ocupará a secretaria executiva da Rede.

Foram também definidos palestrantes e temas de interesse da rede na programação técnico-científica do Fórum. Foi criada uma comissão para elaborar um documento sobre como atender à demanda por capacitação e treinamento do segmento. Outra comissão cuidará das ações políticas da rede e do estabelecimento de laboratórios de referência e controle de qualidade de água para apoio regional. Os cargos nas comissões foram distribuídos entre Funasa/MG; Funasa/ES; SAAE de Governador Valadares, SAAE de Viçosa, Sanear de Colatina e SAAE de Raul Soares.

Na Escola de Minas de Ouro Preto nos dias 8 e 9 de novembro reuniu-se a CTI-Doce - Rede de Ciência, Tecnologia & Inovação em Suporte à Gestão das Águas na Bacia Hidrográfica do Rio Doce. A exemplo da Rede de Saneamento foi formado um conselho gestor para atuar até nova eleição durante o Fórum e da mesma forma

a secretaria executiva ficou com o Projeto Águas do Rio Doce. Concluiu-se que o público a que se destinarão os trabalhos da Rede são alunos de graduação e pós-graduação, docentes, pesquisadores e diversos setores da sociedade, enfatizando-se o de gerenciamento de recursos hídricos.

A rede deverá atuar prioritariamente em quatro áreas: desenvolvimento de estudos, pesquisa, extensão e capacitação. Foi eleita uma coordenação provisória com um representante da UFES e um do CEFET/ES.

A Rede de Conservação e Biodiversidade reúne-se no dia 29 de novembro, tendo como anfitrião o CEA Oikós - Centro de Educação Ambiental Oikós, da Fundação Acesita. O foco da reunião será a sistematização de um documento de informação sobre o tema da rede na bacia. Deve ser lançada uma versão preliminar durante o 4º Fórum e a versão definitiva deve estar pronta até 2009.

A Rede de Ensino para o Desenvolvimento Sustentável tem seu próximo encontro em fevereiro de 2008 com vistas a apoiar o Programa Geração Futura.

LIDERANÇAS JUVENIS

Em Linhares, é grande a empolgação das escolas para a Feira Escolar e para o Fórum Mirim. A equipe da Secretaria Municipal de Educação quer ver os alunos fazendo bonito e para isso eles estão sendo preparados através de várias atividades. Uma delas é o Pré-Fórum Mirim, dia 29 de novembro. Outras cidades da bacia também já se preparam. Em João Monlevade, no Médio Rio Doce, um grupo de alunos de doze a quatorze anos foi selecionado para participar do Fórum Mirim em Linhares. Eles prepararão um documento para apresentar durante o evento.

A iniciativa foi da Comissão de Meio Ambiente da Câmara de Vereadores e tem o apoio das instituições locais e da coordenação do Fórum Mirim, em Ipatinga.

OPINIÃO

Comemorando vitórias

No primeiro Fórum das Águas a semente foi plantada. De lá para cá temos trabalhado para transformar a proposta de criação da Rede CTI-Doce em realidade. A Rede visa integrar a academia e os possíveis-setores beneficiários dos seus produtos, e em parte por esse caráter inovador encontra dificuldades, mas sempre avança.

Partindo de três instituições-membro, contamos hoje com onze, muitas participando com mais de um departamento ou unidade. Com um diagnóstico institucional começamos identificar "quem é quem" e o que têm feito em áreas afins a "água e desenvolvimento de regiões", assim conhecendo o interesse de cada um em contribuir para o fortalecimento da gestão multi-setorial em busca do desenvolvimento sustentável da bacia. Subdividimos a Rede em cinco áreas temáticas e fizemos articulações junto a potenciais fontes de financiamento para seus trabalhos.

No dia 9 de novembro passado, no histórico salão nobre da Escola de Minas de Ouro Preto, tivemos certeza que o sonho se realizará em 2008: as secretarias de Ciência e Tecnologia dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo decidiram juntas apoiar a CTI-Doce lançando edital específico para a bacia do Doce. Esperamos ainda contar com o apoio de outras fontes de financiamento como o CT-Hidro, Fhidro-MG* e recursos do setor privado.

Edmilson Costa Teixeira

Prof. do Departamento de Engenharia Ambiental da UFES e coordenador colegiado do Projeto Águas do Rio Doce

* CT-Hidro - Fundo Setorial de Recursos Hídricos, do Ministério de Ciência e Tecnologia, Fhidro - Fundo de Recuperação, Proteção e Desenvolvimento Sustentável das Bacias Hidrográficas.

Edmilson Teixeira coordenando reunião da Rede CTI-Doce em Ouro Preto





Conhecer para preservar

Cristiane Careta*

“Bicho feio, perigoso, nojento, transmissor de doenças, seu veneno mata, sua urina cega, e além de tudo dá azar”.

Estes são mitos que se ouvem sobre sapos, pererecas e rãs, os anfíbios anuros. Por costumarmos ter uma relação de afinidade com animais domésticos como cães e gatos, muitas vezes espécies selvagens inofensivas, como os anuros, envoltas em lendas e superstições, são vistas como inimigos, pois conhecemos pouco sobre elas.

Os anfíbios anuros dividem sua vida entre a água e a terra, tendo como habitat típico lagoas, rios, brejos e terrenos com água abundante. Surgiram provavelmente há cerca de 350 milhões de anos e foram os primeiros vertebrados a viver em terra firme. Espalharam-se nos ambientes terrestres e chegaram a possuir representantes gigantes, com até quatro metros de comprimento, mas com o surgimento dos répteis, animais mais adaptados à vida terrícola, muitos anfíbios desapareceram. A maioria deles não vive em famílias e, para acasalar, o macho atrai a fêmea com a vocalização (canto). Os ovos são postos e permanecem juntos, assim como os girinos, nas fases iniciais de seu desenvolvimento, mas os sapos não identificam seus pais quando ficam adultos.

O Brasil conta com a maior diversidade de espécies de anuros do mundo. Eles comem quase tudo que são capazes de engolir, assim o tamanho da cabeça é o que determina o tamanho máximo das presas, que incluem moluscos, vermes e principalmente insetos, inclusive pragas da agricultura e transmissores de doenças como dengue e a malária. Os sapos da espécie *Bufo americanus* chegam a encher e esvaziar seu estômago cerca de quatro vezes por dia, outros conseguem comer até cinquenta mosquitos por minuto.

Na natureza têm importante papel como fonte de alimento para carnívoros como as cobras, mas a carne de rãs também é bastante apreciada na culinária. Na pele dos anfíbios se encontram substâncias que agem contra fungos e bactérias e vêm sendo pesquisadas para uso na fabricação de remédios.

Anuros já foram venerados por civilizações antigas, em outras foram associados a bruxaria e paganismo, e atualmente são respeitados e protegidos pela ciência. Ao contrário do que se pensa, sapos não são capazes de expelir voluntariamente seu veneno, produzido em duas glândulas localizadas na cabeça. Ele é expelido somente por compressão. A substância provoca irritação em tecidos vivos, assim, ao ser espremido pela boca de um predador, o sapo pode ser rejeitado, mas na pele humana o veneno é inócuo, causando lesões apenas em contato com as mucosas da boca, nariz, olhos ou ferimentos.

Apesar de asquerosos para muitas pessoas, a extinção destes animais geraria um considerável desequilíbrio ecológico. A degradação do meio ambiente vem causando acentuado declínio de suas populações, por causas regionais e globais das atividades humanas. Entre os fatores mais importantes estão a utilização desordenada de agrotóxicos, a introdução de peixes exóticos predadores de ovos e girinos, morte de embriões por radiação ultravioleta e outros.

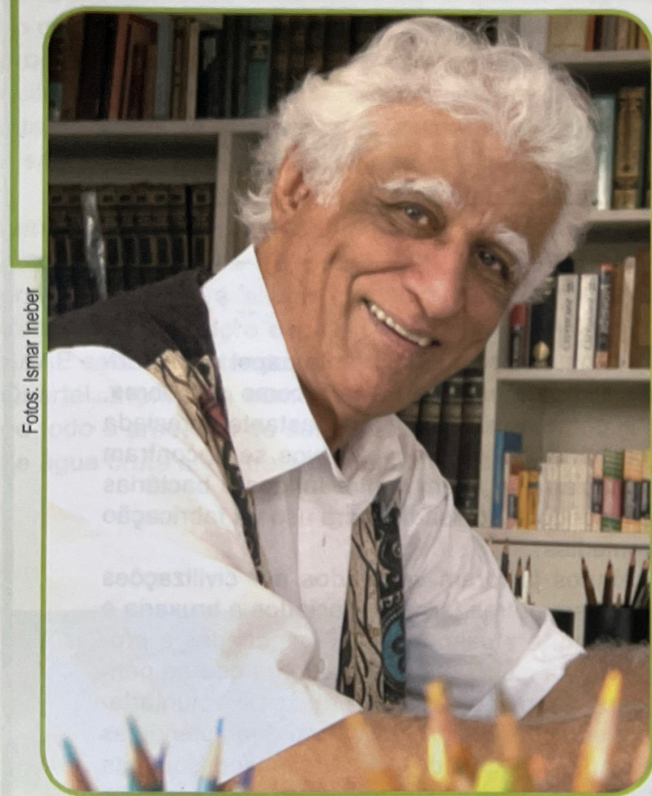
Infelizmente a aversão aos anuros ainda persiste por falta de conhecimento, o que representa mais um obstáculo quando se trata da preservação. Mas falta de informação tem jeito, basta procurarmos saber mais sobre a importância da nossa fauna, flora e recursos naturais, para desenvolvermos a consciência de preservá-las.

* Cristiane Careta de Mello é bióloga, professora de Ciências da Rede Municipal de Linhares-ES, e mobilizadora do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São José (CBH-São José)
e-mail: cris.careta@hotmail.com

Patrono do 4º Fórum

Cidadão do mundo, o cartunista, escritor, jornalista, teatrólogo, chargista e caricaturista Ziraldo é riodocense por nascimento. Sempre metido em histórias e projetos ligados à questão ambiental, tem um carinho especial pelo nosso rio e pelas águas de uma maneira geral. Entre as suas obras pelo menos duas estão diretamente ligadas ao tema. A cartilha "Água Nossa de Cada Dia" e o livro "O Menino do Rio Doce", ambos publicados no final dos anos 90.

Convidado especial para o 3º Fórum das Águas do Rio Doce, que aconteceu em Ipatinga, não pôde comparecer, mas garante que em Linhares estará na linha de frente. Nessa entrevista, Ziraldo relembra um pouco do tempo em que brincava nas águas (águas?) do rio Caratinga e diz que as crianças de hoje são tão felizes quanto as crianças de antigamente.



Fotos: Ismar Ineiber

Há mais de 10 anos você escreveu a cartilha "Água Nossa de Cada Dia". De lá para cá o que mudou para melhor e para pior na relação das pessoas com a água?

Há mais consciência da questão hoje em dia, mas as pessoas não sabem, ainda, o que podem fazer para contribuir para a, digamos, proteção da água. Por enquanto as providências práticas neste sentido estão diretamente ligadas ao poder público. Tem que haver políticas públicas efetivas para os cuidados com a água nossa de cada dia: tratamento de esgotos, fim das valas abertas, recomposição das matas ciliares, proteção e recuperação das nascentes, controle do consumo nas grandes cidades. Tudo isso são coisas que não dependem de ação direta do cidadão, do contribuinte. Tomando, porém, esta consciência da questão, a sociedade pode organizar-se para exigir ações efetivas de seus governantes.

Não deixar que pequenos rios que

atravessam comunidades pobres sejam assoreados, parece-me, é uma ação que pode ser cobrada de líderes comunitários. O que não deixa de ser fazer a cobrança a um cidadão. Temos que pensar em ações concretas a nosso alcance. Com relação à água, ocorrem-me poucas de eficácia comprovada. Economizar água no uso doméstico só nos ocorre em períodos de seca, quando somos avisados pelas autoridades ou quando a água corrente começa a ser racionada.

Naquela cartilha, foi lançado um dos slogans mais utilizados nos últimos tempos em educação ambiental: "Só jogue no rio o que o peixe pode comer". Na sua opinião, qual o papel do artista na conscientização das pessoas e na busca por uma sociedade melhor?

Na minha opinião, não é legal dar palavras de ordem em campanhas educativas. "Não faça isto" ou "Faça aquilo!" não é uma boa. Prefiro dar ao

público da campanha uma sugestão. Uma sugestão que tenha sentido, é claro. No caso presente, pensei o seguinte: na cabeça do brasileiro, a "água lava, lava, lava tudo; só não lava a língua desta gente." Por essa razão todas as pequenas povoações brasileiras nascem margeando rios, onde se pode jogar tudo o que não precisamos.

Quando comprei um pequeno sítio na Ilha Grande, ele era cortado por um fio de água que descia da montanha. Não chegava a ser um córrego, mas quando consegui alguém para desassorear meu riozinho, tiraram de lá até colchão de mola, carcaças de animais, pedaços de velhos móveis, uma infinidade inimaginável de garrafas de vidro ou de plástico e até pneu velho, numa ilha onde carro não circula. Meu desejo, com a campanha, era acabar com este gesto atávico que a cultura brasileira tem, este hábito automático de jogar tudo, tudo na água, seja no córrego, seja no rio, seja no lago, seja no mar. Assim esta frase pode, aos pou-

cos, ir contendo nosso gesto secular: "não vou jogar isto não... isto não se consumirá, vai ficar no rio a vida toda." Ou no lago, ou no mar...

O livro "O Menino do Rio Doce" é uma declaração de amor ao nosso rio. São registros de sua relação com ele nos tempos da infância? Uma criança nascida hoje poderia escrever um livro como aquele, no futuro?

Claro que são minhas lembranças do Lajão (Conselheiro Pena), da minha primeira infância. Eu tinha me esquecido delas antes de começar a escrever o livro. Sem dúvida, uma criança nascida hoje em Colatina, por exemplo, vai conviver intensamente com o rio Doce que ali ainda é tão lindo, tão majestoso. Suas lembranças, porém, serão diferentes das minhas; a mata acabou, não tem mais árvore frondosa debruçada sobre o rio, o rio ficou mais raso. É capaz do menino de hoje não saber o que é canalão, mas no lugar onde o assoreamento criou um areião branco, ele vai fantasiar que é uma praia infinita.

Qual é o rio da sua infância? E como ele era? E como você o vê hoje? Na sua opinião, ele ainda tem conserto?

O rio – mesmo! – de minha infância é o Doce, uai.

Passei a segunda parte da minha infância em Caratinga, que não tem rio, tem um córrego maiorzinho transformado em cloaca a céu aberto. Mesmo assim tenho lembranças felizes dele. A gente descobria poços onde acreditávamos que podíamos nadar. De repente alguém gritava: "Lá vem marinheiro." Todo mundo mergulhava pra deixar passar o tolôco de merda que descia, boiando, o rio. Um dia, o Chapelão submergiu com o cocô na cabeça. A gente riu muito, mas não teve problema. A água lava, lava, lava tudo. Ele lavou a cabeça e a vida continuou. Não para ele, claro. Nem para ele nem para metade dos meninos que nadavam naquele poço: os que os pais não tinham emprego, nem renda fixa. Morreram todos, ainda no tempo das farras no rio,

de amebíase ou de chistose.

Se nossos rios têm conserto? Ah, tem. Basta ter um projeto sério que não seja esgotado pela corrupção e um pouco de vontade política.

Como você vê a relação das crianças com a natureza, na atualidade?

Apenas diferente da infância do meu tempo. Mas esta história de dizer que infância feliz foi a minha é babaquice. Com toda a saudade que tenho do meu tempo de menino, posso repetir com o mesmo sentido mas com outro objeto, a frase que o Zé Lewgoy publicou, um dia, no Pasquim: "Troco meus dias mais felizes pelos piores dias do Walter Moreira Salles". Eu diria: "Troco o dia mais feliz da minha infância por um dia sem graça da infância dos meus netos."

Hoje as histórias da Turma do Pererê fazem parte da memória de muitos adultos e marcaram a história deste tipo de publicações no Brasil. Na turma do Pererê, a Mata do Fundão seriam as matas da bacia rio Doce?

Não, não. A mata do Fundão são



"Troco o dia mais feliz da minha infância por um dia sem graça da infância dos meus netos."

as florestas do Brasil, onde elas ainda existem. Ah, um detalhe para vocês considerarem: este nosso país é tão fantástico que, com tudo o que já depredamos de nossa natureza, o Brasil – tirando as Guianas – é o país do mundo que menos perdeu florestas na sua totalidade. Cês sabiam? Cês sabiam que a consciência ecológica – ainda sem este nome – inaugurou-se no Brasil? Os portugueses, não por consciência mas por cuidados com os lucros, fizeram leis proibindo que se abatessem certos tipos de árvores de boa madeira em nossas florestas. Por isto o cedro, a peroba, a caviúna, o jacarandá, o mogno e outras madeiras finas passaram a se chamar madeira de lei: Vocês sabiam??? E tem mais: o primeiro governante do mundo a mandar reflorestar regiões degradadas do país com florestas múltiplas foi D. Pedro II. Vocês sabiam?

Nos seus projetos atuais está incluída alguma proposta relacionada à água e ao meio ambiente?

Depois eu conto. Aguardem!!!

A humanidade vai sentir necessidade de cuidar das águas?

Já está sentindo. Só não sabe ainda – como eu já disse – como fazer. Falta a elaboração de um programa efetivo, exequível e eficiente.

Você abriu o Fórum das Águas para o Desenvolvimento de Minas Gerais em 2002 na praça da Liberdade, foi escolhido cidadão da bacia do Doce na REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE nº 3 e foi convidado especial para o 3º Fórum das Águas do Rio Doce em Ipatinga. O que acha de ser patrono no 4º Fórum, que irá ocorrer em Linhares de 2 a 5 de Abril em 2008?

Tou lá! É o primeiro convite do ano 2008 e eu sou doidim pra conhecer Linhares. Quero ver se lá ainda estão pescando lagosta no rio Doce como vi minha avó fazer nos anos 30, no Lajão. Me contaram que ainda tem das velhas lagostas do rio Doce lá em Linhares. "Olhai", pitu não vale. ■

Assinado decreto sobre uso de madeira certificada em obras públicas

Para garantir que a madeira utilizada nas obras públicas realizadas pelo Governo do Estado do Espírito Santo sejam certificadas e tenham comprovação de procedência, a Setop - Secretaria de Estado de Transportes e Obras Públicas - e a Seama - Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos - daquele estado, assinaram um decreto no Dia da Árvore - 21 de setembro.

Pelo decreto, toda madeira que for utilizada em obras do Governo capixaba deverá ter comprovação de procedência legal, ou seja, autorização do órgão competente, que é o Idaf - Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo - ou o Ibama

- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

Atualmente, 70% da madeira consumida no Brasil tem procedência de florestas nativas. Dados do Ministério do Meio Ambiente revelam que 86% da extração de madeira do País é irregular e menos de 10% de toda a madeira comercializada não degrada, de alguma maneira, a flora nacional.

Hoje o Brasil detém a maior área florestal certificada na América Latina, segundo a WWF, com 2.300.874 hectares, colocação assumida no último dia 30 de setembro. Isso corresponde a aproximadamente 0,3% dos 850 milhões de hectares de florestas brasileiras.

Prêmio Ecologia 2007 bate recorde de inscrições



Prêmio
Ecologia
2007

O Prêmio Ecologia já é uma tradição no Espírito Santo. Mais de cem trabalhos relacionados com a área ambiental já foram contemplados com a premiação, que acontece há sete anos no Estado. Em 2007, o prêmio mais uma vez bate recorde no número de inscritos: são 288 trabalhos.

A premiação já conta com oito categorias, que são: Pesquisa, Educacional, Empresarial, Experiência de Sucesso, Jornalismo, ONGs, Fotografia e Desenho Infantil, sendo essa última a mais procurada nesta versão.

O prêmio é uma iniciativa da Seama - Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo. Visa incentivar ações ligadas à área ambiental no Espírito Santo. A comissão organizadora do concurso está analisando os trabalhos inscritos para verificar se todos os quesitos foram atendidos.

Os primeiros colocados de cada categoria receberão um computador. Já os segundos lugares, ganharão uma TV. Os que ficarem em terceiro, receberão uma máquina fotográfica digital. Todos os inscritos ainda concorrem a uma viagem a um parque no Brasil.

Governos do Sudeste assinam Pacto Ambiental



Foto: Thiago Guimarães

Os governos da região Sudeste assinaram no mês de outubro um Pacto Ambiental que prevê ações de conservação e recuperação nesse território. O acordo foi firmado durante a solenidade de abertura do Seminário Mata Atlântica que aconteceu em Vitória entre os dias

23 e 26 de outubro.

Ações como ampliação das Áreas Protegidas na região, recuperação de matas ciliares e restauração de pelo menos 300 mil hectares de matas nativas, estão previstas nesse compromisso ambiental.

Comitês dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu são criados no Espírito Santo

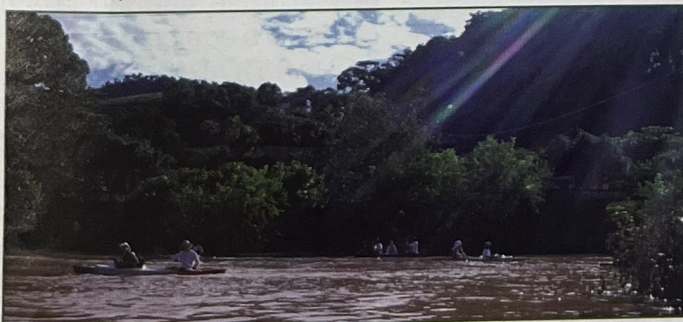
O Espírito Santo conta com mais dois comitês de bacias hidrográficas. No último dia 9 o governo capixaba assinou o decreto de criação dos comitês dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu.

Durante o evento, o governador Paulo Hartung disse que todos precisam arregaçar as mangas e dar sua parcela de contribuição para conservar o meio ambiente. "Hoje, demos mais um passo de uma longa caminhada. Vamos lutar para construir uma realidade melhor para o meio ambiente, que garanta qualidade de vida para a presente e para as futuras gerações", pontuou Hartung.

No evento, ainda a secretária de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo, Maria da Glória Brito Abaurre, disse que o Estado vive um novo momento, adotando um modelo de gestão compartilhada, com abertura para a participação da sociedade. "O Governo sozinho não resolve nada. E não basta somente vontade política, também, tem de ter embasamento técnico, o que já estamos desenvolvendo com projetos como o cadastro de usuários de água, mapeamento de águas subterrâneas, monitoramento hidrogeológico, dentre outros", disse Maria da Glória.

O rio Santa Maria da Vitória, juntamente com o Jucu, é responsável pelo abastecimento de aproximadamente 50% da população da Grande Vitória. Só em Vitória, o consumo de água chega a mais de 82 mil metros cúbicos (m³) por dia. Vale lembrar que 1m³ equivale a uma caixa d'água com capacidade de mil litros. Os rios também são responsáveis por 25% da energia elétrica consumida no Estado.

Nessas bacias estão concentradas várias Unidades de Conservação, que são o Parque Estadual Pedra Azul, em Domingos Martins, e os Parques Municipais do Mochuara, na região rural de Cariacica, de Jacarenema, em Vila Velha, e Fonte Grande, em Vitória. Além desses, há a Reserva Biológica de Duas Bocas, em Cariacica, a Reserva Florestal Bremenkamp e o Orquidário Kaustsky, no Pico Eldorado.



Pagamento por serviços ambientais: uma realidade bem próxima em território capixaba

Está cada vez mais próxima a realidade da remuneração por serviços ambientais no Espírito Santo. Tal conceito segue a lógica de mercado, em que se paga por serviços prestados. No caso do meio ambiente, hoje se reconhece o valor dos serviços que, por exemplo, uma floresta preservada tem. Assim, o proprietário que opta por não derrubar remanescentes florestais precisa ter o seu retorno financeiro. Esse é o conceito da remuneração por serviços ambientais.

Nessa linha trabalham dois projetos que estão sendo desenvolvidos pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. O primeiro é o programa Florestas para a Vida, que tem entre seus objetivos a destinação de 12 milhões de dólares para remuneração de serviços ambientais. Segundo o assessor especial do IEMA - Instituto de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo -, Marcos Sossai, que está à frente do programa, o projeto deve estar funcionando em 2008. Marcos explica que "é preciso uma equação econômica complexa para definir os casos e quantias que cada produtor deve receber e quem serão os atores beneficiários que terão de pagar pelos serviços". Esse programa é uma parceira com o fundo GEF - Global Environmental Facilities - e será aplicado nas bacias hidrográficas dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu.

Na mesma direção, e servindo como piloto para o Florestas para a Vida, está sendo desenvolvido o projeto Produtor de Água, que usa uma metodologia desenvolvida pela ANA - Agência Nacional das Águas - para remunerar os serviços ambientais ligados à quantidade e qualidade da água. Pelo projeto, o produtor que fizer em suas terras ações de recuperação ambiental como modernização e manejo de culturas agrícolas, reflorestamento de pastagens e recuperação de mata ciliar, dentre outras, poderá receber um incentivo financeiro.

O piloto deverá ser aplicado em pontos da bacia do rio Santa Maria da Vitória. Para Fábio Anherter, gerente de Recursos Hídricos do IEMA, já no próximo ano esse programa deve estar funcionando. Essas são as duas frentes que tornarão uma realidade a remuneração dos serviços ambientais no Espírito Santo, que deve não apenas incentivar o produtor a preservar, mas também mudar os paradigmas e fazer com que se compreenda a função econômica da preservação.



Dedim de Prosa

Oi gente! Óia cá, ceis num imagina aonde ieu fui no mês passado. Fumo acompanhá o cumpadi João numa expedição arqueológica em Uruçuquara e acabamo conheceno de Regência, na foz do Doce, inté a praia de Barra Seca, na divisa cum São Mateus. Aquilo lá é muito bonito, mas deve ter sido mais ainda inhantes de se transformá nas grande fazenda de gado, inhantes de secarem a lagoa. E foi durante a expedição que conheci o cumpadi Fabinho, dono de pousada. Quem vai lá não dá vontade de vim'bora.

No dia seguinte, já na horinha de vim'bora e aproveitano que já passava do mei'dia, fumo inté o estabelecimento do sô Joca, e ele convidô a gente pra comer uma galinha caipira, coisinha simples, galinha de quintar. Oia cá, num sobrô nem pros cachorro, inté os ossim tava difícil de í pro lixo. Bem, a verdade mermo é que a dona da conzinha era a companheira do sô Joca. Oh muié de mão abençoada! Oh tempero bôo, sô!

LINHARES

Aproveitano a ida na foz do rio Doce, nós passeamo

em Linhares para conhecê o local onde vai tê o 4º Fórum das Águas do Rio Doce e acabemo fazeno uma visita pro escritório do Fórum na cidade. Lá tivemo a oportunidade dum dedim de prosa c'os cumpadi Tunico e Militão. Foi muito bôo reencontrá os companheiro que trabaia no Fórum: Zaira, Fatinha, Pedro Paulo, Edilene, Fabiane Arêdes, Fabiane Torres, Iberê, Carla, Priscilla, Pedro Fabiano, Janine, Edmilson, Cânthia e Eri.

Tava muito movimentado, era gente entran'e saíno, tava inté gostoso de vê. Tudo comandado pela cumadi Lourdinha e as suas assessora Selma e Segina.

LINHARES II

Falano de Linhares, ieu num podia deixá de i visitá a minha cumadi Dicla, que outro dia mermo fiquei sabeno que teve um festão c'os funcionário do Saae, em comemoração aos 50 ano de tratamento e abastecimento d'água no município. Num é to'dia que se comemora 50 ano. Parabéns pro povo linharensê.

COLATINA

Pra quem tá em Linhares é um pulinho, pela estrada nova que tão asfaltano, nas beira do rio Doce. E lá fui ieu encontrá c'o cumpadi Daniel da Secretaria de Agricultura. E num é que o tenente

Ricardo tava na sala dele e ieu proveitei e matei dois qüei numa cajadada só? E a prosa foi intensa. O cumpadi Daniel me contô que a cumadi Hemiliane, aquela moça formosa e simpática, presidente da Cooperativa Rural de Colatina, vai coîê pra mais de cem tonelada de manga ainda nessa safra, pra vendê pro pessoar duma tal de Trop Frutas. Tomara que essa moda se espalha pra outros município e que as boa e saborosa manguinha ubá da bacia do Doce, além de adoçá os nosso verão, passa a se transformá em dinheiro no borso do nosso homi do campo.

COLATINA II

Ainda na merma cajadada, peguei o tenente Ricardo de empreitada e o moço cabô confirmano que em Linhares a Polícia Ambiental já tá se organizano pra fazer bonito, e que dependeno dele, Colatina chega junto no 4º Fórum das Águas do Rio Doce.

Antes de pegá estrada ieu e a equipe da revista... Por sinar, esqueci de contá no início dessa prosa que ieu tava de carona c'a equipe da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE, dano uma de repórter. Fomo visitar o cumpadi Guerino, prefeito de Colatina, e acabamo tomamo café e fazeno uma boquiinha, comeno uma merendinha no gabinete dele. É muito bôo a gente encontrá c'o cumpa-



Zé Dendágua

zedendagua@aguasdoriodoce.com.br

di Guerino, a gente sai de lá animado, chei de notícia boa. Oh homi bão, sô!

BAIXO GUANDU E AIMORÉS

Ainda na merma viagem e continuano de carona c'a turma, paremo no escritório do Consórcio Guandu pra cumprimentá as cumadi Vanessinha e Gilse Olinda e o cumpadi Clerinho.

A visita foi de médico, mas tivemos tempo pra saber que tem casório por perto. De lá foi só atravessá a divisa do Espírito Santo pra Minas e já tava em Aimorés c'uma paradinha rápida no Instituto Terra pra saudá a cumadi Gladys e os cumpadi Jaime e Lino, que levaro a gente pra conhecê o novo museu arqueológico da bacia, uma parceria da Hidrelétrica de Aimorés, administração municipal e Instituto Terra. E é craro, fumo tomá

um café na casa da prima Rosaninha. E óia cá, cabei conheceno uma belezura de morena, mas logo que comecei a me engraçá co'ela a prima foi logo me dizeno "oh primo, cuidado co'essa aí que é especialista em pegada de onça e num tem medo do bicho, não!" Eu cacei logo jeito de i'mbora. Imagina, muié que não tem medo de onça!

JOÃO MONLEVADE

O tempo tava mermo é curto. Nós tinha que chegá em João Monlevade, do outro lado da bacia, lá no Piracicaba, pra encontrar c'as criança que tá organizano pra participá do Fórum Mirim. Lá quem tá cuidano da meninada é um projeto em parceria com várias instituição liderada pela Câmara de Vereadô. A prosa em João Monlevade foi grande, passamo o dia inteiro em

reunião c'a garotada. No fim da tarde tivemos um dedim de prosa c'o vereadô Contrapino, a fessora Iolanda e a fessora Carol pra ajustá a ida dos aluno selecionado que vai representantá João Monlevade em Linhares no Fórum Mirim.

LIVRO DO ZÉ DENDÁGUA

Oh gente! Ceis imagina só! Eu tava de prosa com os cumpadi Edmilson, Pedro Paulo e a cumadi Zaira e, caso vai, caso vem, cabei contano como meu pai me levô pra conhecê a nascente do córgo lá de perto onde nós morava. Ceis credita que eles ficaro prestano atenção e agora tão escreveno um livro contano tudinho da história da minha nascente? E inda chamaro o cumpadi Marquim pra fazê os desenho do livro. Eu fiquei foi contente! Tô doidinho pra lê.

Zé Dendágua é um sujeito nascido e bem criado nas grotas da bacia do rio Doce. Filho de gente do campo, conhece todo mundo (é cheio de compadres e comadres). Apaixonado pela sua terra, suas águas e sua gente, gosta de um bom dedo de prosa e não tem papas na língua



Nas ÁGUAS do DOCE



Reunião na Cesan, em Vitória-ES (1): preparação para as comemorações dos 10 anos do Consórcio Guandu

Posse da diretoria da ABES/MG, em Belo Horizonte, o novo presidente, Márcio Pedrosa, recebe os cumprimentos. Na foto 2, Ricardo Augusto Simões, diretor Financeiro e de Relações com Investidores da Copasa/MG, Márcio Pedrosa e José Carlos Carvalho, secretário da Semad. Na foto 3, Pedrosa com Carlos Orsini, diretor da YKS

Durante a Feira do Verde, em Vitória-ES (4), os coordenadores do Projeto Águas do Rio Doce, Pedro Paulo e Zaira, conversam com Gilbert Scharnik, do IIDAC - Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania sobre o programa Geração Futura Bar do Marcelo (5), lugar agradável às margens do rio Doce, em Resplendor-MG. Ponto de parada obrigatória nas andanças pela bacia

Coquetel comemorativo dos 50 anos do Unesco-IHE - Instituto de Educação para a Água (6), na Holanda, em junho de 2007. Em pé: Cláudio Guerra, consultor do Projeto Águas do Rio Doce e Atem Ramsundersingh do Instituto Banco Mundial. Sentados: Luiz Carlos Busato, consultor em gestão de meio ambiente e Henk Lubering, professor do Unesco-IHE

Equipe de trabalho do 4º Fórum das Águas do Rio Doce em ação. O coordenador Edmilson Teixeira e a assessora Jacqueline Tavares entregam material informativo ao consultor do MEC, Moisés Ataídes (7)

A coordenadora local do 4º Fórum das Águas do Rio Doce, secretária de educação Maria de Lourdes Franco Alves e o assessor comercial Eri Pimenta, do Projeto Águas do Rio Doce, apresentam o Atlas da Bacia do Rio Doce - Edição Especial Linhares (8)

A secretária de Desenvolvimento de Aimorés-MG, Rossana Ávila de Castro, recebe a REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE (9)

Lupércio de Castro, secretário de Meio Ambiente de Aimorés e Gladys Nunes, educadoras de Governador Valadares-MG, Colatina-ES, Ipatinga-MG, Linhares-ES e equipe do Projeto Águas do Rio Doce, no Instituto Terra (10): organização do programa Geração Futura

Karla Libardi, assessora do Projeto Águas do Rio Doce, e o secretário executivo do Instituto Bioatlântica, André Guimarães (11)

Membros da Rede de Saneamento Ambiental da Bacia do Doce em visita às instalações da Faceli/UAB (12)



Especial

As comemorações do Jubileu de ouro do SAAE agitaram Linhares de 23 a 30 de julho. Diretoria, funcionários e convidados participaram de inaugurações, ações educativas, eventos

culturais e uma programação social intensa e variada. O SAAE/Linhares é reconhecido como modelo de gestão e referência para outras autarquias no Espírito Santo.





Dois rios, duas cartas

Lélío Costa e Silva*

Carta do rio Piracicaba para o rio Doce

Ipatinga, 1º de fevereiro de 1997.

Prezado rio Doce,

Não queria ir ao teu encontro assim: desprevenido e desmascarado às vésperas de uma comunhão que sonhei translúcida. Como todo amigo, queria te levar a pureza. Mas, fiquei amortecido pela viuvez das copas das árvores e encostas ulceradas. Como você, eu também quis ser um manancial em gratuidade, porque a suprema vocação das águas é sempre levar a cura e a vida.

Mas, repito, não queria ir ao teu encontro desse jeito: lacrimajante, em astenia, sem o milagre dos peixes. Aliás, tinha reservado para você uma declaração de amor mais ou menos assim: "o doce perguntou para o doce, qual era o doce que era mais doce. O doce respondeu ao doce" que seria o rio Doce...

Bem que quis enamorar das cidades por onde passei, mas elas não entenderam... No entanto, mesmo sem identidade, continuo a insistir com a minha paisagem cada vez mais resumida. Mesmo porque todas as águas são obstinadas.

Mas, se um dia as matas ciliares e o encanto voltarem, juro que retirarei do penhor a esperança...

Por enquanto, perdoa-me por te trair.

Rio Piracicaba

Resposta do rio Doce ao rio Piracicaba

Ipatinga, 4 de março de 2007.

Prezado rio Piracicaba,

Dez anos depois posso responder-te: Se as minhas águas não melhoraram, deves continuar a acreditar na consciência das pessoas. Mesmo que elas reservem para ti o pior do humano: o escárnio, o cuspe, o excremento e a maldade.

A traição não é propriamente tua. É bom que mantenhas tua esperança no penhor, ainda. Convém esperar a mudança de atitude dos cidadãos, empresas e governantes, agora unidos em comitês.

No entanto, há um sinal de percepção social das águas pelos povos desta bacia através do coração e, por isso mesmo, continue tentando se enamorar das cidades - haverás de despertá-las pela ternura.

Elas saberão que as águas são livres e que os rios sempre foram educados para a adversidade das corredeiras, regatos, quedas e remansos – esculpir pedras e desenhar paisagens é da nossa natureza. Mais fácil do que enfrentar a ignorância, a omissão e o preconceito.

Mas haverá um tempo em que nada mais será assim. Efêmeras ações darão lugar à sinceridade. As águas negligenciam discursos áridos e vazios, depositados como lixo nas margens dos rios.

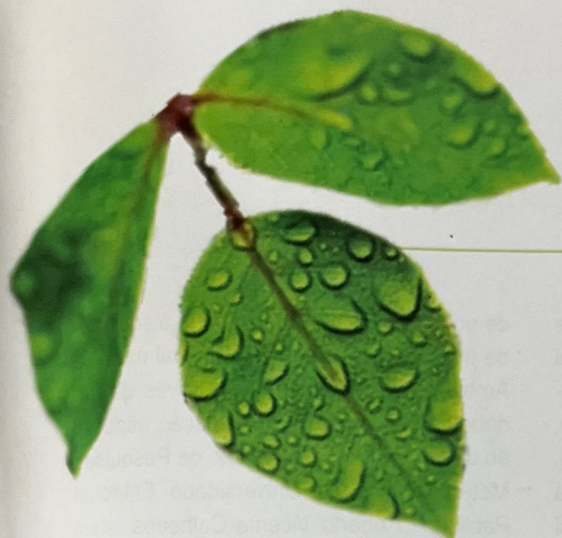
E a nossa comunhão finalmente será translúcida, mesmo porque a palavra Cristo em grego significa peixe, emblema da fé.

Por enquanto nosso encontro permanece adiado.

Um dia eles descobrirão que a vida e o rio são o mesmo.

Rio Doce

* Lélío Costa e Silva é supervisor do Centro de Biodiversidades da Usipa, consultor de Educação Ambiental da fundação Relictos, criador e coordenador do projeto Xerimbabo de Educação Ambiental (Ipatinga-MG)



Espaço das águas



Governadores em favor do Doce



Os governadores de Minas Gerais, Aécio Neves, do Espírito Santo, Paulo Hartung, e o presidente da Agência Nacional de Águas, José Machado, assinaram convênio para elaboração do Plano Integrado de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Doce e dos planos das bacias dos rios afluentes, em solenidade realizada na sede do Instituto Terra, em Aimorés, no dia 8 de agosto. A elaboração conjunta do Plano, previsto para ser concluído em dois anos, receberá investimentos previstos na ordem de R\$ 2,7 milhões.

Em continuidade ao acordo assinado em 2005 entre os dois estados para realizar programas de revitalização da bacia do Rio

Doce, os governadores assinaram também um protocolo de compromisso junto ao Instituto Bioatlântica para implantação do Projeto Piloto de Restauração Florestal e Promoção de Atividades Rurais Sustentáveis em áreas pertencente à bacia do rio Caratinga, em Minas, e à bacia do Guandu, no Espírito Santo.

O Governo de Minas Gerais assinou, ainda, um convênio de cooperação técnica com o Instituto Terra, que possibilitará a recuperação de áreas degradadas do médio rio Doce, compreendidas entre os municípios de Governador Valadares e Aimorés, na divisa com o Espírito Santo.

Sala verde

Em homenagem a sua grande contribuição à pesquisa científica sobre os muriquis da bacia do Doce e a preservação da mata atlântica, a Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Cultura de Caratinga inaugurou no dia 29 de outubro a Sala de Educação Ambiental "Eduardo Veado", na Biblioteca Pública Municipal. (www.caratinga.mg.gov.br)

Igam: 10 anos de história

Criado em 17 de julho de 1997, o Igam - Instituto Mineiro de Gestão das Águas - celebrou 10 anos de existência, com o lançamento da exposição "Marcos Históricos da Gestão das Águas em Minas Gerais", na sede do Sisema - Sistema Estadual de Meio Ambiente. O evento reuniu dirigentes e funcionários do Sisema, ex-dirigentes do Igam e membros de comitês de bacias hidrográficas do estado. "Nesses dez anos não podemos esquecer a colaboração e o empenho dos comitês de bacias hidrográficas e do Conselho Estadual de Recursos

Hídricos na interlocução com a sociedade, bem como na formulação e implantação das políticas públicas", ressaltou a diretora-geral do Igam, Cleide Pedrosa. (www.igam.mg.gov.br)

Água: Faça o uso legal

O Igam quer conhecer mais sobre a utilização dos recursos hídricos no estado. Por isso realiza até 31 de julho de 2008 uma campanha em todos os municípios do estado mobilizando os usuários para que façam o registro de uso. O formulário de registro está disponível no site do Igam (www.igam.gov.br).

Na bacia do Doce, a campanha percorreu as cidades de Manhuaçu, Mutum, Governador Valadares e Ipatinga, entre os dias 15 e 18 de outubro.

ANA resgata a história do uso da água no Brasil

A ANA - Agência Nacional de Águas - começa a preparar livro sobre o tema "A História do Uso da Água no Brasil - do Descobrimento ao Século XX" com o objetivo de mostrar como os brasileiros desde o período colonial lidam com os recursos hídricos do país e de que modo a água é usada para o desenvolvimento do Brasil.

Qualquer internauta pode contribuir com o livro, por meio da doação de gravuras, pinturas, fotografias e a cessão de relatos históricos acerca do uso da água desde a chegada de Cabral. Colaborações e sugestões podem ser enviadas por meio de formulário à disposição no site temporário <http://historiadaagua.ana.gov.br/> ou pelo endereço eletrônico da instituição historiadaagua@ana.gov.br.



63 anos do Parque Estadual do Rio Doce



O Parque Estadual do Rio Doce, localizado na bacia do rio Piracicaba, entre os municípios de Marliéria, Dionísio e Timóteo, em Minas Gerais, comemorou 63 anos de fundação. As festividades se estenderam durante uma semana com celebrações em diversas localidades vizinhas à área de preservação. As romarias ecológicas a cavalo, tradição do evento, reuniram cerca de 2 mil pessoas e 300 cavaleiros. Os grupos se encontraram na estrada de acesso ao Parque e seguiram juntos até a portaria da unidade, onde foi celebrada uma cerimônia religiosa.

Criado em 1944, através de articulações políticas do bispo de Mariana, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, o Parque Estadual do Rio Doce foi a primeira unidade de conservação de Minas Gerais. Considerado o maior remanescente de mata atlântica do estado, e um dos maiores do país, o Parque possui 36 mil hectares de florestas entremeadas por cerca de cinquenta lagos naturais que integram o sistema lacustre do médio rio Doce. Em 1993, foi declarado pela Unesco Reserva da Biosfera pela ONU-Organização das Nações Unidas. (<http://intranet.ief.mg.gov.br/parques/riodoce/riodoce.asp>)

Professores premiados

A Câmara Municipal de Governador Valadares-MG homenageou 38 professores das redes de ensino municipal, estadual e particular, no dia 26 de outubro, por projetos executados nas escolas e comunidades. Na área ambiental, os diplomas Paulo Freire

de Criatividade foram entregues à Creche Antonio Rodrigues Coelho, Escola Estadual Jardim do Ipê, Centro Municipal de Educação Infantil Dom Hermínio Malzone Hugo, Escola Municipal José Angêlo de Marco, Escola Municipal Olegário Maciel, Escola Municipal Realina Adelina, Escola Estadual São Tarcísio.

Guarda ambiental

O município de Linhares criou sua Guarda Municipal do Meio Ambiente. Coordenada pela Secretaria Municipal de Segurança e Cidadania, a equipe, formada por doze guardas capacitados pelo Ibama, trabalha em regime de escala para preservar e conservar as riquezas naturais da região. Atualmente localizada na floresta dos Goitacazes, a Guarda Municipal Ambiental atua no combate à pesca irregular, à caça predatória, na preservação da mata ciliar, na conscientização da população local, dentre outras. Na sua primeira ação, a equipe apreendeu oitocentos metros de rede, uma arapuca e quatro espinhéis na Lagoa Nova.

"Esse trabalho está sendo muito positivo. Queremos chegar a um ponto de não recolher mais nenhum material. Quando conseguirmos, veremos que as pessoas estão respeitando as lagoas e matas", afirmou Dal'Col, secretário municipal de Segurança.



CBH-Doce I

A instalação de um radar meteorológico na bacia do rio Doce tem sido tema constante de debates dentro da CTGC - Câmara Técnica de Gestão de Cheias do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce. No dia 15

de outubro a discussão foi aberta à sociedade pelo Sisema - Sistema Estadual de Meio Ambiente de Minas Gerais, através de um debate público com a participação especial do diretor do IPMET - Instituto de Pesquisas Meteorológicas da Universidade Estadual Paulista - Roberto Vicente Calheiros, além de estudantes, agentes da defesa civil, técnicos da Cemig - Companhia Energética de Minas Gerais - e da CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.

A previsão é que este radar esteja em funcionamento daqui a dois anos. A bacia do rio Doce vai ser a pioneira no estado, graças às reivindicações e esforços do CBH-Doce, que tem um papel fundamental neste processo.

CBH-Doce II

O CBH-Doce, através da CTCI - Câmara Técnica de Capacitação e Informação - e a Agência Nacional de Águas - ANA, realizou entre os dias 28, 29 e 30 de agosto, em Colatina-ES, o 2º Curso de Gestão de Recursos Hídricos e Elaboração de Projetos da Bacia do Rio Doce. O curso teve como público preferencial técnicos dos setores de agricultura, meio ambiente, obras, saneamento e recursos hídricos das prefeituras municipais da região. Estiveram presentes quarenta participantes de dezesseis municípios da bacia. O próximo evento está previsto para novembro, em Ponte Nova-MG. (www.ana.gov.br/cbhrriodoce)

CBH-Doce III

O CBH-Doce promoveu no fim do mês de outubro a sua quinta assembléia extraordinária com o objetivo de discutir o processo de integração institucional da bacia, primeiro desafio do comitê no atual momento de construção do seu Plano Diretor de Recursos Hídricos. Realizada na cidade de Governador Valadares-MG, a reunião contemplou a demanda expressa pelos comitês dos rios afluentes (MG e ES) de reestruturação do colegiado do CBH-Doce por meio de uma composição feita a partir de nomes indicados pelos próprios comitês estaduais.



EVENTOS

A discussão sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável não pára de ganhar espaço na bacia do rio Doce e no país. Feiras, seminários, encontros, simpósios e outros eventos reuniram autoridades, técnicos e pesquisadores em discussões e mostras com destaque para a questão hídrica.

Aquecimento global

No dia 11 de setembro o Centro de Convenções do Flat San Diego, em Ipatinga, foi palco do I Fórum Regional de Mudanças Climáticas. Organizado pelo Instituto Ecofuturismo, teve como um dos pontos da programação os efeitos do aquecimento global nas questões hídricas da bacia do rio Doce. (www.ecofuturismo.com.br)

Simpósio no alto rio Doce

O IV Simpósio de Meio Ambiente reuniu cerca de oitocentas pessoas entre estudantes, especialistas, pesquisadores, dirigentes públicos e representantes de setores privados, em Viçosa-MG de 17 a 19 de setembro. Eles debateram a conjuntura ambiental na atualidade e as perspectivas para o desenvolvimento sustentável da bacia. O evento é promovido pelo CBCN - Centro Brasileiro para Conservação da Natureza e Desenvolvimento Sustentável - que comemorou quarenta anos de criação, com apoio de diversas entidades. (www.cbcn.org.br)

Feira do Verde



De 18 a 23 de setembro ocorreu a XVIII Feira do Verde, uma promoção da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Vitória,

esse ano com o tema geral "Consumo Consciente". Entre os assuntos em destaque no evento, alimentos orgânicos nos restaurantes, produtos ecológicos e recicláveis, coleta seletiva e garantia de acessibilidade. A feira ocupou 7.400 metros quadrados do Parque Pedra da Cebola e trouxe pavilhão de exposição, cursos, oficinas, palestras, seminários, solenidade de premiação do Concurso de Pesquisa e Educação Ambiental, Prêmio Tião Sá, atendimento a visitas das escolas e do público em geral. (www.vitoria.es.gov.br)

Seminário 10 anos de Lei das Águas

A ANA - Agência Nacional de Águas - realizou nos dias 29 e 30 de outubro o seminário 9.433+10 para avaliar, discutir, apontar as principais demandas da sociedade e da comunidade de negócios quanto às questões ambientais da Lei das Águas, da Política Nacional e do Sistema de Gerenciamento dos Recursos Hídricos no país. O evento reuniu gestores de todos os estados, autoridades brasileiras e estrangeiras, representantes dos usuários de água e sociedade civil. (www.ana.gov.br)

Seminário de Agroecologia

De 1º a 4 de outubro, em Guarapari-ES, cerca de três mil profissionais, estudantes e agricultores de todo o país participaram do V Congresso Brasileiro de Agroecologia. O foco principal do evento foi a valorização do intercâmbio entre os campos de pesquisa até a prática - originária e desenvolvida nas comunidades de agricultores familiares. O encontro, promovido pela ABA - Associação Brasileira de Agroecologia - em parceria com o Incaper, discutiu a construção de territórios sustentáveis, uma das principais tendências e alvo de preocupação dos governos de todas as esferas. A programação, bastante diversificada, contou com eventos paralelos, entre eles a feira de agroecologia e um seminário sobre a construção do conhecimento agroecológico. (www.agroecologia.org.br)

Córrego dos Ferreiras

O pequeno município de Santa Bárbara do Leste-MG realizou no Córrego dos Ferreiras, nas cabeceiras do rio Caratinga, seu 5º Seminário de Desenvolvimento Sustentável. Palestras sobre agroecologia, cooperativismo, administração de propriedade rural, entre outros temas foram apresentados no evento, além de relatórios de pesquisa sobre a microbacia realizados pelos alunos da Escola Municipal Wanderson de Castro Elias. A Associação Comunitária do Córrego dos Ferreiras e Adjacências recebeu em 2002 o prêmio Abes/Copasa de Atitude Ambiental pelos seus trabalhos de saneamento e educação ambiental.

Encontro do Zaca



No dia 20 de julho na Fazenda do Zaca, município de Ipatinga-MG, aconteceu um encontro para discutir a agenda ambiental da Apabri - Associação de Proteção Ambiental da Bacia do Ribeirão Ipanema. O presidente da Apabri e parceiro do Projeto Águas do Rio Doce, conhecido como Seu Zaca, transformou sua fazenda em Reserva Particular do Patrimônio Natural, que em dezembro de 2006 foi regularizada como Centro de Educação Ambiental.

Etnias I

Caciques de diversas etnias indígenas de Minas Gerais e Espírito Santo se reuniram para discutir suas reivindicações em áreas como saúde, educação, transportes e discriminação. Participaram também representante da Funai e promotores públicos.



Etnias II

Jogos Interculturais Aldeia Retirinho

Nos dias 13 e 14 de outubro Carmésia-MG sediou uma festa tradicional dos índios Pataxó, reunindo a Festa das Águas e 3º Jogos Interculturais da Aldeia Retirinho. As atividades, como danças e jogos esportivos, acontecem desde os primórdios do povo Pataxó.

Águas e Florestas



A Cipe-Rio Doce – Comissão Interestadual Parlamentar de Estudos para o Desenvolvimento Sustentável da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, coordenada no Espírito Santo pelo deputado Paulo Foletto, promoveu em Colatina-ES o Seminário Águas e Florestas – Alternativas Econômicas e Sustentáveis para o Espírito Santo.

Palestras e debates de alto nível discutiram as chamadas florestas plantadas, a experiência com florestas nativas e a legis-

lação compensatória do produtor rural como produtor de águas. Participaram do evento diversos deputados, o secretário estadual de Agricultura, César Colnago, a secretária estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Glória Abaurre, representantes do Ibio - Instituto Bioatlântica, Instituto Terra e outros.

Gente Nossa



Nessa edição homenageamos as parceiras Segina Petri e Selma Modeneze. Embora não pertençam diretamente aos quadros da equipe do Projeto Águas do Rio Doce, têm se dedicado de corpo e alma ao trabalho de mobilização e envolvimento da sociedade linhareense no 4º Fórum das Águas do Rio Doce. Selma puxa a turma da cultura, organiza reuniões, dá idéias, estimula. Segina comanda as comissões da educação com firmeza e categoria.

Sempre alegres, cada uma com seu estilo, são um grande apoio para a coordenadora local, secretária Lurdinha, e amigas de todos (além de atrizes amadoras aplaudidas pelos colegas). A bacia do Doce conta com vocês.

RIO GUANDU

Por José Coelho, morador de Baixo Guandu

Rio Guandu eu te lembro
no meu tempo de criança.
Nunca me foge a mente
esta saudosa lembrança.

Tuas águas verdejantes,
tuas águas cristalinas,
teus afluentes velozes,
Riscando de branco as colinas.

Qual meninos argilosos,
com giz roubado na mão,
riscando as paredes que cercam
meu pequeno coração.

Ao entardecer eu ouvia
nas tuas águas a brincar
na sombra do ingazeiro,
Canto do sabiá.

Quantos peixes, quantos pássaros
todos em variedades mil!
Rio da minha cidade,
tesouro do meu Brasil.





ITAGUAÇU

Um bom lugar para viver

Localizado na região oeste do estado do Espírito Santo, o município de Itaguaçu apresenta relevo fortemente ondulado e montanhoso, com clima tropical e altitude que varia de 120m (Pontal) a 1.210m (Areia Branca). Seus principais rios são o Santa Joana e o Sobreiro, na bacia do rio Doce. Possui uma área de 524,15km², uma população de 15 mil habitantes e fica a 135km da capital, Vitória.

A base da economia de Itaguaçu é o cultivo do café, explorado com bom nível tecnológico, nas variedades conilon e arábica. Ainda na agricultura, destacam-se os cultivos de banana, mamão, tomate, pepino e outros hortifrutigranjeiros. A criação de gado leiteiro e o extrativismo de granito completam suas principais atividades econômicas.

O município foi criado por desmembramento de Afonso Cláudio e instalado no dia 17 de fevereiro de 1915, data da emancipação política e Dia do Município. Denominado inicialmente de Nossa Senhora da Boa Família, depois Boa Família, por força da Lei Estadual 1.307, de 30 de dezembro de 1921, o município recebeu a denominação de Itaguaçu. Hoje possui três distritos, além da sede, Itaimbé, Itaçu e Palmeira.

Itaguaçu tem um povo muito hospitaleiro, solidário, alegre e festeiro, razão das festividades que ocupam o calendário o ano inteiro, tais como a Festa de Emancipação Política (17 de fevereiro), o Concurso Leiteiro e Feira de Animais (final de julho), Carnaguaçu e o Reveillon. Destaca-se a Fitac – Fes-

ta Itaguaçuense das Culturas, que acontece no início de setembro. O evento tem por objetivo resgatar as tradições das etnias que deram origem ao município - indígena, portuguesa, africana, italiana e alemã (pomerana), através de sua cultura, seus costumes e sua culinária. A Fitac apresenta inúmeras manifestações culturais de música, dança, poesia, festival de concertina, peças teatrais, exposição de peças antigas além de ser oportunidade de reencontro de itaguaçuenses ausentes e presentes.

O município vem trabalhando forte na área do turismo, fazendo parte da Rota Caminhos do Imigrante, explorando sua potencialidade na farta gastronomia, nos esportes e nas belezas naturais (formações rochosas, cachoeiras e matas).



ORGULHO DE SUA TERRA E DE SUA GENTE

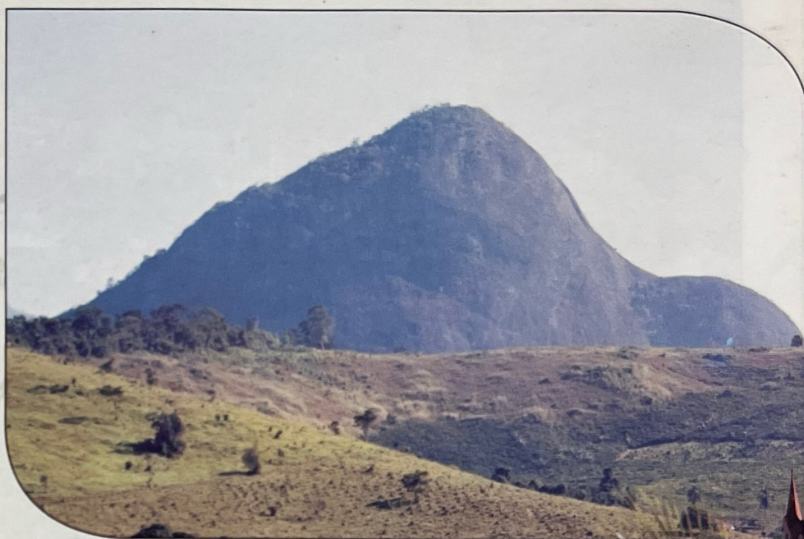
Alguns chamam de "O Pequeno Grande", outros de "Atenas Capixaba", mas o certo é que a cidade da Pedra Grande (Itaguaçu, em tupi-guarani), antes conhecida como Boa Família, tem sua força na união do seu povo, digno daquele antigo nome. É terra de Danuza Leão, dos desembargadores Elpídio Duque e Catarina Novaes, do Procurador de Justiça Domingos Ramos Ferreira, dos empresários Otacílio, Jair, Gersino e Zuca Coser, dentre outros tantos filhos que têm orgulho de ser parte de nossa história.

Itaguaçu tem se destacado na educação (ficando em primeiro lugar no Estado na avaliação do Ideb - Ministério da Educação), na saúde (Projeto Saúde do Adolescente - com o Labirinto, a Tenda Cigana, o Túnel das Drogas e Fórmula I da Saúde) com reconhecimento pela Secretaria de Estado da Saúde e pelo Ministério da Saúde, no eco e no agriturismo (Rota Caminhos do Imigrante), e na cultura, através da Fitac.

Não faltam motivos para os itaguaçuenses terem muito orgulho de sua terra.

Romário Celso Bazílio de Souza
Prefeito de Itaguaçu

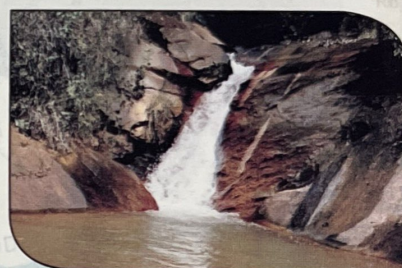
CARTÃO POSTAL



Pedra do Barro Preto - símbolo maior e origem do nome da cidade



Pedra do Cinco Pontões



Cachoeira do Alto Sobreiro

ESPIRITO SANTO PROJETOSOCIAL

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Amanda Leite Cunha, através do Programa Sítio Esperança, oferece atendimento educacional a 228 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. Esse trabalho é realizado em tempo integral para os alunos de 1ª a 4ª séries com ensino regular e atividades complementares. Para os

alunos de 5ª a 8ª são oferecidas as ações educativas complementares como pátina, pintura em tecido, brocha, bordado a mão, manicure, judô, capoeira, atividades recreativas, canto coral, coral instrumental, oficina de leitura, informática, reforço escolar, crochê e educação ambiental três vezes na semana.





Lagoas de Linhares.

A natureza de braços abertos para você!

"Esperamos sua visita às nossas lagoas durante o 4º Fórum das Águas do Rio Doce. As lagoas fazem parte do meio ambiente, preservá-las é nosso dever e contribuição com o mundo em que vivemos".

Tunico, o prefeitinho das Lagoas
biofossa@zipmania.com.br

As belas imagens desta página
são trabalho do fotógrafo José
Alberto Damasceno.
albertopanorama@hotmail.com



O minério de ferro que a Samarco recebe da natureza retorna como preservação ambiental.

A Samarco reaproveita mais de 94% da água utilizada no seu processo produtivo.

Gerencia constantemente os resíduos e as emissões atmosféricas. Reabilita áreas alteradas e preserva a biodiversidade. Investe na educação ambiental dos empregados e das comunidades do entorno. Mas, o mais importante é que a empresa atua com foco no desenvolvimento sustentável: valor indispensável ao seu crescimento e ao futuro das próximas gerações.

Há 30 anos, a Samarco escreve uma história de respeito ao meio ambiente.

